

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERUNIDADES EM  
MUSEOLOGIA**

**Maria Tereza Vieira Parente**

**Embates da memória na arena tapireense: “inventários participativos” como instrumento de abertura museal**

São Paulo  
2023

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERUNIDADES EM**  
**MUSEOLOGIA**

**Maria Tereza Vieira Parente**

**Embates da memória na arena tapireense: “inventários participativos” como instrumento de abertura museal**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo

Área de Concentração: Museologia

Orientadora: Prof. Dra. Maria Cristina Oliveira Bruno

Linha de Pesquisa: Teoria e método da gestão patrimonial e dos processos museológicos

**São Paulo**  
**2023**

Autorizo a reprodução e divulgação integral ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

E-mail: [terezaparente@gmail.com](mailto:terezaparente@gmail.com)

Ficha catalográfica elaborada pelo Serviço de Biblioteca e Documentação,  
MAE/USP, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

**Nome:** Maria Tereza Vieira Parente

**Título:** Embates da memória na arena tapirense: “inventários participativos” como instrumento de abertura museal

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Museologia

**Banca examinadora**

---

Profa. Dra. Maria Cristina Oliveira Bruno (orientadora)

---

Prof. Dr. Camilo de Melo Vasconcellos

---

Profa. Dra. Camila Azevedo de Moraes Wichers

---

Prof. Dr. Diego Lemos Ribeiro

À família Parente e aos amigos que viraram  
parentes, alargando minha percepção de família.  
Sobretudo, aos nossos mestres, com carinho.

## AGRADECIMENTOS

A trajetória percorrida para a apresentação dessa dissertação foi longa. Envolveu processos de ensino-aprendizagem complexos, que além de me permitirem conhecer muitos lugares e sujeitos de saber, me abriram as portas para vivências que, cada vez mais, me fizeram convicta da escolha do caminho educacional para meu futuro profissional. Por isso, agradecer as pessoas que me deram suporte nessa jornada não é fácil, mas certamente conduz a um exercício de memória prazeroso, motivador e carregado das mais variadas emoções.

À minha orientadora, Profa. Dra. Maria Cristina Oliveira Bruno, que sempre foi muito generosa no compartilhamento de experiências e conhecimentos. Me recordo de vê-la na sala ao lado do educativo MAE/USP, sempre dedicada e animada conversando com jovens estagiários e estagiárias como eu, por volta de 2004. É com admiração que destaco o quão inspirador tem sido aprender com seu empenho e espírito militante, atributos que sem dúvidas me alimentaram em momentos de alegrias e de inseguranças. De modo particular, compartilho meu agradecimento por não ter deixado de acreditar no meu trabalho, mesmo quando tive incertezas a respeito da minha capacidade.

À banca de qualificação, formada pela minha orientadora e pelos professores Dr. Diego Lemos Ribeiro e Dra. Marília Xavier Cury. As valiosas contribuições foram incorporadas ao texto final, embora muitas das reflexões ainda careçam de amadurecimento. Tenho o prazer de mencionar que continuarei me dedicando a melhorar as proposições.

À minha família, que diariamente me ensina a importância do convívio amoroso e respeitoso: Nelson Parente, meu pai, que me ensinou sobre generosidade, (im)paciência e honestidade – e que, sobretudo, vem me ensinando sobre “amar além da vida” (*in memoriam*); à Rita de Fátima Rozetti Parente, que além de ser minha mãe, é a mulher da minha vida – e que me mostra que “ser mãe” extrapola quaisquer fronteiras.

Aos meus irmãos Nelson Vieira Santana Parente e Nathália Rozetti Parente Moreira, que me pregaram peças, tomaram refri comigo, jogaram “gol” à minha revelia e esperaram ansiosamente pelo exame médico pra ir na piscina no verão: os laços criados estão na presença de Peter Moreira, Gisele Parente e dos meus sobrinhos terrores Tyler Dimitri Parente Moreira e Ivy Parente Moreira.

Ao meu esposo Rodrigo H. Biscalchim, que me acompanhou nessa jornada com sobriedade, carinho e amor. Contar com sua calma em momentos difíceis foi essencial;

acompanhá-lo na sua trajetória, tão diversa da minha, foi inspirador para equalizar excessos de passionalidade e para projetar coisas boas – e concretas. Nosso companheirismo, complementaridade e amor têm sido meu pilar.

A todos os funcionários e funcionárias do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP), instituição que me acolheu desde o ano de 2003, quando iniciei meus estudos no curso de Ciências Sociais (FFLCH/USP). Na ocasião, tive o privilégio de atuar como estagiária do setor educativo (2004-2007), onde pude aprender com meus coordenadores, Prof. Dr. Camilo de Melo Vasconcelos, Dra. Carla Gibertoni Carneiro e Ms. Judith Mader Elazari. Conteí também com o companheirismo de Cida Santos, Chica, José Devanir, Hélio Rosa Miranda, Márcio Pontes, Roberto Nicácio e Taia Castelani, que me motivaram desde que cheguei ao MAE/USP.

Ao Prof. Dr. Eduardo Góes Neves, que me abriu as portas para o trabalho de campo em arqueologia através do Projeto Amazônia Central, no qual fiz muitos amigos e tive a oportunidade de aprender e contribuir junto à a equipe educativa, ao lado do Dr. Fábio Guaraldo Almeida e sob a coordenação Dra. Carla Gibertoni Carneiro.

À Dra. Helena Pinto Lima e Ms. Bruno Moraes, que me propiciaram as vivências incríveis no campo da arqueologia colaborativa, com experiências marcantes como aquelas que compartilhamos em Parintins/AM, no ano de 2007. Nesse sentido, agradeço a Dona Fátima e todos aqueles que nos acolheram na comunidade Santa Rita de Cássia, na região da Valéria.

Aos meus amigos da Arqueologika, Alexandre Hering e Dra. Cássia Bars, que me presentearam com vivências incríveis em projetos de arqueologia preventiva. As experiências foram variadas, em diversos municípios pelo Brasil, e invariavelmente me levaram a revisitar e a exercitar os aprendizados da vida acadêmica, especialmente aqueles adquiridos a partir das vivências junto ao setor educativo do MAE/USP. A responsabilidade com a qual atuam sem dúvidas tem sido um diferencial no campo da Arqueologia, reforçando o convite – ou intimação – para que pesquisadores.

Particularmente agradeço à parceira Msc. Luiza Maciel, que esteve em Tapira conosco em 2017, ocasião na qual contribuiu de forma decisiva para o rumo do projeto educativo; aos amigos Dr. Diego Lemos Ribeiro e Dra. Jossana Peil, que nos ajudaram com afeto e muito conhecimento técnico a pensar nas proposições suscitadas pelos processos museológicos em curso no território tapirense; e Caio Bars, que produziu cuidadosamente os materiais gráficos associados à I e à II Mostra do patrimônio Cultural de Tapira.

Ao Dr. José Bittencourt, que fez cuidadosas leituras dos relatórios técnicos produzidos pela Arqueologika, bem como disponibilizou seu tempo para discutir as

especificidades de Tapira em valiosos diálogos que antecederam a produção da presente dissertação.

Às amigas Msc Jaqueline Belletti, Jordana Goulart e Msc Tânia Ferraz, com as quais compartilhei angústias, conquistas, encontros, e que desde 2006 só me ajudam a amadurecer enquanto pessoa e enquanto profissional.

Aos colegas do PPGMus/USP, especialmente Danieli Leite, pela parceria na Representação Discente (2021-2022); às companheiras do Grupo de Trabalho de Acervos Arqueológicos (GTA), da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB) – gestão 2021-2023 –, Dra. Meliam Gaspar, Msc. Paula Aguiar e Msc. Taynara Nascimento.

Ao amigo e notável pesquisador, educador, Dr. Maurício André Silva, meu parceiro de estágios de final de semana e feriado no MAE/USP, meu pé no chão para lembrar e reler minhas jornadas... e minha ponte para a mais genuína tríade aberta de amizade, irradiada através de Msc. Juliana Campoi e Msc. Rodrigo Brucoli, que me trouxeram outros presentes: Fabiano Gonper, Wender Silva, Pedro Paulo de Andrade, Raul Uirá e Mani. Foram muitos os perrengues, presenças e ausências. Mas o amô, suporte e inspiração mantêm laços cada vez mais fortes de amizade.

Agradeço particularmente por todos os cafés, prosas, cantorias e portas abertas que a população tapirense nos proporcionou. São muitas as pessoas, mas não posso deixar de mencionar Sra. Elta Aparecida Cardoso e Josenice Paiva; professores e alunos das escolas E.M. Alvina Alves, C.E.M.E.I. Comecinho de Vida, E.M. Vicente Pereira Fernandes e E.E. Maria Cecília Neves; aos jovens aprendizes do CAMTA, coordenado pelas Sra. Sabina Meira e Elba Regina Pontes Machado; à Dona Maria Geralda de Souza Silva, Wister Leone de Souza Silva; “às Terezas” Ana Lucia Soares e Ozanda Cirpiano Silva (*in memoriam*), que nos abrigaram com carinho na acolhedora Pousada Portal da Canastra.

A todos aqueles que me deram espaço para sentar às suas “mesas” de ensino-aprendizagem: salas de aula, varandas, campos de futebol, quintais, espacinho na rabeta, pracinhas, hortas, redes pra dormir... espaços que desde 2004 vêm me ensinando e me convidando a remexer memórias – exercício que cada vez mais me faz criar raízes, afetos e saudades.



## Resumo

A presente pesquisa insere-se no atual debate sobre gestão de acervos arqueológicos, buscando considerá-lo no contexto mais amplo da crescente valorização das ações educacionais para a constituição e existência de instituições museológicas plurais. Nosso objetivo geral é explicitar os embates que invariavelmente acompanham a consolidação desses processos quando atrelados à arqueologia preventiva, explicitando-os através da apresentação do *Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico Sítio Valter Dentista*, parte do licenciamento empreendido por uma empresa de extração de fosfato, em Tapira/ MG. Neste município, a “vontade de museu” por parte da população local confluiu com a demanda concreta pela construção de uma instituição museológica como condicionante proposta pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional de Minas Gerais (IPHAN-MG) – demanda essa que, apesar de ter sido revertida, *ativou* musealidades locais. Neste município, foi feita uma pesquisa empírica e de cunho participativo, cujas bases metodológicas centraram-se na produção de “inventários participativos” como parte da estratégia pedagógica, bem como ferramenta de produção de diagnóstico museológico. Espera-se que, ao compartilhar os *embates* experienciados em tal vivência, a problematização de parâmetros e procedimentos de musealização da arqueologia conduza a aberturas que *validem* as experiências e intelectualidades locais, conforme perspectivas arqueológicas e museológicas contemporâneas, bem como aos instrumentos legais pertinentes.

**Palavras-chave:** Inventários participativos; musealização da Arqueologia; gestão do patrimônio arqueológico; Tapira.

## **ABSTRACT**

This research is part of the current debate on the management of archaeological collections, seeking to consider it in the broader context of the growing appreciation of educational actions for the constitution and existence of plural museological institutions. Our general objective is to explain the clashes that invariably accompany the confirmation of these processes when linked to preventive archeology, explaining them through the presentation of the Archaeological Heritage Management Program Sítio Valter Dentista, part of the licensing in understood by a phosphate receiving company, in Tapira/MG. In this municipality, a “willingness to be a museum” on the part of the local population converged with the concrete demand for the construction of a museum institution as a conditional proposal of the Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional de Minas Gerais (IPHAN-MG). In this municipality, empirical and participatory research was carried out, whose methodological bases were centered on the production of “participatory inventories” as part of the pedagogical strategy, as well as a tool for producing a museological diagnosis – a guiding document that precedes the Museological Plan. It is hoped that, by sharing the clashes experienced in such an experience, the problematization of parameters and procedures of musealization of archeology will lead to openings that validate local experiences and intellectualities, according to contemporary archaeological and museological perspectives, as well as the relevant legal instruments.

**Keywords:** Participatory Inventories; Musealization of Archeology; Management of Archaeological Collections; Tapira.

## Sumário

Resumo .....	8
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>CAPÍTULO 1: Arena museal como propósito: embates produtivos como centro de reflexão</b> .....	24
<b>CAPÍTULO 2: “Processos museológicos nos caminhos tapirenses: passos para valorização de embates memoráveis”</b> .....	34
2.1. Território TapireNSE .....	37
2.2. “Inventários Participativos” como instrumento de abertura museal: o caso de Tapira/MG .....	41
2.2.1. <i>I Mostra do Patrimônio Cultural de Tapira – 2017</i> .....	42
2.2.2. <i>II Mostra do Patrimônio Cultural de Tapira – 2018</i> .....	65
2.3. O museu “antes” do museu: processos museológicos em andamento .....	92
<b>CAPÍTULO 3 – Proposições e desafios para o Museu de Tapira: aprendizados pelos diálogos</b> .....	113
3.1. Plano Conceitual: o território tapireNSE como identidade museológica .....	115
3.1.1. Repatriando memórias: sítio arqueológico Valter Dentista de volta a Tapira .....	117
3.1.2. Missão, Visão e Valores .....	120
3.1.3. Potencialidades e Fragilidades .....	121
3.2. Plano Arquitetônico .....	122
3.3. Programas e Linhas de Ação Museológica .....	129
3.3.1. Programas de Pesquisa e Documentação .....	131
3.3.2 Programa de comunicação (exposição e educação museológica permanente) .....	131
3.4. Plano de Sustentabilidade .....	134
Considerações Finais .....	136
Referências Bibliográficas .....	140
Anexos e Apêndices .....	147

## Índice de Figuras

Fig. 1: Imagem ilustrativa da localização do município de Tapira em relação ao estado de Minas Gerais e ao empreendimento (BARS HERING, C. et al., 2018). .....	20
Fig. 2: Áreas alvo de estudos arqueológicos – Complexo de Mineração de Tapira (mapa: Marcos Brito) (BARS HERING, C. et al., 2020). .....	20
Fig. 3 e Fig. 4: Museu do Alto Sertão da Bahia (MASB). .....	30
Fig. 5, Fig. 6, Fig. 7, Fig. 8, Fig. 9, Fig. 10 e Fig. 11: Os sentidos na memória: diálogos com educadores (Módulo I). Fotos: Acervo Arqueologica. ....	44
Fig. 12, Fig. 13, Fig. 14, Fig. 15, Fig. 16, Fig. 17: “Exposições” organizadas pelos professores para os encontros do Módulo II. Fotos: Acervo Arqueologica. ....	45
Fig. 18 e Fig. 19: Dona Mariinha e ex-prefeito Manuel Messias oferecendo suas contribuições. Fotos: Acervo Arqueologica. ....	46
Fig. 20 e Fig. 21: Apresentação de teatro inspirada na História de Tapira. Fotos: Acervo Arqueologica. ....	46
Fig. 22, Fig. 23, Fig. 24, Fig. 25, Fig. 26: Propostas cartográficas em construção pelos jovens do CAMTA. Fotos: Acervo Arqueologica. ....	50
Fig. 27, Fig. 28, Fig. 29, Fig. 30, Fig. 31, Fig. 32, Fig. 33, Fig. 34: trabalho de campo com os jovens do CAMTA. Fotos: Acervo Arqueologica. ....	52
Fig. 35 e Fig. 36: Mapa Cultural de Tapira desenhado pelo GT Desenhos. CAMTA 2017; Mapa diagramado pela Arqueologica a partir do trabalho dos alunos. CAMTA 2017. ....	54
Fig. 37: Cartaz de divulgação - I Mostra do Patrimônio Cultural de Tapira. 2017. ....	55
Fig. 38, Fig. 39, Fig. 40, Fig. 41: Organização coletiva da I Mostra do Patrimônio Cultural de Tapira. Fotos: Acervo Arqueologica. ....	56
Fig. 42, Fig. 43: Salão Principal. Fotos: Acervo Arqueologica. ....	56
Fig. 44, Fig. 45, Fig. 46, Fig. 47: Salas 1 e 2 – “Arqueologia em Tapira”. Fotos: Acervo Arqueologica. ....	57
Fig. 48, Fig. 49, Fig. 50, Fig. 51: Sala 3: “Patrimônio material e imaterial em Tapira”. Fotos: Acervo Arqueologica. ....	58
Fig. 52, Fig. 53, Fig. 54: Sala 4: “A cozinha tapirense”. Fotos: Acervo Arqueologica. ...	59
Fig. 55 e Fig. 56: Sala 5: “Personagens tapirenses”. Fotos: Acervo Arqueologica. ....	60
Fig. 57, Fig. 58: Espaço Re-criar. Fotos: Acervo Arqueologica. ....	61
Fig. 59, Fig. 60: cerimônia de abertura da I Mostra do patrimônio Cultural de Tapira. Fotos: Acervo Arqueologica. ....	61
Fig. 61, Fig. 62: Apresentações musicais e dança do engenho. Fotos: Acervo Arqueologica. ....	62
Fig. 63, Fig. 64: Professores e alunos das Escolas Alvina Alves Rezende e Escola Estadual Prof. Cecília Maria de Rezende Neves fazendo a visitação em grupos. Fotos: Acervo Arqueologica. ....	62
Fig. 65, Fig. 66, Fig. 67, Fig. 68: Crianças e adolescente aproveitaram a Sala de Re-Criação, onde observaram os vídeos projetados, conversaram, desenharam, aprenderam e ensinaram sobre o Patrimônio Cultural de Tapira. Fotos: Acervo Arqueologica. ....	63
Fig. 69, Fig. 70, Fig. 71, Fig. 72: Desenhos produzidos na sala de Re-Criação. ....	63
Fig. 73, Fig. 74, Fig. 75, Fig. 76, Fig. 77, Fig. 78, Fig. 79 e Fig. 80. Crianças e adultos interagem com a exposição. Fotos: Acervo Arqueologica. ....	65

Fig. 81, Fig. 82, Fig. 83, Fig. 84: O Casarão como depósito. Fotos: Acervo Arqueologika. ....	66
Fig. 85, Fig. 86, Fig. 87, Fig. 88: Casarão de portas abertas! Fotos: Acervo Arqueologika. ....	67
Fig. 89 e Fig. 90: Laboratório adaptado ao Casarão. Fotos: Acervo Arqueologika. ....	68
Fig. 91 e Fig. 92: Alunos do CAMTA em visita ao laboratório. Fotos: Acervo Arqueologika. ....	69
Fig. 93: Aula preparatória para a Semana de Meio Ambiente da Mosaic. Foto: Acervo Arqueologika. ....	70
Fig. 94: Stand montado pelos jovens aprendizes. Foto: Acervo Arqueologika. ....	71
Fig. 95 e Fig. 96: Jovens Aprendizes recebendo visitantes em seu stand. Fotos: Acervo Arqueologika. ....	71
Fig. 97, Fig. 98: Oficina Jovens Oradores Conta Velhas Histórias. Fotos: Acervo Arqueologika. ....	71
Fig. 99, Fig. 100, Fig. 101, Fig. 102: Oficina Minhas memórias, nossa Tapira. Fotos: Acervo Arqueologika. ....	73
Fig. 103: Oficina de Arteterapia junto à Melhor Idade. Fotos: Acervo Arqueologika. ....	73
Fig. 104, Fig. 105: Acolhimento dos Jovens Multiplicadores. Fotos: Acervo Arqueologika. ....	74
Fig. 106, Fig. 107: Jovens Multiplicadores exercitando atividades de laboratório. Fotos: Acervo Arqueologika. ....	75
Fig. 108, Fig. 109: Jovens Multiplicadores exercitando atividades de educação. Fotos: Acervo Arqueologika. ....	75
Fig. 110, Fig. 111, Fig. 112, Fig. 113, Fig. 114, Fig. 115: Trabalhos feitos pelos alunos para o concurso de desenhos. ....	76
Fig. 116: Jovens multiplicadores que contribuíram para o bom andamento dos trabalhos. Foto: Acervo Arqueologika. ....	77
Fig. 117, Fig. 118, Fig. 119, Fig. 120, Fig. 121, Fig. 122: Oficinas com alunos. Fotos: Acervo Arqueologika. ....	79
Fig. 123: Cartaz de divulgação - II Mostra do Patrimônio Cultural de Tapira. 2018. ....	81
Fig. 124, Fig. 125, Fig. 126, Fig. 127, Fig. 128 e Fig. 129: Cerimônia de abertura da II Mostra do Patrimônio Cultural de Tapira. Fotos: Acervo Arqueologika. ....	82
Fig. 130, Fig. 131, Fig. 132, Fig. 133: Montagem coletiva da II Mostra do Patrimônio Cultural de Tapira. Fotos: Acervo Arqueologika. ....	83
Fig. 134, Fig. 135, Fig. 136, Fig. 137: Público apreciando os materiais de leitura dispostos na sala de acolhimento. Fotos: Acervo Arqueologika. ....	84
Fig. 138, Fig. 139: Visitantes espontâneos na sala de acolhimento. Fotos: Acervo Arqueologika. ....	84
Fig. 140, Fig. 141, Fig. 142: Alunos interagindo na sala de acolhimento. Fotos: Acervo Arqueologika. ....	85
Fig. 143, Fig. 144, Fig. 145 e Fig. 146: visitantes observando fragmentos cerâmicos no microscópio. Fotos: Acervo Arqueologika. ....	86
Fig. 147, Fig. 148, Fig. 149: Sala Minhas Memórias, Nossa Tapira. Fotos: Acervo Arqueologika. ....	87
Fig. 150, Fig. 151, Fig. 152, Fig. 153: Visitantes interagindo com objetos da sala Hora de Brincar com Memórias. Fotos: Acervo Arqueologika. ....	88
Fig. 154, Fig. 155, Fig. 156, Fig. 157, Fig. 158, Fig. 159, Fig. 160 e Fig. 161: Vista geral da sala Patrimônio Cultural Tapirense. Fotos: Acervo Arqueologika. ....	89

Fig. 162 e Fig. 163: Alunos da E.M. Alvina Alves se reconhecendo na exposição. Fotos: Acervo Arqueologika.....	89
Fig. 164, Fig. 165, Fig. 166,e Fig. 167: Sala Patrimônio Cultural Tapirense. Fotos: Acervo Arqueologika.....	90
Fig. 168, Fig. 169, Fig. 170, Fig. 171, Fig. 172 e Fig. 173: Visitantes na Cozinha Tapirense. Fotos: Acervo Arqueologika.....	91
Fig. 174: Feira Livre da Tapira, importante espaço de sociabilidade. Fotos: Acervo Arqueologika. ....	97
Fig. 175 e Fig. 176: Produtos e produtores da Fazenda Veneranda. Fotos: Acervo Arqueologika. ....	98
Fig. 177 e Fig. 178: Doces em compota da Fazenda Tamboril; carnes da Fazenda Campo Alegre. Fotos: Acervo Arqueologika. ....	98
Fig. 179 e Fig. 180: Fogão a lenha onde se produz a carne seca (defumada). Na cozinha, a presença de muitos dos produtos cultivados na fazenda, como o café. Fotos: Acervo Arqueologika.....	99
Fig. 181, Fig. 182 e Fig. 183: Bica d'água e monjolo na Fazenda Veneranda. Fotos: Acervo Arqueologika.....	100
Fig. 184 e Fig. 185. Curral e engenho movido a bois. Fazenda Veneranda, 2017. Fotos: Acervo Arqueologika.....	100
Fig. 186 e Fig. 187. Detalho de engenho e maquinário de beneficiamento de grãos. Fotos: Acervo Arqueologika.....	100
Fig. 188, Fig. 189, Fig. 190, Fig. 191, Fig. 192 e Fig. 193: Fazenda Campo Alegre. Fotos: Acervo Arqueologika.....	102
Fig. 194, Fig. 195, Fig. 196 e Fig. 197. Senhor Luiz Barcelos mostrando reparos que está promovendo em sua fazenda para valorizar os bens culturais tapirenses (esq.) e verificando o conteúdo das fichas de inventário produzidas pela equipe da Arqueologika (BARS HERING, 2011). Fotos: Acervo Arqueologika.....	103
Fig. 198, Fig. 199, Fig. 200: Salão onde são realizados pequenos eventos, objetos antigos utilizados como decoração: a balança e a candeia, tambueiro pendurado na janela, luminárias de cabaça e telha, lampião. Fotos: Acervo Arqueologika.....	104
Fig. 201, Fig. 202, Fig. 203: Miniusina, moedor feito de pedra e moinho (roda d'água). Fotos: Acervo Arqueologika.....	104
Fig. 204, Fig. 205, Fig. 206 e Fig. 207: Sr. Luiz Barcelos mostra seu acervo de fotografias do local conhecido como engenho. Fotos: Acervo Arqueologika. ....	105
Fig. 208, Fig. 209 e Fig. 210: Senhora Cida procura no livro de história da cidade, referências sobre sua história de vida. Fotografia e verso do avô de Cida, Manuel Gomes de Freitas e seu tio avô, Ancelmo. Fotos: Acervo Arqueologika. ....	106
Fig. 211 e Fig. 212. Fotografia do carro de bois de sua família; fotografia da olaria de seu pai. Fotos: Acervo Arqueologika.....	107
Fig. 213 e Fig. 214. Álbum dedicado a Ivo Cândido Florenço; Fotografia do OIaria Futebol Clube. Fotos: Acervo Arqueologika.....	107
Fig. 215, Fig. 216, Fig. 217: Sra. Cida mostra os objetos antigos que tem guardados em casa: forno de barro e tacho de cobre; moedor de ferro, chaleira, ferro à brasa, plaina. Fotos: Acervo Arqueologika.....	107
Fig. 218, Fig. 219, Fig. 220, Fig. 221 e Fig. 222. Senhores Tiago e Maria Izabel Machado mostram álbuns de fotografias e objetos. Senhor Tiago mostra sua oficina de reparos de carros de boi. Fotos: Acervo Arqueologika. ....	109
Fig. 223: Vista geral do município de Pains. 2021. Fotos: Acervo Arqueologika.....	117
Fig. 224 e Fig. 225: Vista frontal e vista posterior do casarão principal do Museu Arqueológico do Carste do Alto São Francisco. Fotos: Acervo Arqueologika.....	118

Fig. 226 e Fig. 227: Fachada da Reserva técnica do Museu Arqueológico do Carste do Alto São Francisco (MAC) – construção anexa ao Casarão principal. Fotos: Acervo Arqueologika. ....	118
Fig. 228: Exposição permanente no MAC/ Pains. Fotos: Acervo Arqueologika. ....	119
Fig. 229, Fig. 230, Fig. 231 e Fig. 232: Vestígios em exposição permanente no MAC/ Pains. Fotos: Acervo Arqueologika. ....	119
Fig. 233 e Fig. 234: Armazenamento do acervo produzido a partir da escavação do sítio arqueológico Valter Dentista no MAC/ Pains em 2018. Fotos: Acervo Arqueologika. ....	120
Fig. 235, 236 e 237. I Mostra do Patrimônio Cultural de Tapira, realizada no Casarão Mariinha Barcelos. Fotos: Acervo Arqueologika.....	124
Fig. 238: Casarão da Sra. Izaíra, com dois andares. Ao fundo (esquerda) é possível ver a igrejinha do Rosário. Fotos: Acervo Arqueologika. ....	125
Fig. 239 e Fig. 240: Revitalização da Bica de Água Sulfurosa, em 2018. Fotos: Acervo Arqueologika. ....	126
Fig. 241 e Fig. 242: Bica de Água Sulfurosa em maio de 2021. Fotos: Acervo Arqueologika. ....	126
Fig. 243: Equipe da Arqueologika em diálogo com a Sra. Izaíra Rezende. Maio de 2021. Fotos: Acervo Arqueologika.....	126
Fig. 244 e Fig. 245: Vista frontal e entrada lateral do terreno da Sra. Izaíra. Fotos: Acervo Arqueologika.....	127
Fig. 246 e Fig. 247: Equipe Arqueologika vistoriando o piso superior da edificação da Sra. Izaíra (esq.); Piso inferior da edificação, onde atualmente funciona uma loja de ferragens (dir.). Fotos: Acervo Arqueologika. ....	127
Fig. 248, Fig. 249, Fig. 250 e Fig. 251: terreno da Stra. Izaíra, onde estão estruturas relacionadas à produção do sal sulfuroso e onde é coletada a lama negra. Fotos: Acervo Arqueologika.....	128

## **INTRODUÇÃO**



A história de constituição dos acervos arqueológicos no Brasil encontra, no surgimento e consolidação da Arqueologia Preventiva, um marco urgente de reflexões propositivas, considerando-se a complexidade da cadeia operatória museológica que, simultaneamente, lhes confere sentido e orienta buscas por sustentabilidade. As experiências documentadas nas últimas décadas mostram que não tem sido trivial equalizar a multiplicidade de conexões entre as pesquisas arqueológicas, as instituições museológicas, a legislação de referência e, principalmente, as diferentes formas de relação que são estabelecidas com as populações locais através do patrimônio arqueológico. O mosaico que os elementos da cadeia operatória museológica assumem, nesse cenário, ganham contornos particulares que requerem constantes avaliações.

Tal contexto nos remete a um cenário amplo, no qual a atuação cada vez mais determinante de grupos historicamente marginalizados passa a pautar novos debates e a promover redirecionamentos epistemológicos no campo das ciências – como em outras dimensões da vida social (SILVA et al. 2010, 2011). Apropriar-se das ferramentas que garantem a pluralidade de narrativas aparece como importante cerne dessa arena, na qual diferentes versões do passado tomam a forma de uma competição produtiva, construída a partir de uma diversidade de referenciais étnicos, culturais, políticos, sociais, de gênero entre outros (MORAES WICHERS, 2021; 2017; LIMA, 2007).

No campo da Museologia esse cenário encontra forma nas constantes problematizações acerca das características e funções tradicionais dos museus (BRULON, 2020; LIMA, 2016; VARINE, 2014, 2005; MAIRESSE, 2000; MOUTINHO, 1995), e no entendimento de que a função pedagógica dessas instituições é basilar para o estabelecimento de relações éticas e para o fortalecimento do vínculo de sua cadeia operatória com a sociedade (BRUNO, 2017; 2006).

Trata-se de um redirecionamento do modo de lidar com como os objetos são salvaguardados e expostos (LIMA e SILVA, 2015; SILVA e LIMA, 2015), redimensionando práticas correntes de coleção e propiciando outros modos de relação entre o público, as pessoas produtoras desses objetos e suas histórias. Parte-se, nesse sentido, da premissa de que as interferências propostas por agentes contemporâneos, sejam eles cientistas ou não, podem resultar em um fazer museológico mais abrangente e na formação de acervos mais abertos, representativos e diversos.

Ao conferir protagonismos para essa vocação educacional, algumas experiências museológicas culminaram na emergência de novos modelos institucionais, proporcionando a abertura do campo para modelos que têm na sociedade – diversa e permeada por conflitos por excelência – seu *locus* privilegiado de nascimento e dinâmica de existência, atrelando-se a questões locais latentes.

Importantes documentos destacam-se a esse respeito, como a Recomendação para a Proteção e Promoção dos Museus e Coleções, sua Diversidade e seu Papel na Sociedade da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2015), que aparece como expoente no reconhecimento da importância de as instituições museológicas estarem conectadas com questões locais, realçando o papel que desempenham na promoção da inclusão e integração social, bem como em sua existência como ferramenta transformadora em favor dos direitos à terra, à voz e à memória.

O conjunto de temas abordados neste documento pode ser considerado um marco importante na ampliação e consolidação de argumentos centrais debatidos pelo Movimento Internacional para uma Nova Museologia (MINOM) e, também, pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM, na sigla em inglês). Destaca-se a esse respeito a nova definição de Museus aprovada pelo ICOM, na qual consta:

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Os museus, abertos ao público, acessíveis e inclusivos, fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Os museus funcionam e comunicam ética, profissionalmente e, com a participação das comunidades, proporcionam experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimento. (ICOM, 2022).

Essa discussão encontra raízes na Mesa-redonda de Santiago do Chile, que em 1972 reuniu uma série de museólogos, museólogas e outros profissionais. Na ocasião, o “museu integral” passou a ser mais fortemente delineado, iniciando uma verdadeira revolução no campo museológico. Se antes disso ele era pautado por uma prática centrada no trinômio edifício – coleção – público, agora ele passa a ser pensado em termos de um território, patrimônio e comunidade. Em linhas gerais passou-se a discutir de forma aberta e explícita o papel social do museu.

Dessa perspectiva, os museus podem ser compreendidos como irradiadores de relações sustentáveis através da participação ativa das comunidades locais em todos os processos que envolvem sua constituição (desde a escolha dos bens patrimoniais até as decisões a respeito de como gerir e tornar públicos seus acervos). Trata-se de caminhos no sentido de construir perspectivas museológicas nas quais seu caráter simultaneamente social e participativo tenha centralidade, destacando os compromissos que efetivamente são empreendidos junto às comunidades onde atuam.

Tais premissas ganham contornos expressivos quando associadas a grupos historicamente marginalizados e às suas lutas por afirmação e resistência. Destacam-se a esse respeito os museus indígenas (VIDAL, 2013; OLIVEIRA, 2012; ROCA, 2015; CURY, 2017; GOMES e NETO, 2018), os museus comunitários (AVELAR, 2015;

CUTRIM, 2015; SANTOS, 2017; WILD, 2017), além de diversos outros museus não-indígenas dedicados a conferir visibilidade a memórias silenciadas. O contexto de emergência ou mesmo as transformações dessas instituições pode ser lido a partir da chave do exercício de práticas não-hegemônicas (ARAÚJO, 2012).

Os processos museológicos empreendidos na criação Museu do Alto Sertão da Bahia (MASB), no Museu da Maré (RJ) e na implantação do “Projeto de Revitalização do Museu Grupelli” traduzem experiências norteadoras a esse respeito, e são referenciais para pensar e repensar nas proposições em andamento no município de Tapira. Ambas traçam caminhos motivadores de valorização das perspectivas locais no processo de gestão dos indicadores da memória, fortalecendo os caminhos da Museologia Social.

Essas questões latentes no campo da Museologia não são estranhas, ou apartadas, do universo da Arqueologia, de modo que é possível encontrar as raízes de estreitas relações num histórico de formação e consolidação compartilhado. Caminhos delineados através das arqueologias pós processuais são elucidativas a esse respeito, especialmente ao se constituírem a partir de questionamentos que necessariamente consideram o caráter subjetivo da produção científica, a qual carrega marcas de contextos sociais, políticos, econômicos e culturais (SHANKS, 2004; ZARANKIN, 2014).

Sob essa ótica, portanto, é possível visualizar que os campos da Arqueologia e da Museologia vêm operacionalizando-se através de imbricamentos mútuos: ao mesmo passo em que as produções arqueológicas incorporam a temática dos processos museológicos de comunicação no corpo de suas ações e reflexões, a Museologia se aproxima “das noções e práticas sobre o patrimônio cultural” (BRUNO, 2000), apoiando-se simultaneamente num entendimento mais amplo e num envolvimento mais profundo com o entorno no qual se insere (do ponto de vista natural e cultural).

Ao refletir sobre as relações entre os universos da Arqueologia e da Museologia, mediados pela vocação educacional (BRUNO, 2000, 2014; MORAES WICHERS, 2012), a presente dissertação toma como objeto um conjunto de experiências relacionadas à *gestão do patrimônio arqueológico*, desenvolvidas no município de Tapira/MG. As experiências mencionadas guardam especificidades por ocorrerem no campo da Arqueologia Preventiva<sup>1</sup>, e foram iniciadas quando a então Fوسفétil – atual Mosaic

---

<sup>1</sup> Com a publicação da Resolução CONAMA 001/1986, pesquisas arqueológicas de caráter preventivo passaram a ser exigidas nos processos de licenciamento ambiental de empreendimentos potencialmente lesivos ao meio ambiente (CALDARELLI e CÂNDIDO, 2017). Tal exigência visa garantir que impactos ao patrimônio arqueológico sejam avaliados de modo prévio, garantindo que medidas cabíveis à sua salvaguarda sejam implementadas. O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), autarquia vinculada ao Governo Federal, é o órgão responsável pela proteção e gestão dos bens arqueológicos, assim como de outros bens acautelados em âmbito federal.

Fertilizantes – iniciou os estudos arqueológicos exigidos pelo IPHAN no contexto do licenciamento ambiental (Processo IPHAN 01514.000958/2012-12).

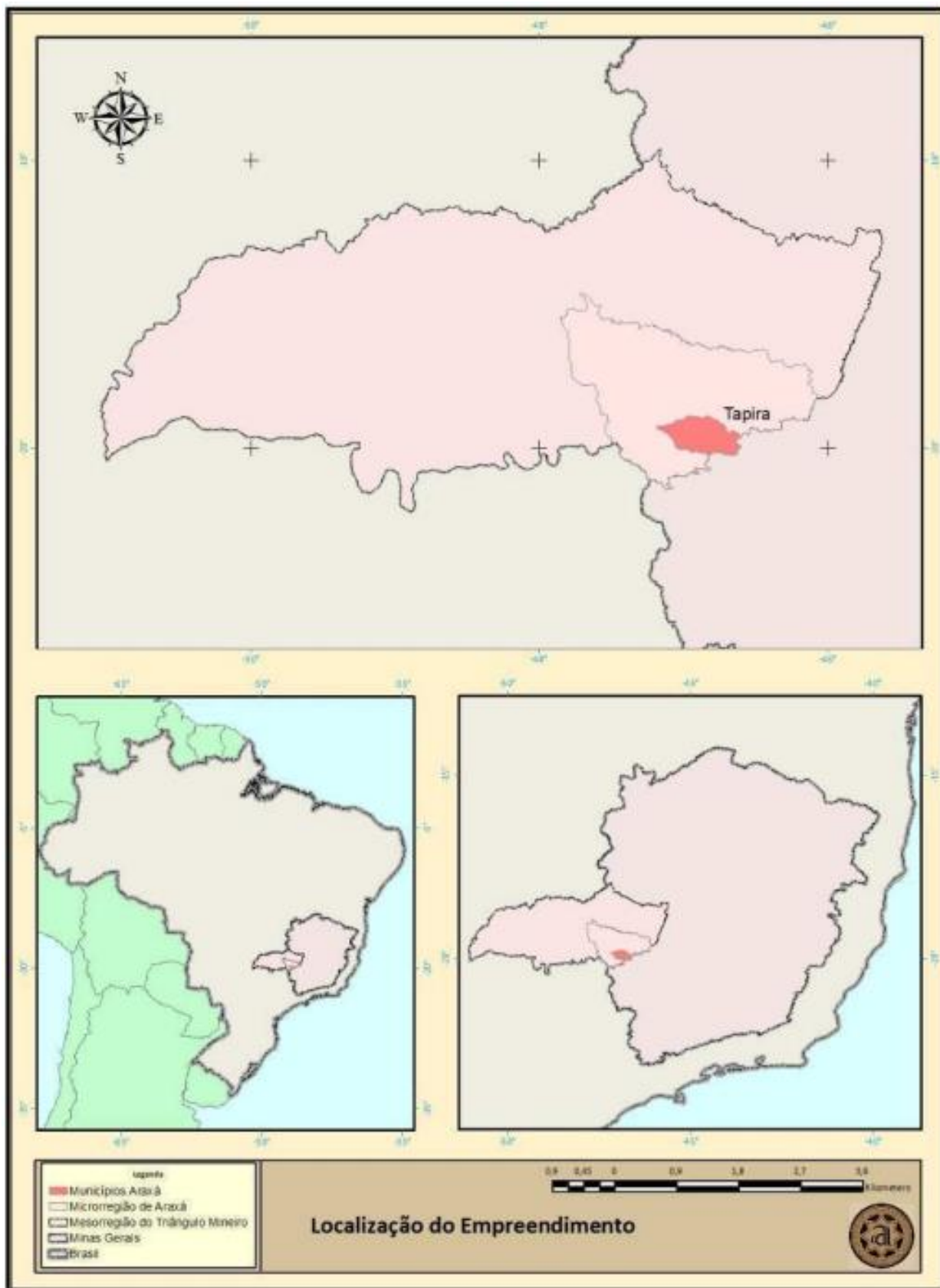


Fig. 1: Imagem ilustrativa da localização do município de Tapira em relação ao estado de Minas Gerais e ao empreendimento (BARS HERING, C. et al., 2018).

Na ocasião, foi identificado o sítio arqueológico Valter Dentista, o qual condensa vestígios oriundos de diferentes períodos de ocupação humana, que vão desde 7.690 A.P.<sup>2</sup> (relacionados a populações caçadoras-coletoras), até vestígios cerâmicos relacionados à tradição arqueológica Aratu-Sapucai (ocupações prováveis desde 1.120 a 530 A.P.) (BARS HERING, 2019). As atividades de pesquisa envolveram delimitação do sítio, abertura de escavações, análises laboratoriais e ações sistemáticas de educação patrimonial.

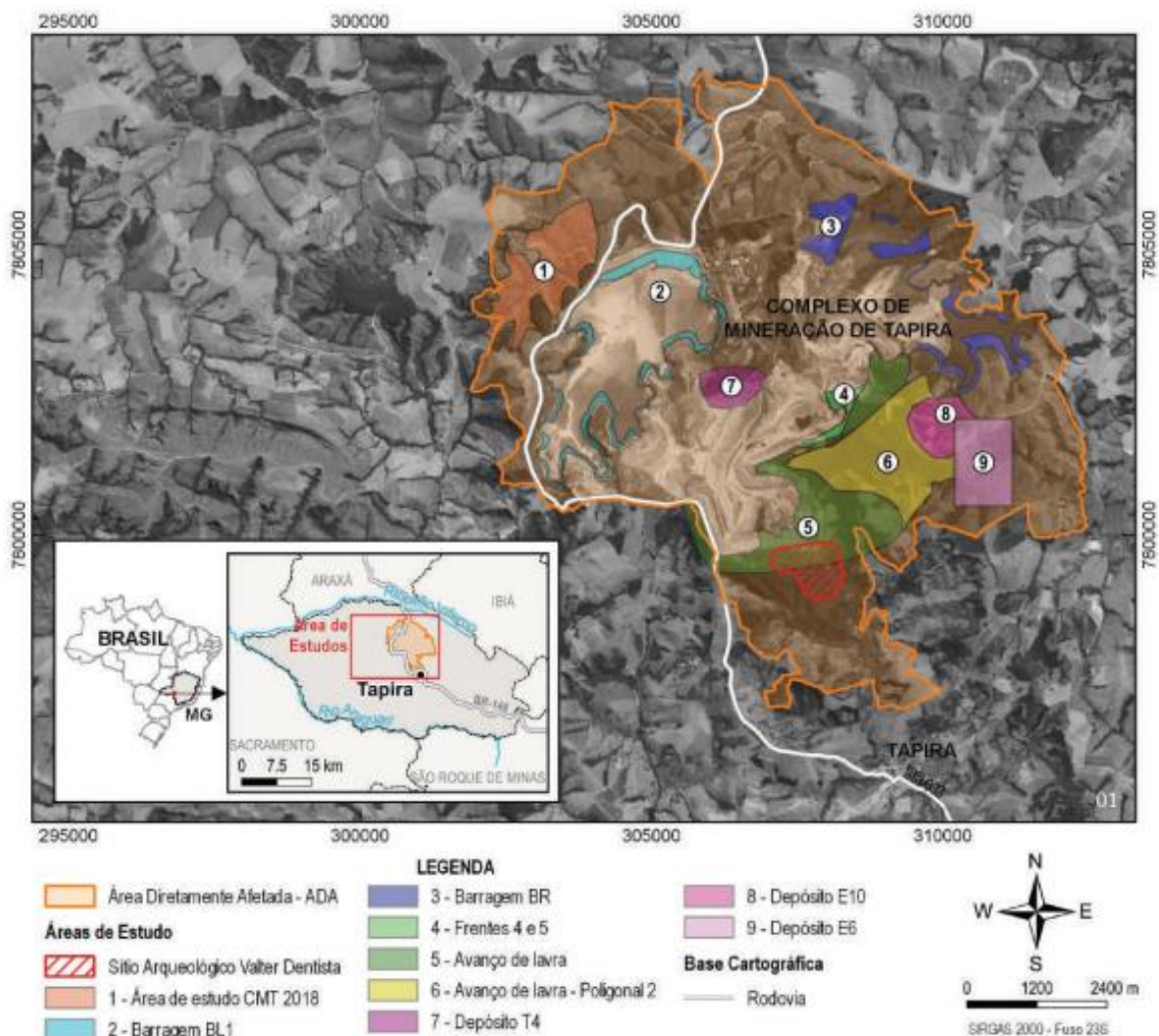


Fig. 2: Áreas alvo de estudos arqueológicos – Complexo de Mineração de Tapira (mapa: Marcos Brito) (BARS HERING, C. et al., 2020).

Os procedimentos metodológicos utilizados durante a pesquisa tiveram uma dimensão teórica e uma dimensão aplicada, norteada pelos “caminhos percorridos” pela Musealização da Arqueologia (BRUNO, 2013; 2021). Consideraram também minha

<sup>2</sup> A sigla A.P. (Antes do Presente) é utilizada como marcador temporal, cuja referência é o ano de 1950.

inserção em campo tanto como pesquisadora quanto como coordenadora das ações educativas do *Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico Sítio Valter Dentista*, desenvolvido pela Arqueologika Consultoria em Arqueologia e Negócios Socioculturais, empresa de consultoria científica que atua na área do Patrimônio Cultural.

No campo teórico foram feitas análises qualitativas centradas em levantamentos bibliográficos, especialmente nos campos da Museologia Social, Educação Patrimonial, “Inventários Participativos”; nas pesquisas documentais, considerando-se a legislação de referência no Brasil no que diz respeito ao Patrimônio Cultural, com ênfase nas diretrizes colocadas pelo IPHAN, além dos Códigos de Ética da Arqueologia e Museologia; no levantamento de documentos (leis, diretrizes, acervo fotográfico etc.) relacionados ao Patrimônio Cultural no município de Tapira/MG; e na análise da documentação referente ao Processo IPHAN 01514.000958/2012-12.

A dimensão aplicada refere-se à realização de ações educativas de caráter sistemático, ocorridas (a) durante a execução do *Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico Sítio Valter Dentista* – cujos procedimentos foram orientados pela IN IPHAN 001/2015 e pelo Inventário Participativo (IPHAN, 2016) enquanto ferramenta pedagógica – e (b) após a finalização do referido programa, cujos procedimentos levaram em consideração as *condicionantes* colocadas pelo IPHAN para a Mosaica Fertilizantes, e que dizem respeito à criação de uma instituição museológica no município.

Em conjunto, essas ferramentas metodológicas pretendem, de modo crítico e propositivo, trazer contribuições para importantes debates que atualmente impulsionam os campos da Arqueologia e Museologia, bem como pautam ações de agentes públicos, empresas e comunidades. As *agências* em torno do patrimônio arqueológico, nesse sentido, serão consideradas elementos que compõem uma arena complexa, na qual figuram memórias *ativadas* pela cultura material, bem como políticas públicas que demandam avaliações constantes. Em termos de organização a dissertação está dividida em uma introdução, três capítulos e considerações finais.

O capítulo 1, intitulado “Arena museal como propósito: embates produtivos como centro de reflexão” será conferido destaque para a Museologia e a Arqueologia enquanto campos científicos, destacando como o cenário de “diversificação de vozes” vem sendo incorporado por tais disciplinas. No que diz respeito à Museologia, serão apresentadas as crescentes problematizações acerca das características e funções tradicionais dos museus, assim como o entendimento de que a função pedagógica dessas instituições é basilar para o estabelecimento de relações éticas e para o fortalecimento do vínculo de sua cadeia operatória com a sociedade. Ao mesmo tempo, serão apresentados alguns dispositivos legais e instituições nacionais que estão

compassados com esse contexto destacando, em termos concretos, como a criação, fortalecimento e fomento de museus não-normativos encontra respaldo. Já no que diz respeito à Arqueologia pretende-se conferir destaque aos redirecionamentos interpretativos que as leituras proferidas por diferentes sujeitos de saber propiciam frente ao registro arqueológico. Trata-se de caminhos trilhados pelas abordagens pós-processuais – embora a elas não estejam restritos – que também destacam a importância de arqueólogos e arqueólogas tomarem como variáveis as tecnologias sociopolíticas que condicionam a produção de sua pesquisa, bem como o *lugar* de onde proferem suas vozes.

O capítulo 2, intitulado “Processos museológicos nos caminhos tapirenses: passos para valorização de embates memoráveis”, pretende trabalhar com o conceito de “inventário participativo”, trazendo algumas experiências bem-sucedidas a esse respeito. Essas inspirações serão fio condutor para apresentar o histórico das ações educativas relacionadas ao *Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico do Sítio Valter Dentista*, considerando os esforços no sentido de valorizar as relações que a comunidade estabelece com seu universo patrimonial, consolidando conhecimentos e práticas no sentido não apenas de fazer potencializar os “desejos de museu”, mas também para fazer dele instrumento de demandas próprias.

No terceiro e último capítulo, intitulado “Proposições e desafios para o Museu de Tapira: aprendizados pelos diálogos” será feita uma reflexão sobre em que medida a experiência de Tapira traduz o cenário de diversificação de vozes e do protagonismo da comunidade no processo de emergência das instituições museológicas, conferindo especial destaque para a centralidade das ações educacionais na emergência e valorização das narrativas locais. Também será conferido destaque ao Projeto Educativo no Plano Museológico, de modo a apontar caminhos para o futuro Museu de Tapira. Espera-se sugerir a criação de instrumentos e materiais pedagógicos com objetivo de promover a divulgação científica e ações colaborativas junto aos mais variados segmentos da população local, de modo a ressaltar a vocação educativa e social da instituição museológica.

A dissertação também conta com as Considerações Finais, na qual será conferido destaque para as experiências vivenciadas no município de Tapira, as quais mostraram que, tão importante quanto assumir os desafios da gestão de acervos arqueológicos – em sua dimensão teórica e aplicada – é desvelar a arena que lhe confere sentido. Nesse sentido, a ferramenta “inventários participativos” também aparece como importante instrumento de diagnóstico museológico que, ao ser acionado, alimenta avanços colaborativos nas problemáticas relacionadas à gestão dos acervos arqueológicos, promovendo espaços para uma abertura no campo museal.

Por fim, será colocado um conjunto de apêndices e anexos, onde poderão ser acessados (a) os materiais produzidos durante as ações educativas experienciadas em Tapira, especialmente durante a realização da *I e da II Mostra do Patrimônio Cultural de Tapira*, (b) bem como documentos relativos ao *Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico do Sítio Valter Dentista* (Processo IPHAN 01514.000958/2012-12).



**CAPÍTULO 1: Arena museal como propósito: embates produtivos como  
centro de reflexão**

O contexto global de valorização da diversidade vem orientando mudanças paradigmáticas no que diz respeito às práticas científicas e ao modo de exercício de outros saberes. É nesse cenário que despontam diversificações de temáticas no corpo das pesquisas, cujas motivações podem ser encontradas nos crescentes enfrentamentos que atravessaram a última metade do século XX, muitos deles protagonizados por populações historicamente marginalizadas.

No campo da arqueologia este cenário foi responsável por construir pontes importantes, que ganharam corpo especialmente a partir dos anos 1980, com as correntes pós-processualistas (HODDER, 1982, 2000; LEONE, 1984; SHANKS e TILLEY, 1987). Para além de diversificar temáticas, o percurso apontou para transformações centradas em um *fazer* vocalizado por grupos não hegemônicos. Tal movimento traduz o dinamismo que caracteriza a prática científica, bem como os esforços para conferir uma perspectiva crítica e plural à práxis arqueológica<sup>3</sup>.

A percepção de que coexistem diferentes modos de se relacionar com o passado foi motor para a inserção de questionamentos pós-modernos ao bojo das reflexões no campo da arqueologia. Nesse sentido, foi proposto que os esforços empreendidos pela corrente processual em desenvolver teorias – e sobretudo métodos – para explicar o funcionamento sincrônico das ‘culturas pré-históricas’<sup>4</sup>; e que as clássicas preocupações histórico-culturais em definir e mapear culturas arqueológicas, rastreando suas origens e variações no tempo e no espaço, fossem somadas a constantes exercícios de autocrítica.

Um dos desdobramentos interessantes desse processo foi a adoção, por parte de um conjunto intelectualmente heterogêneo de arqueólogos e arqueólogas, de perspectivas que partem da atribuição de uma qualidade multivocal aos vestígios das ocupações pretéritas (HODDER, 2008) e que, por isso mesmo, demandam da pesquisa científica uma dimensão reflexiva. Valoriza-se, nesta chave, as alteridades contemporâneas (ZARANKIN, 2014; ZARANKIN e FUNARI, 2009) tanto quanto as pretéritas.

Esses trabalhos compartilham conceituações que remetem a uma forte adesão ao historicismo; ao entendimento de que a ciência arqueológica – tal como outras

---

<sup>3</sup> As discussões pós processualistas culminaram em uma diversidade de abordagens (GNECCO, 2008), percebidas em vertentes como arqueologia queer, arqueologia simétrica, arqueologia relacional, arqueologia de gênero, arqueologia das diásporas africanas.

<sup>4</sup> A arqueologia processual surgiu nos anos 1960, e teve forte vínculo com a teoria antropológica e com a busca pelo cientificismo. Um de seus principais focos esteve no desenvolvimento de métodos e técnicas objetivas de pesquisa para buscar regularidades no comportamento humano. Destacam-se, a esse respeito, publicações como *Archaeology as Anthropology*, de Lewis Binford (1962).

ciências – tem um caráter discursivo que deve ser explicitado; e a uma latente preocupação com o modo de inserção dos arqueólogos e arqueólogas na sociedade.

A partir dessas críticas, a neutralidade e primazia da produção científica são então decompostas em cadeias de relações complexas e carregadas de significados presentes, de forma que as ferramentas teóricas e metodológicas mobilizadas *nos processos de produção do passado* começam agora a ser tomadas como parte da investigação. Daí também decorre que arqueólogos e arqueólogas não são sujeitos neutros que revelam verdades historiográficas, mas sim intérpretes de vestígios presentes oriundos de ocupações pretéritas. Pensada enquanto produto e produtora de sujeitos contemporâneos, portanto, a pesquisa arqueológica aparece cada vez mais relacionada às sociedades no presente.

Tais questões aparecem de modo explícito no trabalho do arqueólogo I. Hodder, que procura colocar a arqueologia no âmbito das ciências sociais históricas, e que se opõe contundentemente à aplicação intercultural de uma teoria de médio alcance em favor de uma abordagem contextual. Trata-se de incorporar a hermenêutica como componente-chave na constituição de uma arqueologia interpretativa, cujo propósito é que uma coerência seja cada vez mais alcançada na permanente relação entre os contextos 'locais' e 'globais'. Desse modo, espera-se que os dados coletados possam crescentemente ser entendidos em seus próprios termos. A ênfase está nas relações entre a parte e o todo (HODDER, s/d: 184).

Ainda segundo Hodder, uma parte considerável das arqueologias pós processuais, apesar de levarem seus interlocutores a fazerem exercícios interpretativos de modo mais enfático do que se propuserem os adeptos da Nova Arqueologia, teriam ao fim tratado de assuntos que são de interesse do ocidente (mais especificamente, de sua "entidade" dominante: o homem branco), como poder, religião, agência, ideologia. Apesar de suspeitarem mais da 'nossa' estrutura de pensamento, de definirem melhor certos conceitos e de questionarem pares clássicos de oposições, elas não teriam desenvolvido um arcabouço teórico capaz de analisar suas próprias preconcepções. Assim, as arqueologias pós-processuais parecem ainda reestabelecer relações de dominância ao evocar a multivocalidade sem reflexividade – cujo efeito mais nocivo parece ser o desempoderamento dos *sujeitos sobre quem se fala* (GNECCO e AYALA, 2011; CABRAL, SALDANHA, 2009).

De modo similar ao que ocorre com a Arqueologia, o campo da Museologia também vem se transformando paulatinamente ao incorporar, cada vez mais, a participação das comunidades no bojo dos processos que desenvolve. Trata-se de um aspecto de confluência entre as duas áreas, especialmente ao considerarmos o fazer

proposto pelas arqueologias pós processuais e pela Sociomuseologia (MORAES WICHERS, 2011; 2016).

Vale destacar que, mesmo sendo deliberadamente tomada como desafio pelo campo da Museologia Social e Sociomuseologia, essa discussão permeia as pesquisas feitas por todo o conjunto de pesquisadores que pensam os museus em suas múltiplas dimensões. Tais esforços têm na sua gênese marcos importantes, como a Mesa-redonda de Santiago do Chile (1972), a Declaração de Quebec (1984) e a Declaração de Caracas (1992).

O encontro ocorrido em 1972 contou com a atuação de uma série de museólogos, museólogas e outros profissionais do mundo todo, os quais, na ocasião, formalizaram o conceito de “museu integral”. Essa nova conceituação impulsionou a uma verdadeira revolução no campo museológico: se antes disso ele era pautado por uma prática centrada no trinômio edifício – coleção – público específico, agora ele passa a ser pensado em termos de um território, patrimônio e comunidade. Em linhas gerais passou a se discutir de forma aberta e explícita o papel social dos museus. Esses princípios são retomados e consolidados em 1984, quando da criação do Movimento Internacional para uma Nova Museologia (MINOM), durante o encontro que culminou na Declaração de Quebec.

O fundamento destas novas experiências deveria ser o de uma Museologia de caráter social em oposição ao colecionismo. Há o reconhecimento de diversas formas de expressões museais (museus comunitários, museus de vizinhança, etc.), além dos ecomuseus, como processos da Nova Museologia (MOUTINHO, *in* ARAÚJO E BRUNO, 1995: 26-29).

Já no ano de 1992, durante o Seminário “A Missão dos Museus na América Latina Hoje: Novos Desafios”, a função socioeducativa dos museus foi colocada em primeiro plano. Dentre os desafios atribuídos ao museu durante o encontro estão aspectos como comunicação, patrimônio, gestão e recursos humanos, bem como a transformação do paradigma do museu integral para o museu integrado (HORTA, 1995: 34).

Essa crescente preocupação com a perspectiva do território e do desenvolvimento comunitário, bem como com a reversão do distanciamento dos museus em relação à sociedade, vem inspirando experiências museológicas motivadoras. Em conjunto, elas nos convidam a superar o paradigma do museu a serviço do público-visitante e de suas coleções em favor da sociedade, do desenvolvimento local e da autonomia dos povos (MOUTINHO, 2007; VARINE, 2014).

Os processos museológicos empreendidos no Museu da Maré (Rio de Janeiro/RJ), no “Projeto de Revitalização do Museu Grupelli” (Pelotas/RS) e no Museu do Alto Sertão da Bahia (MASB, Catité/BA) são norteadores a esse respeito, podendo ser considerados como referenciais para pensar e repensar nas proposições em andamento no município de Tapira. Cada uma delas traça caminhos motivadores de valorização das perspectivas locais no processo de gestão dos indicadores da memória, fortalecendo os caminhos da Museologia Social.

O Museu da Maré, localizado na zona norte do Rio de Janeiro, foi inaugurado em 2006 por moradores locais. Trata-se do primeiro museu criado dentro de uma favela, constituído como uma instituição contra hegemônica, de base comunitária. De acordo com Araújo (2012: 33), “o protagonismo das comunidades populares nos museus comunitários permite que estes se façam e se transformem ao longo de sua própria história e do movimento social no qual estão envolvidos”.

Trata-se de uma instituição que vem se consolidando como uma importante referência para os museus comunitários ao envolver diversos núcleos de ação em torno de uma exposição permanente. O conjunto de atividades desenvolvidas pela instituição envolve desde a organização de acervos documentais até a realização de eventos que fortalecem seu vínculo com a comunidade, como oficinas lúdicas, seminários temáticos, pesquisas na área da história oral entre outros.

Dessa forma, configura-se um espaço onde se dá o empoderamento de identidades locais, por meio da construção de memórias e da história local, num exercício de democratização do próprio museu (CHAGAS, 2008). É um movimento que surge no bojo dos movimentos sociais, pautando temas caros como as desigualdades sociais, políticas e econômicas, e também por reivindicarem a construção de memórias mais felizes e mais justas (ARAÚJO, 2017: 945).

Tais museus surgem num contexto brasileiro de maior democratização da luta social e política a partir da década de 80 pelos acessos aos bens básicos do cidadão, inclusive as práticas culturais. [Os ecomuseus, museus de percurso, de território, museus comunitários etc.] [...] surgem na esteira das reivindicações dos movimentos sociais liderados pelo protagonismo comunitário (Araújo, 2012, p. 217).

Suscitar memórias a partir da valorização das narrativas que conferem sentidos às materialidades foi o cerne das ações relacionadas ao Projeto “Revitalização do Museu Grupelli”. Inaugurado em 1998 por iniciativa de moradores locais, a instituição está localizada na zona rural de Pelotas/ RS, e passou a receber contribuições de ordem técnica do curso de Museologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), no ano de 2008.

A instituição possui um acervo com cerca de 2000 objetos, adquiridos por meio da coleta, compra, troca e doação de um acervo que pode ser considerado bem diverso (objetos que retratam a vida doméstica, a vida rural, os esportes etc) que retratam a “vida na colônia”, ou seja, as dinâmicas sociais de uma comunidade identificada pelas origens e trajetória imigrante” (FERREIRA; GASTAUD; RIBEIRO, 2013, p. 58). Tais objetos ganharam uma nova vida no espaço museológico, especialmente porque a eles passaram a ser conferidos novos significados, atributos, histórias e funções – algo que só um processo museológico é capaz de promover (BRAHM, 2018:143).

As atividades promovidas na instituição têm no caráter colaborativo um de seus importantes pilares, sendo este o motor de fortalecimento dos elos entre a comunidade e o Museu, incrementando e qualificando as ações a partir do estreitamento das relações com a comunidade. O estreitamento, vale destacar, tem nas trilhas dialógicas mediadas pelas práticas pedagógicas seu caminho privilegiado de reflexão e proposição.

Ao percebermos os objetos como suportes ou fontes de informação (FERREZ, 1994; MENESES, 1994), vislumbramos naquele acervo a necessidade de uma operação na qual as memórias latentes emaranhadas na materialidade fossem recuperadas, e o caminho seguido foi o de evocar as memórias por intermédio do diálogo empreendido com a comunidade. Em todos os momentos dessa intervenção museológica, a comunidade foi convocada a participar e se mostrou presente; cabendo à equipe o papel de intermediário entre os objetos e as memórias daqueles que conviviam com os mesmos (FERREIRA; GASTAUD; RIBEIRO, 2013: 61).

Ao centrar seu foco de análise no público que visita o Museu Grupelli, bem como em suas percepções e modos de relacionamento com os bens patrimoniais, Brahm (2021) opera com o conceito de musealidade, conferindo destaque ao museu como gestor de memórias e patrimônios. Tal investigação conduz o autor a buscar caminhos para aperfeiçoar as atividades comunicacionais do museu, com a finalidade de torná-las, cada vez mais, identificáveis com os indicadores de memórias do público frequentador (BRAHM, 2021)

Destacam-se também as experiências educacionais desdobradas no MASB, as quais tiveram origem no desenvolvimento de pesquisas arqueológicas realizadas no campo do licenciamento ambiental. Ocorridas a partir de 2009 nos municípios de Caetitê, Guanambi, Igaporã e Pindaí (Bahia), essas pesquisas geraram um significativo acervo arqueológico, o qual passou a ser reivindicado pelas comunidades locais. Foi então que se criou o MASB, museu constituído inicialmente como tentativa de manter o acervo arqueológico oriundo dessas pesquisas na região de Catité.



Fig. 3 e Fig. 4: Museu do Alto Sertão da Bahia (MASB)<sup>5</sup>.

O Programa de Educação Patrimonial que acompanhou tais pesquisas promoveu diálogos que procuraram tornar visíveis as forças envolvidas na construção do patrimônio arqueológico, abarcando também o preceito da “construção colaborativa do Plano Museológico como caminho metodológico” (WICHERS, 2015: 113), proposta que mobilizou um conjunto amplo e integrado de ações, as quais envolveram desde oficinas para pensar as tipologias museológicas; ações integradoras de uma multiplicidade de visões acerca do processo (mulheres camponesas, comunidades e associações de trabalhadores rurais, dentre outros) até a construção de um inventário turístico preliminar dos municípios (WICHERS, 2015).

Vale destacar que o MASB se constitui como um museu de território que compartilha referências com outras instituições, como pode ser visto em seu Plano Museológico: “O modelo se referencia em experiências como as da Vila-Museu e Campo Arqueológico de Mértola, Ecomuseu do Seixal (Portugal) e Ecomuseu da Amazônia, no Pará, entre outras” (MASB. Plano Museológico, 2014: 115). Os museus de território procuram valorizar as relações culturais e sociais entre os grupos humanos e o território que compartilham. Trata-se de musealidades que se manifestam no próprio seio das comunidades. Nas palavras de Cury, “os museus vislumbram que o patrimônio está no território e, também, é um conjunto de elementos materiais e imateriais que dialogam entre si, ou seja, não estando isolados, fazem parte da dinâmica cultural” (CURY, 2017, p. 186-187). Em outras palavras, o museu de território pode ser entendido

como um espaço físico estreitamente ligado às tradições culturais definidoras dos agentes locais, ou habitantes ou os ativos do lugar, e apoiando na noção de um patrimônio comum, a imagem de pertencimento, o que se associa e permite-se indicar como questão de identidade cultural (LIMA, 2012, p. 42).

As experiências do MASB guardam importantes paralelos com o processo em curso no município de Tapira, especialmente pela gênese centrada na formação de um

---

<sup>5</sup> Fonte: <https://www.portalmasb.com.br/o-museu>. Acesso feito em 08 de Outubro de 2022.

acervo arqueológico no contexto do licenciamento ambiental, e pela preocupação em balizar as ações a partir das referências locais. Por conta disso, foi uma importante inspiração para o desenvolvimento das propostas desdobradas em Tapira, como será visto no capítulo 2.

A diversidade tipológica de museus também responde ao incremento da legislação brasileira no campo do patrimônio cultural, a qual vem proporcionando tanto a constituição de novos acervos quanto o redirecionamento das discussões em torno do modo de gestão das instituições que os abriga, bem como de seu relacionamento com populações e com conceitos como *desenvolvimento*.

As políticas públicas no campo museal são exemplos disso, como pode ser observado pela atuação de instituições como o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), criado em 2009, pelo estabelecimento de uma Política Nacional de Museus e pelas próprias diretrizes estabelecidas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

A esse respeito vale destacar a Portaria 375, de 19 de setembro de 2018, institui a Política de Patrimônio Material (PPCM). Dentre os princípios que a orientam destacam-se o da indissociabilidade (não deve haver separação entre os bens culturais materiais patrimonializados e as comunidades que os têm como referência; o da ressignificação (novos significados são atribuídos ao patrimônio cultural material que, em consequência, deve ser entendido para além de um registro do passado); o da responsabilidade compartilhada (considera como competência comum da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios proteger o patrimônio cultural material); o da colaboração (a preservação do patrimônio cultural material exige a colaboração e cooperação entre as diferentes esferas do Poder Público e sociedade); o da participação ativa (deve ser assegurada à sociedade a participação ativa na elaboração de estratégias para a preservação do patrimônio cultural material); o da atuação em rede (a gestão do patrimônio cultural material ganha escala e qualidade quando estabelece redes entre instituições, públicas e privadas, sociedade organizada e profissionais da área de preservação); o do desenvolvimento sustentável (a geração atual deve ser capaz de suprir suas necessidades, sem comprometer a capacidade de atender as necessidades das futuras gerações); o da reparação (todo dano sofrido por um bem cultural material patrimonializado, sempre que possível, deverá ser reparado).

Essas discussões ganham contornos particulares quando a cadeia operatória museológica em questão se relaciona com acervos arqueológicos. Isso porque versa sobre temas-chave que, ao mesmo tempo em que multiplicam códigos de ética e convenções internacionais, também tocam em aspectos sensíveis, especialmente porque trazem à tona histórias e personagens historicamente marginalizados. Conforme



mencionado por Bruno (1995, 2005) é notável a situação de abandono ao qual grande parte dos acervos arqueológicos está submetido. Esta configuração conduziu esses acervos a comporem uma estratigrafia do abandono, expressando também um conjunto de memórias exiladas.

Sobre esses vestígios pré-coloniais acumulam-se várias camadas de interpretações sobre mais de 500 anos de ocupação estrangeira deste território e, apesar de mais de um século de institucionalização da pesquisa e dos acervos, ainda são raras as abordagens que vinculam esses vestígios às nossas tradições e rupturas. Consolidou-se uma estratigrafia do abandono que isolou as fontes arqueológicas e as circunscreveu ao terreno das memórias exiladas. (BRUNO, 2005: 237-238).

A criação, no ano de 2015, do Grupo de Trabalho (GT) Acervos, vinculado à Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB), responde à essa crescente necessidade de lidar com as peculiaridades que os acervos arqueológicos carregam.

Criado em 2015, no XXVIII Congresso Nacional da SAB, tem como objetivo ampliar o espaço de debate sobre a preservação e a gestão dos acervos arqueológicos, desde, principalmente, as perspectivas das três grandes áreas relacionadas à temática, designadamente, a Arqueologia, a Conservação e a Museologia (GT Acervos, s/data<sup>6</sup>).

O GT Acervos, em conjunto com a Rede de Museus e Acervos Arqueológicos e Etnográfico (REMMAE), realiza anualmente o Fórum de Acervos Arqueológicos, evento que reúne profissionais para debater recomendações norteadoras de práticas, sintetizando importantes encaminhamentos. Em 2017 as “Recomendações de Ouro Preto” desdobra temáticas sensíveis, como ética, gestão de acervos arqueológicos, formação de recursos humanos e políticas de acervos. Nos anos seguintes, durante a segunda e terceira edição do evento, tais discussões foram reforçadas, e relacionadas também à importância de fortalecer os museus e as instituições de guarda e pesquisa, bem como de estabelecer diretrizes para a gestão compartilhada de acervos arqueológicos. Já a “Carta de Disposições”, síntese da edição de 2021, destacou, entre outras menções, a importância da articulação institucional, considerando-se IPHAN e IBRAM.

Como se vê, há uma confluência entre a legislação sobre patrimônio cultural e as formulações feitas no campo da Museologia e da Arqueologia, bem como na legislação sobre o patrimônio cultural. O mesmo acontece com o consenso que as práticas educativas que valorizam dinâmicas sociais no presente são ferramentas importantes para reverter o quadro de invisibilidade ao qual muitas das histórias estão submetidas e para potencializar referências patrimoniais locais.

---

<sup>6</sup> Fonte: <https://acervosarqueologicos.wordpress.com/gt-acervos-sab/>. Acesso feito em 09 de setembro de 2022.

A dinâmica que daí decorre movimenta referências que parecem constituir uma complexa arena *ativada* pela cultura material, algo percebido no processo museológico em curso no município de Tapira. Ao explicitar os agentes, instituições, territórios e musealidades que compõem essa arena, espera-se contribuir para a constituição de um processo museológico que caminhe junto com a população tapirense, e que contribua, de modo sustentável, para o fortalecimento de seu universo patrimonial.

**CAPÍTULO 2: “Processos museológicos nos caminhos tapirenses:  
passos para valorização de embates memoráveis”**

Neste capítulo serão apresentadas as pesquisas desenvolvidas no município de Tapira/MG entre os anos de 2017 e 2022, cujos desdobramentos trouxeram importantes reflexões acerca das relações entre as pesquisas arqueológicas e as práticas museológicas, especialmente quando se trata de projetos relacionados à *arqueologia preventiva*.

Pensamos ser relevante fazer esta avaliação especialmente porque o caso de Tapira não é isolado, e encontra paralelos em diversos projetos de arqueologia preventiva que se multiplicam pelo país: geram novos acervos, envolvem comunidades, suscitam discussões etc. Ao apresentá-las no âmbito da presente dissertação objetivamos avaliar de modo crítico e propositivo a *cadeia operatória museológica* que lhe confere sentido, destacando potências e fragilidades, bem como apontando caminhos de convergência para o fortalecimento de políticas de valorização do patrimônio cultural local.

Alguns questionamentos instigantes foram surgindo ao longo da pesquisa (2017-2018), e também após sua finalização (2019-2022), todos suscitados pelo que está sendo considerado como **um processo museológico em curso**: afinal, como contar a história de um museu? Seria quando ele surge, de fato e de direito? Ou seria quando processos compartilhados de olhar para o patrimônio são identificados? O que traz confluência para criação de museus? Necessidade de acervo, de identidade, de conservação? Quais os caminhos de fomento da memória?

Ao conferir importância a tais inquietações pretende-se reforçar o papel das práticas pedagógicas no fortalecimento dos processos museológicos, considerando-os como parte indissociável do engajamento entre as populações locais, seus universos patrimoniais e a arena museal (caracterizando, assim, o trinômio comunidade/patrimônio/ território). Para além disso, espera-se destacar o papel da mobilização local em torno das musealidades para qualificar o processo museológico.

A dimensão aplicada do trabalho implica na apresentação e problematização propositiva dos processos que culminaram na organização da *I Mostra do Patrimônio Cultural de Tapira* e da *II Mostra do Patrimônio Cultural de Tapira*, as quais se constituíram como expressão de um conjunto amplo de práticas pedagógicas desenvolvidas junto a diversos setores da comunidade tapirense. Tais exposições tiveram como fio condutor as diversas leituras sobre o patrimônio cultural local, incluindo a leitura propiciada pelos estudos arqueológicos<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> Para além disso, neste capítulo serão apresentadas algumas ações desenvolvidas pela população tapirense após a finalização do *Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico Sítio Valter Dentista*. Em

O principal objetivo do processo pedagógico foi compartilhar os embates experimentados a cada ano durante o trabalho educativo, bem como convidar as populações locais a participarem das seleções que são inerentes à organização de uma exposição. Oficinas foram propostas para conhecer e para ouvir os diversos setores da comunidade, de modo a abranger não apenas o segmento escolar, mas também outras coletividades. A busca por conhecer as diversas populações que convivem em Tapira, vale ressaltar, é um ponto constante de atenção e de aprendizado – considerando-se inclusive o dinamismo e o caráter relacional que caracterizam os grupos humanos.

O compartilhamento e materialização das informações produzidas durante a construção do “inventário participativo” acerca dos bens patrimoniais locais imperou como metodologia principal, e associou-se ao anseio de constituir um processo museológico participativo como fio condutor do trabalho. A esse respeito, a Ocupação Cultural do Casarão Mariinha Barcelos mostrou-se um excelente exercício, que contou com o envolvimento expressivo da comunidade e com os esforços de agentes públicos, como a Secretaria Municipal de Educação e Cultura, que alugou o imóvel e encampou a criação de uma Lei que dispõe sobre a criação do Museu Arqueológico e Antropológico de Tapira.

Considerando este contexto, as práticas educativas exercitadas – das quais as exposições são parte – procuraram operacionalizar conceitos relacionados à Museologia Social, a qual preconiza a democratização, ressignificação e apropriação cultural dos indicadores de memória. Esta abertura foi experimentada na constituição do Casarão Mariinha Barcelos como espaço museológico e na construção de um acervo a partir do engajamento e participação dos tapirenses, bem como na sua apropriação enquanto ferramenta de narrativa e desenvolvimento local.

Os relatórios produzidos ao longo do *Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico Sítio Valter Dentista* foram aprovados pelo IPHAN/MG em maio de 2019 e geraram algumas compensações ambientais<sup>8</sup>, dentre elas a instalação de um Museu Arqueológico e de uma fundação para geri-la, conforme abaixo:

#### **Compensação 2**

2.a – Em função da importância do Sítio Arqueológico Valter Dentista, deverá ser discutida, entre empreendedores, Consultoria Científica, Prefeitura Municipal de Tapira e IPHAN, a instalação de um museu arqueológico;

2.b – O referido museu deverá reunir condições físicas e técnicas para receber os acervos arqueológicos reunidos ao longo das ações

---

conjunto, elas ajudam a entender as musealidades movimentadas pela população local para além do projeto mencionado.

<sup>8</sup> O OFÍCIO/GAB/IPHAN/MG nº 0055/2019, bem como outros documentos pertinentes relacionados ao PROCESSO IPHAN 01514.000958/2012-12, encontra-se na íntegra em anexo.

de resgate, pelo momento depositados em instituição fora do município de Tapira;

2.b.1 – Poderá, eventualmente, o referido Museu, oferecer apoio científico a pesquisas realizadas em Minas Gerais;

2.c – O prazo para conclusão da execução da Compensação ambiental nº 2 não deverá exceder 48 (quarenta e oito) meses.

#### **Compensação 4**

4.a - Deverá ser criada, em comum acordo entre a Prefeitura Municipal e os demais interessados, uma Fundação destinada a gerir o Museu a ser criado pela Prefeitura Municipal;

4.b - Os regulamentos da citada a Fundação serão criados pela Prefeitura Municipal;

4.c – O prazo para conclusão da compensação ambiental número 4 não poderá exceder 48 meses a contar da data dessa anuência (OFÍCIO/GAB/IPHAN/MG nº 0055/2019, de 17 de maio de 2019)

Mais recentemente, no entanto, o empreendedor solicitou alteração nas compensações supracitadas, substituindo a instalação do museu e da fundação para geri-la por um investimento no MAC Pains, bem como na “criação e desenvolvimento de uma bolsa de estudos destinada à pesquisa acerca da coleção arqueológica escavada no Sítio Arqueológico Valter Dentista” (Doc. 3503588, 2022<sup>9</sup>).

Tal situação exigiu uma abertura nas reflexões iniciadas quando da proposição do projeto de pesquisa que originou a presente dissertação; também ajudou a perceber que as dificuldades para a criação efetiva da instituição museológica são parte dos embates da memória, e que desvelar os entraves constitui-se como caminho para sua superação.

Pretende-se, através da presente dissertação, contribuir para que o nascimento do futuro museu esteja atrelado aos referenciais patrimoniais locais, bem como contribuir para um debate mais amplo acerca dos desafios e potencialidades que contextos como o de Tapira reservam.

## **2.1. Território Tapirense**

Tapira é um município localizado na mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, com uma população estimada em 4.832 habitantes (IBGE, 2020). Relatos sobre o “início de tudo” apontam o ano de 1870 como marco de fundação, quando o “pioneiro” Pedro Assunção e Souza mandou construir um cruzeiro para ser fixado em uma colina, marcando assim o começo da história tapirense. Naquele local passou a ser rezado o terço de Nossa Senhora todo primeiro domingo do mês, quando também

---

<sup>9</sup> O Documento 3503588, bem como outros documentos pertinentes relacionados ao PROCESSO IPHAN 01514.000958/2012-12, encontra-se na íntegra em anexo.

eram realizados leilões de gado, queima de fogos e outras festividades que hoje têm ares de *tradição*.

Oliveira (2003) menciona que a fundação de Tapira e dos municípios vizinhos é parte de um mesmo movimento que teve como núcleo de partida o Desemboque, local onde havia exploração de ouro, hoje distrito pertencente a Sacramento. O mesmo autor narra que o abastado fazendeiro Pedro Assunção e Souza fora responsável pela construção de um curral próximo à uma nascente de águas sulfurosas, que atraíam o gado espalhado pela região e que até ali se dirigia para se alimentar do sal depositado nas superfícies rochosas por onde corria a água.

O “Curral do Tio Pedro”, como passou a ser conhecido, era administrado por um “escravo<sup>10</sup>”, chamado Lázaro, que depois de liberto construiu local de moradia onde se encontra hoje a zona urbana do município. A partir de então, Tapira (que na época era a “Terra das Antas”), passou a receber um número cada vez maior de imigrantes. Estes, para ali se dirigiam atraídos pela prática religiosa do terço e pela fertilidade de suas terras, “comprovadas pela beleza das lavouras existentes” (OLIVEIRA, 2003: 14).

Em 1900 é iniciado o processo de construção da primeira igreja do município, realizada na forma de *mutirão* (com intensa participação/colaboração da população local), e que teve São Sebastião como padroeiro. A edificação está em processo de tombamento pelo município, e é considerada um dos marcos mais importantes da história e cultura tapireense. Em 1908 passou a pertencer à paróquia do Desemboque com o nome de Capela de São Sebastião das Antas. Construído o local para a devoção ao santo protetor, o próximo marco arquitetônico a ser construído seria o cemitério municipal, que teve o início de sua construção em 1910. Os muros de pedra do cemitério são fonte de muitos relatos da população local, que nele enxergam a agência dos moradores antigos, dentre eles os “escravos” que figuravam na história local.

Os *mutirões* são novamente o modo de mobilização da mão-de-obra para construção da nova igreja, em estilo europeu, que passaria a levar o nome do santo padroeiro, São Sebastião. No ano de 1923, Tapira passa da categoria de Vila (Vila das Antas) à de distrito do município de Araxá, pela lei estadual 843, adotando o topônimo Tapira, advindo do tupi *tapir*, que significa “terra das antas”.

---

<sup>10</sup> A expressão “escravo” é recorrentemente mencionada dentre os mais diversos segmentos da atual sociedade brasileira. Entendemos que tal expressão está relacionada a sujeitos que foram alvo de um processo de escravidão e que, portanto, não é intrínseco a povos, mas que ganha vida através de relações de saber e poder historicamente construídas. As aspas que acompanham o termo “escravo” têm como objetivo não modificar o modo de menção localmente enunciado – embora falar sobre a controversa do tema não tenha sido objeto de debate ora apresentado, sua problematização compõe nosso raio de reflexão.

Em 1935, é construída a primeira usina hidrelétrica do município, de propriedade particular, responsável por levar aos munícipes tapirenses a energia elétrica. Em 1938 o município de Araxá passa a ser reconhecido pela esfera federal como estância hidromineral pelo decreto de Lei 148 e perde desta forma, o direito de possuir distritos. Assim, Tapira passa a condição de distrito do município de Sacramento, permanecendo assim até o ano de 1962, quando se emancipa, tornando-se um município.

As próximas décadas foram marcadas pela instalação das explorações minerais, algo determinante no incremento do processo de urbanização ocorrido entre 1970 e 2000, período no qual a população rural, que era quatro vezes superior à urbana, passou a representar 33,3% da população total do município. Este processo também impulsionou pesquisas arqueológicas no município, considerando-se a legislação ambiental brasileira.

A esse respeito, por ocasião da realização de um laudo de vistoria arqueológica (SETE, 2003), foi identificado o sítio arqueológico “Valter Dentista”. De acordo com o laudo, em áreas próximas ao Córrego Cachoeira, ao norte da cidade de Tapira, o Sr. João Valter de Melo (morador de Tapira e arrendatário, na época, das terras da Fosfértli) atestou ter encontrado um “antigo cemitério indígena”. O local dos achados situava-se, mais precisamente, na margem direita do Córrego Cachoeira, o qual é afluente do Córrego da Mata (este afluente do Córrego da Anta, do Ribeirão Capivara e o Rio Araguari).

Foi realizado na época um levantamento de informações orais e visita técnica não interventiva ao local, além do cadastramento do sítio no IPHAN. As informações orais levantadas apontavam para a existência de contextos funerários e urnas, com a presença de dentes e outros ossos humanos, como maxilar e mandíbula (SETE, 2003, p. 3). O material foi entregue a um morador da cidade de Tapira, conhecido na região como “Valter Dentista”. O Sr. Valter classificou os dentes, identificou duas cáries nos mesmos, e posteriormente doou o material à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) (SETE, 2003: 3).

Os relatos orais atestaram ainda a existência de outros prováveis sepultamentos na área. Também de acordo com o Sr. Valter, há algum tempo, quando ainda havia moradores na área, foram encontrados “potes de barro” quando da confecção de uma cerca. Quando foram preparar o terreno, a máquina destruiu e espalhou os cacos, que posteriormente foram desenterrados e guardados na casa de um morador local<sup>11</sup>. Também informa que nas proximidades desta área tem um barro que parece muito bom para fazer cerâmica. Quando ele foi reformar um canal de adução ali existente, achou

---

<sup>11</sup> Não conseguimos identificar o atual destino dessas peças, nem do morador que a abrigou.



uma pedra redonda, enterrada, que ainda ficou sob sua guarda por um bom tempo (SETE, 2003: 3).

A visita ao local feita na ocasião foi responsável pela identificação de um batedor unipolar em quartzo e alguns fragmentos de cerâmica espalhados em um acero recente. Os fragmentos cerâmicos se caracterizavam por bordas com decoração incisa, ausência de pintura, técnica de manufatura roletada e antiplástico mineral adicionado à pasta (SETE 2003, p.3-5). Foi verificado que o local onde foi retirada a urna funerária era em 2003 ocupado por cultura de subsistência. Ao longo do caminho aberto na época para o preparo do terreno, foram observados locais que apresentavam fragmentos esparsos e outros com concentrações maiores. Esta distribuição espacial foi interpretada como resultante de distúrbios anteriores causados pelo arado. O laudo ainda infere que seria possível supor, de acordo com as características da região e das atividades ali desenvolvidas (conforme relatos dos moradores), que o pacote de solo seria bastante denso.

A filiação cultural do material foi associada então à Tradição Aratu Sapucaí, ceramistas já identificados nas regiões próximas dos municípios de Campos Altos, Ibiá e Araxá (PROUS, 1992), e que segundo o laudo, apresentaria algumas das características de ocupação observadas no local – algo ratificado pelas pesquisas que culminaram no resgate do sítio arqueológico Valter Dentista (BARS HERING, 2018). Foi levantada a hipótese de o sítio ter sido um local de atividades diversas - um aldeamento ou acampamento, que possuiria também certas áreas destinadas ao sepultamento. Além das urnas funerárias, o material cerâmico composto por vasilhames de diferentes tamanhos, espessuras, e tratamento de superfície, poderia estar relacionado a atividades como armazenamento de água e alimentos, e transporte dos mesmos (SETE, 2003).

Com o objetivo de averiguar o estado de preservação do sítio arqueológico Valter Dentista, foi realizada em 2011 uma visita técnica ao local por uma equipe da empresa Arqueologika Consultoria em Arqueologia e Negócios Socioculturais. Na ocasião foram realizados caminhamentos na área e registro fotográfico do material identificado em superfície. O caminhamento privilegiou as áreas como estradas, aceiros, barrancos, enxurradas, buracos de tatu e clareiras abertas para a realização de sondagens geológicas, a fim de realizar também a observação de áreas parcialmente expostas do subsolo. Durante caminhamento na área de reserva legal e de lavra foram identificados centenas de fragmentos cerâmicos e uma lâmina de machado polido.

Posteriormente, em 2011, por ocasião da realização de um estudo de diagnóstico interventivo em áreas próximas ao sítio (BARS HERING et al., 2011), foi feita uma nova visita técnica não interventiva. Trabalhos de investigação interventiva,

ligados ao *Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico Sítio Valter Dentista*, ocorreram no ano de 2014, visando delimitar o sítio arqueológico. Demais ações interventivas, com o intuito de resgatar o mesmo, ocorreram nos anos de 2016, 2017 e 2018. Estima-se como UTM central do sítio as coordenadas 23K 307921,208/7799387,063. O sítio encontrava-se exposto a céu aberto, com contexto de deposição em superfície e em profundidade. Erosão pluvial, bioturbação, e atividades agrícolas foram considerados os principais fatores de perturbação no local. No ano de 2019, as porções do sítio arqueológico Valter Dentista que não foram alvo de resgate foram completamente destruídas, engolidas pela mineração de fosfato. Os vestígios oriundos das escavações arqueológicas encontram-se atualmente no Museu Arqueológico do Carste do Alto São Francisco (MAC), localizado no município de Pains/MG, a cerca de 200 km de Tapira.

## **2.2. “Inventários Participativos” como instrumento de abertura museal: o caso de Tapira/MG**

“A realização do inventário com a participação da comunidade proporciona não apenas a obtenção do conhecimento do acervo por ela atribuído ao patrimônio, mas, também, o fortalecimento dos seus vínculos em relação ao patrimônio” (CURY, 2000, p. 286 apud CAMPOS, 2013, p. 130).

Os “inventários participativos” (IPHAN, 2016) têm assumido um espaço cada vez mais importante enquanto ferramenta pedagógica no campo do patrimônio cultural, considerando sua potencialidade para desenhar caminhos imbricados de reflexão e proposição em torno das políticas de patrimônio cultural. Trata-se, nesse sentido, de construir mediações que se propõem a valorizar os conhecimentos e práticas que conferem sentido às diferentes narrativas, de modo a colocar em relevo a potência transformadora dos embates gerados a partir das materialidades (MENESES, 1994).

E por transformação social entende-se tanto os impactos que práticas imbricadas podem causar nas comunidades locais quanto nas práticas museológicas. Nesse sentido, as perspectivas museológicas contemporâneas que conferem centralidade à construção de mediações que valorizam o protagonismo das comunidades locais na identificação e seleção de referências culturais, são parte importante dessa “equação”. Especialmente porque tais experiências constituem aprendizados que constroem caminhos de sustentabilidade como pilar para que o museu cumpra sua função social.

Conforme mencionado, no ano de 2011 a Arqueologika Consultoria em Arqueologia e Negócios Socioculturais iniciou atividades de pesquisa arqueológica no

contexto de expansão das áreas de lavra de fosfato da então Vale Fertilizantes, que ocorre no Centro de Mineração de Tapira. As atividades educativas associadas às pesquisas arqueológicas ganharam sistematicidade no ano de 2017, quando o *Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico Sítio Valter Dentista* passou a ser executado.

Desde então, um conjunto heterogêneo de atividades educativas passou a ser desenvolvido através de uma parceria entre a Arqueologika, a Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Tapira e a Mosaic Fertilizantes<sup>12</sup>. As atividades incluíram (a) curso *Os sentidos na memória: diálogos com educadores*, (b) oficina de arteterapia e contação de histórias com a melhor idade, (c) oficinas diversas com alunos, (d) formação de jovens multiplicadores, (e) I e II Mostra de Patrimônio Cultural de Tapira.

### **2.2.1. I Mostra do Patrimônio Cultural de Tapira – 2017**

Ocorrida em novembro de 2017, a *I Mostra do Patrimônio Cultural de Tapira* foi organizada a partir da ótica dos professores das escolas tapirenses, e foi o resultado de um ano de ações sistemáticas e integradas de educação patrimonial. Logo nos primeiros diálogos (fevereiro de 2017), a efervescência de histórias, personagens, bens materiais e imateriais imperou como protagonista, deixando em evidência que as relações entre sujeitos, memórias e território comportam camadas de relação importantes de serem potencializadas.

E foi no intuito de nos aprofundar nesse universo de relações, bem como valorizá-las e de contribuir para que novas mobilizações entre os sujeitos produtores desses conhecimentos fossem incentivadas, que foi formatado o Programa de Educação Patrimonial em Tapira. As ideias que inicialmente foram apresentadas, compartilhadas tanto em reuniões presenciais (SMEC) quanto através de “ofícios” e “conteúdos programáticos”, foram completamente reformuladas a partir das diferentes relações estabelecidas, seja na SMEC, com as gestoras Elta Siqueira e Josenice Paiva, quanto com outros sujeitos, considerando uma diversidade de faixas etárias (dos 2 aos 90 anos), orientação sexual, gênero, profissões etc.

Essas relações foram estabelecidas e fortalecidas através da realização de uma “força-tarefa” destinada a conferir visibilidade e a valorizar os bens culturais de Tapira a partir da perspectiva dos moradores, no intuito de constituir um acervo representativo da memória tapirense: o chamado “Levante Patrimonial”. Nesse sentido, as práticas educativas desdobradas ao longo do ano aproximaram-se em grande medida dos

---

<sup>12</sup> Em 2018 a Mosaic Fertilizantes concluiu a compra da Vale Fertilizantes, setor da Vale que atua na extração de fosfato concentrado e potássio.

pressupostos relacionados aos “Inventários Participativos”, que contam com diversas experimentações positivas, bem como com sistematizações importantes (IPHAN, 2016)<sup>13</sup> e orientadoras de novas práticas.

A primeira ação elaborada foi o curso *Os sentidos na memória: diálogos com educadores*, ministrado por Maria Tereza Vieira Parente e Luísa Lacerda Maciel. Dividido em cinco módulos, o curso foi oferecido para a totalidade dos docentes do município, e teve carga-horária de 30 horas. Ficou claro desde o início que a “vontade de museu” permeava as rodas de conversa e as práticas pedagógicas de muitos docentes, de modo que a programação do curso se voltou para o fomento das reflexões sobre a temática do patrimônio cultural e dos acervos musealizados – o que culminou na organização da *I Mostra do Patrimônio Cultural de Tapira*. Os professores foram divididos em três turmas, agregando toda a rede municipal de ensino.

De caráter introdutório, o Módulo I teve como objetivo apresentar aos docentes do município a proposta educativa do PEP como um todo, bem como a proposta do curso *Os sentidos na memória: diálogos com educadores*, destacando seus pressupostos, conteúdo e metas. Os participantes foram convidados a integrar o que foi chamado de “Levante Patrimonial”, consolidada como “fio condutor” para os encontros subsequentes e para a construção de um inventário participativo.

Os encontros tiveram caráter dialógico, e procuraram trazer à tona o universo patrimonial de referência para os educadores, que incluíram elementos relacionados à culinária regional (tal como o “modo de fazer o queijo”, a carne na banha); os carros-de-boi (tanto o “modo de fazer” quanto a “celebração”); as cavalgadas; edificações (como o Casarão Mariinha Barcelos) e as igrejas (Nossa Senhora do Rosário e Matriz); além de festas (Folia de Reis, Cavalgadas, festas religiosas); água sulfurosa e barro medicinal; monjolo e rodas d’água; engenhos entre outros. No final do encontro os educadores foram divididos em grupos temáticos para otimizar as pesquisas que fariam ao longo do ano, como forma de construir a *I Mostra do Patrimônio Cultural de Tapira*. Os grupos receberam uma orientação ao longo das semanas seguintes sobre como dar andamento a essas pesquisas, incluindo fichas de sistematização a serem utilizadas

---

<sup>13</sup> Os pressupostos teórico-metodológicos norteadores do trabalho têm como base algumas publicações centrais do IPHAN na área da Educação Patrimonial, como o Guia Básico de Educação Patrimonial (Horta et al. 1999), Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos (IPHAN, 2014) e Educação Patrimonial: Inventários Participativos (IPHAN, 2016), além da legislação vigente acerca do tema. Vale destacar também que o trabalho dialoga diretamente com recentes pesquisas desenvolvidas no município de Tapira, especialmente aquelas que vêm sendo desdobradas pela equipe da Arqueologia desde 2011, como o Estudo Diagnóstico do Meio Socioeconômico - Diagnóstico Arqueológico Interventivo, Diagnóstico dos Bens de Natureza Material e Diagnóstico dos Bens de Natureza Imaterial – Vale fertilizantes – Tapira MG – Depósito E6” (BARS HERING et al, 2011).

contendo roteiro de entrevista, ficha de catalogação de objetos e ficha de catalogação de material audiovisual.



Fig. 5, Fig. 6, Fig. 7, Fig. 8, Fig. 9, Fig. 10 e Fig. 11: Os sentidos na memória: diálogos com educadores (Módulo I). Fotos: Acervo Arqueológica.

O Módulo II objetivou discutir com o grupo o conceito de “Patrimônio Cultural Material”, considerando-se as referências trazidas pelos próprios educadores. Essas referências foram apreendidas a partir dos diálogos feitos no encontro anterior e, também, a partir do processamento de informações relatadas pelos educadores em

grupo diante de questões norteadoras, como “quais elementos em Tapira podem ser considerados patrimônio cultural?” ou “o que não pode faltar na *I Mostra do Patrimônio Cultural de Tapira*?”. O caráter “genérico<sup>14</sup>” de algumas das respostas foi trabalhado durante o Módulo II. Além disso, no intervalo de tempo entre os encontros foram feitas algumas recomendações para que as futuras pesquisas (inclusive aquelas que estavam fazendo em grupo) buscassem especificações e riqueza de informações/detalhes acerca dos bens inventariados. Os desafios apontados também foram debatidos, de modo que os grupos buscassem soluções conjuntas de superação dos mesmos.

Durante os encontros os professores foram estimulados a levar objetos de referência para o diálogo, de modo que pudéssemos explorar *seus sentidos* em conjunto. Isso resultou na organização de pequenas exposições, feitas e organizadas pelos próprios professores, ao longo dos encontros, e que foram utilizadas como “fonte primária de conhecimento” durante os encontros.



Fig. 12, Fig. 13, Fig. 14, Fig. 15, Fig. 16, Fig. 17: “Exposições” organizadas pelos professores para os encontros do Módulo II. Fotos: Acervo Arqueológica.

<sup>14</sup> O caráter “genérico” refere-se a citações como “festas”, danças”, casas antigas” etc. A discussão, nesse sentido, foi de que os educadores poderiam nomear/qualificar/descrever as tais categorias.

O Módulo III objetivou discutir com o grupo o conceito de “Patrimônio Cultural Imaterial”, considerando-se o inventário participativo como conceito norteador – e tendo o inventário produzido pela Arqueologika em 2012 como base (Bars Hering et al. 2012). Um material informativo/resumo foi distribuído entre os educadores, como forma de subsidiar os estudos em casa. Durante o encontro, inicialmente, os educadores apresentaram os inventários que produziram, tendo como base a ficha que a equipe da Arqueologika compartilhou ao fim do Módulo II. Dentre os destaques estão o inventário acerca do Ofício da Tecelagem e da Edificação Igreja Nossa Senhora do Rosário.

Foi interessante que algumas turmas fizeram apresentações teatrais e outras chegaram a convidar personalidades importantes do município para contarem histórias, como o ex-prefeito Manuel Messias e dona Mariinha, que fizeram muitas reflexões sobre o “antes e depois” de Tapira. Para além dos ricos relatos, a participação dessas personalidades constitui-se também como uma importante mostra do esforço coletivo em aproximar relatos e gerações em prol da preservação do patrimônio cultural local. O caminho trilhado pelos professores foi tornando mais forte a tônica do curso, considerando o impulsionamento das práticas preservacionistas e de musealização no município.



*Fig. 18 e Fig. 19: Dona Mariinha e ex-prefeito Manuel Messias oferecendo suas contribuições. Fotos: Acervo Arqueologika.*



*Fig. 20 e Fig. 21: Apresentação de teatro inspirada na História de Tapira. Fotos: Acervo Arqueologika.*

Ao avaliar o conteúdo das pesquisas feitas pelos professores, percebeu-se a recorrência de dúvidas quanto ao “formato” do inventário. Por conta disso, houve uma preocupação maior em trabalhar com esse conceito/método, bem como com as categorias de bens imateriais conforme INRC (Inventário Nacional de Referências Culturais). As principais questões levantadas foram: uma casa particular pode ser

tombada à revelia de seus proprietários? Como fazer com que a água sulfurosa e a lama medicinal sejam registradas como bens culturais tapirenses? Quem é responsável pela organização de um inventário? Essas discussões não se encerraram no encontro, tendo permeado outras rodas de conversa ao longo do curso.

O Módulo IV discutiu os desafios em sala de aula para trabalhar com o tema patrimônio cultural. Foi feita uma apresentação teórica da educação patrimonial enquanto instrumento de preservação patrimonial, bem como do inventário participativo como instrumento-desafio. Suas potencialidades para o trabalho em sala de aula foram reiteradas e exemplificadas e os professores foram convidados a debater suas ideias acerca dos bens inventariados durante os encontros.

Ao final do módulo IV foi entregue aos professores uma ficha de avaliação, contendo questões que permitissem uma apreensão do aproveitamento dos participantes e a própria atuação da equipe da Arqueologika no decorrer do curso. Essa avaliação mostrou que o curso *Os sentidos na memória: diálogos com educadores* foi muito produtivo, e contou com a aderência de grande parte dos educadores do município. Uma questão importante levantada fez referência à certa “desconfiança” quanto à continuidade e efetividade do Programa de Educação Patrimonial proposto: muitos alegam que diversos projetos já foram desenvolvidos no município, mas não trouxeram resultados positivos, não desenvolveram produtos e nem mesmo cumpriram todas as metas colocadas. Diante disso, a própria Secretária de Educação, Sra. Elta Aparecida Oliveira Siqueira Cardoso e a coordenadora pedagógica Sra. Josenice Terezinha de Paiva Marques, acompanharam a equipe de Educação Patrimonial como forma de mensurar o total apoio que a Secretaria da Educação e Cultura ofereceu ao PEP, destacando-se enquanto protagonista de um projeto diferenciado e com perspectiva de continuidade.

Por fim, o Módulo V do curso foi feito com apenas uma parcela dos professores. Funcionou como uma “comissão”<sup>15</sup>, composta também por outros membros interessados da comunidade tapirense, para cuidar da montagem da *I Mostra do Patrimônio Cultural de Tapira*. Durante o encontro desdobrou-se temas importantes, como o conceito de museu, Museologia e exposição, destacando-se elementos como “qual o propósito dessa exposição?” ou “como garantir que as pesquisas feitas pelos professores sejam valorizadas, os objetos conservados, e a comunicação com os públicos seja efetiva e representativa”? Trata-se, conforme discutido durante o curso,

---

<sup>15</sup> O grupo de professores constitui-se como uma amostra dos professores participantes do curso, considerando-se as quatro escolas municipais, além de membros da Prefeitura e do Conselho de Cultura.



de processos de salvaguarda e comunicação museológica, basilares para o fazer museológico.

Após muitas conversas houve certo consenso em organizar a exposição de forma temática, nos seis cômodos do casarão Mariinha Barcelos, sendo um deles destinado ao “acolhimento” dos visitantes e outro à interação/recreação/recriação. O Casarão Mariinha Barcelos é uma das construções mais antigas da cidade, e constituiu-se como uma importante referência patrimonial para a população. Entre 2015 e 2016 a edificação foi alugada para abrigar um restaurante, ficando fechado até o ano seguinte, quando o grupo organizador da *I Mostra do Patrimônio Cultural de Tapira* organizou um “mutirão” para que o Casarão Mariinha Barcelos pudesse receber a exposição. Essa força-tarefa englobou muitas ações, como a mediação junto à família proprietária (tarefa assumida pela SMEC), a limpeza interna e externa e os reparos relacionados à iluminação e estrutura.

Além da participação dos professores para a criação da *I Mostra do Patrimônio Cultural de Tapira*, contou-se também com o envolvimento dos jovens relacionados ao CAMTA (Centro de Apoio ao menor de Tapira). Trata-se de uma instituição onde são desenvolvidos muitos projetos voltados para o público infanto-juvenil do município. Dentre eles destacam-se as aulas de dança (balé, dança do ventre e hip-hop), de música (canto, violão) e as ações do Programa Jovem Aprendiz. O Programa Jovem Aprendiz tem como objetivo contribuir na formação profissional dos jovens estudantes. Em 2017 havia 38 participantes, dentre os quais 26 são empregados diretos da Mosaic, 11 eram terceirizados por empresas contratadas pela mesma, e um trabalhava na financiadora Sicoob. Vale destacar que todos os alunos eram matriculados também na E.E. Maria Cecília Rezende Neves.

Em reuniões com a coordenação da instituição acordou-se que as ações do PEP se encaixariam no curso de formação dos jovens aprendizes, mais especificamente, no módulo “Diversidade Cultural Brasileira relacionada ao mundo do trabalho”. Foram quatro encontros, cujo objetivo principal foi promover uma reflexão sobre os bens patrimoniais do município. O trabalho implicou na produção do Mapa Cultural de Tapira, que integrou a *I Mostra do Patrimônio Cultural de Tapira*.

As atividades com os jovens aprendizes se desenvolveram entre os meses de agosto e outubro. No primeiro encontro foi feita uma introdução das questões relativas às pesquisas arqueológicas, relacionando-as à temática do Patrimônio Cultural. O convite posteriormente feito aos jovens foi que pensássemos em representações simbólicas: o que são os símbolos? Qual o significado para quem o cria? Qual o significado para quem o lê? Ao final do encontro, os participantes foram convidados a apontar lugares na cidade que tenham alguma importância e significado pessoal, além

de lugares que tenham significância coletiva, adentrando na esfera do patrimônio cultural.

A partir daí, os alunos foram estimulados a pensar o que encontramos na cidade de Tapira, que é diferente das outras cidades. Foram apresentadas algumas imagens registradas no inventário de bens culturais, realizado pela Arqueologika (BARS HERING, 2012) e, com isso, a definição do que é patrimônio cultural, em suas dimensões material e imaterial. Com essas reflexões em mente, os alunos foram divididos em grupos para elaborar um Roteiro Cultural da cidade de Tapira. Esse roteiro serviu de guia para o encontro seguinte.

Dentre os bens mais citados estão a Igreja Nossa Senhora do Rosário (chamada por muitos de “igrejinha”), o casarão da Rua Francisco Pires<sup>16</sup> (que chamam apenas de “casarão”), o engenho, água sulfurosa, muro de pedras do cemitério, a Escola Estadual Professora Cecília Maria Rezende (por ser a primeira do município); bem como os bens relacionados à natureza, como cachoeiras (Cachoeira da Parida, Cachoeira dos Bandeirantes), o Rio São Francisco, o Alto do Boqueirão. Além disso, também citaram bens imateriais, como encontro de carros de boi, as cavalgadas, as comidas típicas (como o queijo), e outras festas religiosas (como a de São Sebastião).

Nos encontros posteriores os jovens foram divididos em 8 grupos para elaboração de um roteiro e um esboço do Mapa Cultural, em cartolinas. Para o esboço do mesmo, o fundamental era que expusessem suas propostas e ideias, como por exemplo, as soluções de legendas e símbolos representativos dos bens culturais. Cada grupo apresentou uma proposta diferente: alguns utilizaram como referência para o esboço os mapas disponíveis na internet; outros foram até a biblioteca da escola, para pesquisar em livros; enquanto alguns buscaram representar os bens culturais em forma de símbolos, outros usaram suas habilidades para representá-los em desenhos realistas. Todos os bens que eram citados pelos grupos foram escritos no quadro da escola para que pudéssemos elaborar um roteiro que contemplasse os pontos que mais foram citados.

---

<sup>16</sup> Trata-se do Casarão Mariinha Barcelos.



realização do passeio ficou assim determinado: 1. Cemitério (Muro de Pedras); 2. Parque de Exposições; 3. Igreja Matriz São Sebastião; 4. Água Sulfurosa; 5. Engenho; 6. Igreja Nossa Senhora do Rosário; 7. Praça Antônio Venâncio de Souza; 8. Antigo Prédio da Câmara; 9. Casarão (Rua Francisco Pires); 10. Escola Estadual Professora Cecília Maria Rezende; 11. Centro Esportivo de Tapira (CETAP)

Antes da saída para campo, os jovens se reuniram no salão de entrada da E.M. Alvina Alves e se organizaram em círculo, para que ouvir as recomendações da coordenadora Sabina. Após as recomendações iniciais, foi distribuído um material de apoio para a atividade do dia: orientações sobre atividade, fichas de campo e pranchetas. Na ficha de campo, os participantes deveriam escrever suas observações realizadas durante o campo. O objetivo do conjunto de propostas foi estimular o olhar sensível para o patrimônio cultural da cidade, realçando as belezas que foram apontadas pelos jovens como bens culturais do município.

Findado o trabalho de campo, foram enunciadas recomendações relacionadas à organização de fotos e legendas, fazendo uma pré-seleção das melhores imagens de cada bem cultural registrado, usando como referência suas fichas de campo. Além disso, foi distribuída a ficha de inscrição nos grupos de trabalho, organizados para os próximos encontros.





Fig. 27, Fig. 28, Fig. 29, Fig. 30, Fig. 31, Fig. 32, Fig. 33, Fig. 34: trabalho de campo com os jovens do CAMTA. Fotos: Acervo Arqueológica.

No último encontro os jovens foram divididos em grupos de trabalho, no intuito de trabalhar na organização do material produzido nos encontros anteriores. Cada grupo recebeu atividades específicas na organização desse acervo de materiais (fotografias, desenhos e conjunto de bens culturais que devem ser valorizados), conforme quadro abaixo:

GT	ATIVIDADES	PRODUTO FINAL
<b>DESENHOS</b>	Este grupo ficou encarregado de desenhar uma representação dos bens culturais a serem apresentados no mapa.	Mapa Cultural de Tapira

<b>MÍDIAS SOCIAIS</b>	O grupo ficou responsável pela criação de um perfil em rede social para expor as imagens registradas durante o curso, mediante o qual será realizado o concurso da melhor fotografia.	Organização das fotografias digitais numa plataforma virtual ( <i>Google photos</i> )
<b>LOGO TAPIRA CULTURAL</b>	Como forma de criar uma identidade visual para as ações desenvolvidas em prol da valorização e promoção do patrimônio cultural de Tapira, este grupo criou um logotipo com o tema "Tapira Cultural"	Logotipo "Tapira Cultural"
<b>TAPIRA RURAL</b>	Os integrantes desse grupo ficaram responsáveis por pesquisar fotos e objetos que representassem a zona rural de Tapira.	Acervo de informações sobre a zona rural no município, para compor a / <i>Mostra do Patrimônio Cultural de Tapira.</i>

Todos os grupos foram orientados a escrever sobre o seu processo criativo, e as ideias do grupo para organização dos materiais. O GT Desenhos sintetizou as informações do mapa, em acordo com o restante da turma. Ao descrever seu processo criativo o grupo citou a utilização de visão aérea da cidade, pontos de localização com cores diferentes, desenhos dos bens culturais de forma tridimensional, e a revisão e utilização de recursos de todos os mapas anteriores. Este produto foi diagramado pelo design da Arqueologika, Caio Bars (Design Cajueiro) e compôs o acervo exposto na / *Mostra do Patrimônio Cultural de Tapira.*





Fig. 35 e Fig. 36: Mapa Cultural de Tapira desenhado pelo GT Desenhos. CAMTA 2017; Mapa diagramado pela Arqueóloga a partir do trabalho dos alunos. CAMTA 2017.

Como se vê, o resultado de todo o trabalho de pesquisa e educação desenvolvido em 2017 foi “sintetizado” na forma da *I Mostra do Patrimônio Cultural de Tapira*, evento ocorrido entre 30 de novembro e 6 de dezembro de 2017, que teve a visitação de 522 pessoas<sup>17</sup>. O acervo foi reunido pelos educadores que participaram do curso *Os sentidos na memória: diálogos com educadores*, os quais dividiram-se em equipes para construir a exposição, e seu conteúdo foi discutido de modo coletivo durante o Módulo V do referido curso. O acervo reunido também procurou inserir a história pré-colonial de Tapira na narrativa, através da reunião de parte do acervo escavado no sítio arqueológico Valter Dentista e, também, através da apresentação de réplicas de materiais arqueológicos produzidos pela equipe do Museu Paraense Emilio Goeldi<sup>18</sup>. Todas as escolas do município realizaram visitas com educadores e alunos. Além de contar com o famoso “boca a boca”, o conjunto ações de divulgação da Mostra contou com convites entregues em mãos, cartazes fixados em espaços públicos, carros de som, redes sociais e matérias jornalísticas.

<sup>17</sup> O que equivale a mais de 10% do total de habitantes do município.

<sup>18</sup> As réplicas são fruto de um projeto intitulado “Replicando o passado: socialização do acervo arqueológico do Museu Goeldi através do artesanato cerâmico de Icoaraci”, que tem como objetivo de divulgar o acervo do museu e ao mesmo tempo potencializar o artesanato cerâmico da comunidade oleira de Icoaraci, com inspiração nos estilos arqueológicos da Amazônia. Fonte: <https://www.museu-goeldi.br/noticias/arqueologos-do-museu-goeldi-iniciam-novo-projeto-com-ceramistas-de-icoaraci-pa>. Acesso feito em 12 de agosto de 2021.



Fig. 37: Cartaz de divulgação - I Mostra do Patrimônio Cultural de Tapira. 2017.

Para organizar a expografia, as salas do casarão foram divididas considerando-se as turmas formadas para o Curso *Os sentidos na memória: diálogos com educadores*. A Turma I (E.M. Alvina Alves de Rezende e E.E. Professora Cecília Maria de Rezende Neves) organizou a sala “personagens históricos de Tapira”; a turma II (E.M. Vicente Pereira Fernandes) organizou a sala “cozinha tapirense; a turma III (E.M. Comecinho de Vida e Creche Municipal Marília Assunção Fernandes) organizou a sala “Patrimônio material e imaterial em Tapira”; a Arqueologika organizou as salas “Arqueologia” e “Re-Criar”, e ficou responsável por produzir um banner para cada sala.





Fig. 38, Fig. 39, Fig. 40, Fig. 41: Organização coletiva da I Mostra do Patrimônio Cultural de Tapira. Fotos: Acervo Arqueologica.

Segue abaixo uma breve descrição de cada espaço expositivo:

- Salão Principal – abertura

A proposta desta sala principal, que fica na entrada do casarão e dá acesso aos outros cômodos foi de apresentação da Mostra e recepção dos visitantes. Portanto, sua apresentação ficou mais “limpa” dando destaque ao Inventário Participativo, através de um banner que o contextualizou como instrumento que possibilitou a ampliação de diálogos e a realização da I Mostra. Ainda no salão principal ficou uma mesa com Livro de Assinaturas e alguns dos elementos levados por memorialistas da comunidade: objetos que remetem à montaria em cavalos, como selas, arreios, rédeas, freios, estribos, entre outros, que foram relacionados ao modo de vida na Tapira Rural, contextualizados por um dos banners produzidos pela equipe da Arqueologica. Além disso, nas paredes das salas foram pendurados grandes quadros pertencentes à Prefeitura de Tapira, com fotografias antigas da cidade.



Fig. 42, Fig. 43: Salão Principal. Fotos: Acervo Arqueologica.

- Salas 1 e 2 – Arqueologia

A primeira dessas salas apresentou alguns dados da pesquisa arqueológica que foi realizada no sítio arqueológico Valter Dentista, destacando o processo de pesquisa que implica em sua evidenciação, tanto em campo quanto em laboratório. No segundo espaço apresentou-se algumas réplicas de culturas arqueológicas bem conhecidas da história pré-colonial brasileira, como a marajoara, tapajônica e maracá. Estavam expostas também réplicas de pontas de flecha feitas de pedra e fusos cerâmicos. A organização dessas salas ficou sob responsabilidade da Arqueologika.



Fig. 44, Fig. 45, Fig. 46, Fig. 47: Salas 1 e 2 – “Arqueologia em Tapira”. Fotos: Acervo Arqueologika.

- Sala 3 – Patrimônio Material e Imaterial em Tapira

Nesta sala, os educadores da Creche Municipal e CEMEI Comecinho de Vida, reuniram objetos que buscaram representar, sobretudo, o Patrimônio Imaterial de Tapira, trazendo especialmente as colchas confeccionadas manualmente, como a colcha de retalhos, de fuxico, de crochê e lã feitas no tear manual, dispostas sobre as mesas onde também havia outros objetos antigos, como gamela, notas de dinheiro, santuário de madeira e livros sobre a cultura de Tapira e a Serra da Canastra. Em uma das mesas foram colocadas as fichas descritivas do Patrimônio Imaterial de Tapira, referentes ao Inventário do Patrimônio Imaterial, realizado pela Arqueologika em 2011, bem como as fotografias reunidas durante realização do curso *Os sentidos na memória: diálogos com educadores*.

Além disso, nas paredes foram fixadas fotografias históricas, como forma de homenagear tapirenses não necessariamente relacionados ao poder público. Compuseram esta sala outros objetos trazidos pela comunidade, como uma bandeira e crucifixo fazendo referência à devoção a de São Sebastião, santo padroeiro da cidade.

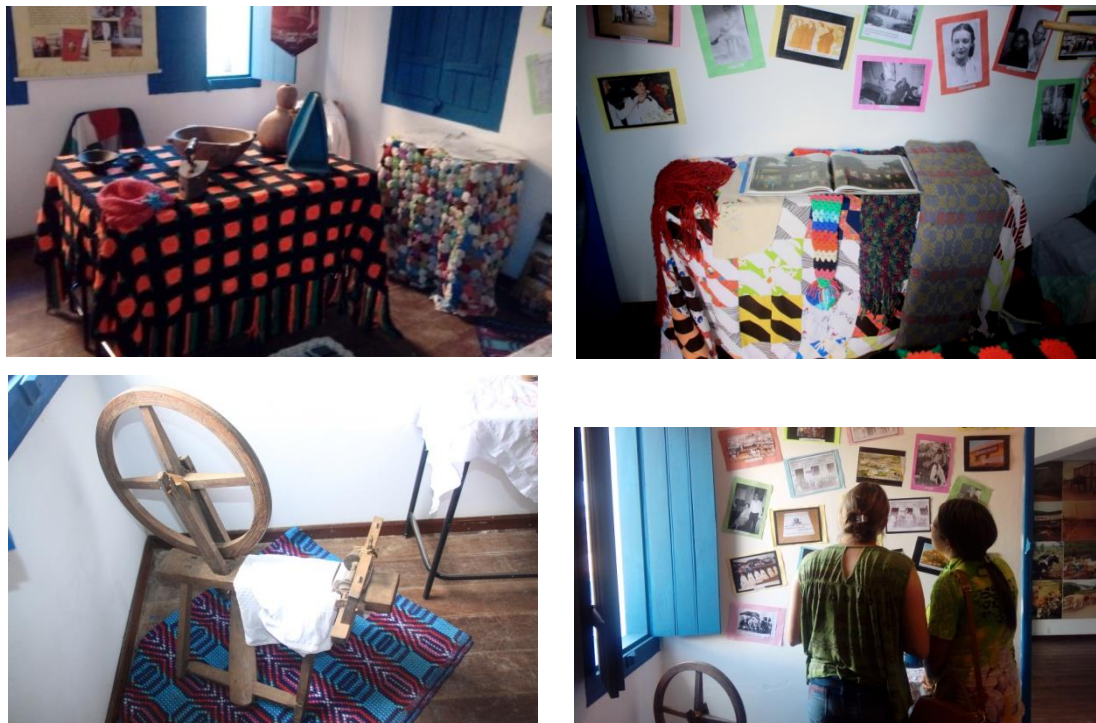


Fig. 48, Fig. 49, Fig. 50, Fig. 51: Sala 3: "Patrimônio material e imaterial em Tapira". Fotos: Acervo Arqueologica.

- Sala 4 – Cozinha tapireNSE

A cozinha, organizada pelos educadores da E.M. Vicente Pereira Fernandes (Faz. Palmeiras) apresentou os objetos e elementos presentes na cozinha típica mineira. Os objetos, por estarem apresentados num cômodo como era (ou é) originalmente, instigaram à reflexão sobre a reverberação do passado no presente. Tanto para despertar a curiosidade sobre a diferença e evolução das tecnologias, quanto para mostrar que alguns costumes e tradições perduram mesmo com o passar de gerações, já que muitos dos objetos antigos que estavam ali expostos como representativos do passado, são ainda utilizados no presente.



Fig. 52, Fig. 53, Fig. 54: Sala 4: "A cozinha tapirense". Fotos: Acervo Arqueologika.

- Sala 5 – Personagens Tapirenses

Sala utilizada para desdobrar a temática "Personagens Tapirenses", organizada pelos educadores das Escolas Alvina A. Rezende (municipal) e Maria Cecília de Rezende (estadual). Os professores produziram banners expuseram um recorte histórico, apresentando os principais feitos dos prefeitos de Tapira. Para retratar outros personagens e feitos muitas fotografias e álbuns sobre eventos diversos (como por exemplo, a inauguração da reforma realizada na Igreja Matriz São Sebastião), foram organizadas dentro de objetos antigos como malas de couro, e até mesmo um tacho de cobre. Outros objetos históricos adornaram a sala: o rádio, a candeia, o berrante, e colchas de retalhos e tear manual. Folhas secas foram espalhadas pelo chão como representação da passagem do tempo. Outro elemento trabalhado nesta sala, no momento das visitas, foi a apreciação da vista das janelas para a rua, valorizando a localização privilegiada do casarão, com vista para a exuberante paisagem natural do

município de Tapira, bem como para as edificações apontadas como patrimônio cultural: a Igreja Matriz, o Parque de Exposições, a praça, o CETAP, entre outros.



Fig. 55 e Fig. 56: Sala 5: "Personagens tapirenses". Fotos: Acervo Arqueologica.

- Sala 6 – Espaço Re-Criar

Sala destinada à realização de atividades lúdicas e interativas teve como proposta apresentar o resultado do trabalho desenvolvido com os jovens aprendizes do CAMTA e o potencial de ações de educação patrimonial em Tapira, além de proporcionar espaço interativo/recreativo para os visitantes. Jovens e adultos se encantaram com o Mapa Cultural de Tapira e o folder do Mapa (distribuído para os visitantes), bem como com o processo criativo desenvolvido com os Jovens Aprendizes anterior a construção do mapa: os desenhos de diferentes símbolos representativos e propostas de mapas, além das fotografias realizadas pelos jovens na saída de campo onde se percorreu o Roteiro Cultural criado coletivamente. O Mapa Cultural chamou atenção para a valorização dos bens culturais de Tapira e para o potencial para construção de novos mapas, que poderão incluir outros bens.

Neste mesmo espaço havia ainda a projeção de fotos e vídeos, apresentando em imagens as atividades realizadas no âmbito do programa de educação patrimonial durante o ano de 2017: o curso com educadores, as entrevistas de registro do inventário de bens materiais e imateriais de Tapira, o curso com Jovens Aprendizes, as participações para registro de celebrações e festas. Além disso, nesta sala havia uma grande mesa com cadeiras para que os visitantes se sentissem à vontade para registrar sua passagem pela Mostra. Nesse ambiente, crianças e jovens se expressaram através de desenhos, mostrando o que mais lhes chamou atenção na exposição.

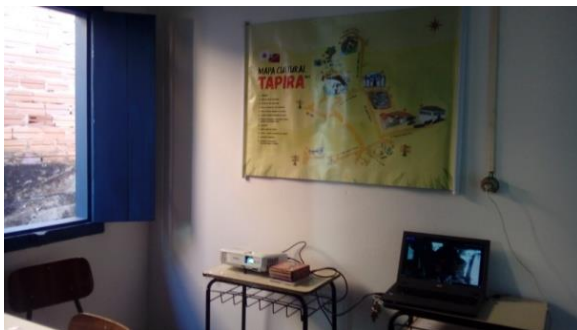


Fig. 57, Fig. 58: Espaço Re-criar. Fotos: Acervo Arqueologica.

A “cerimônia de abertura” foi realizada no prédio da Câmara Municipal no dia 29 de novembro de 2017. Estiveram presentes na cerimônia de abertura 117 pessoas, que lotaram o auditório da Câmara Municipal. Na sequência, o público foi convidado a apreciar duas apresentações artísticas: da professora de música Meire Borges e suas alunas, que cantaram música enaltecendo o estado de Minas Gerais, e da equipe da Melhor Idade de Tapira, que dançou a tradicional “Dança do Engenho”. Para confraternizar e celebrar a cultura culinária, foi servido um “café cultural”, com produtos típicos da região: queijo, doce de leite, broa de milho, pão de queijos, café e outras iguarias produzidas artesanalmente, foram servidos numa grande mesa, ao redor da qual os presentes se reuniram para degustação.



Fig. 59, Fig. 60: cerimônia de abertura da I Mostra do patrimônio Cultural de Tapira. Fotos: Acervo Arqueologica.



*Fig. 61, Fig. 62: Apresentações musicais e dança do engenho. Fotos: Acervo Arqueologika.*

Os visitantes exploraram bastante a exposição, em especial a Sala Re-Criar, onde desenhos eram feitos e projeções sobre Tapira eram observadas. Muitas crianças e jovens passaram manhãs e tardes no casarão, observando cada elemento da exposição com calma e retornando no dia seguinte acompanhados de amigos ou familiares. A sala de Re-Criação se constituiu como ambiente de conversas sobre Patrimônio, histórias familiares, brincadeiras e prática de desenhos diversos. As fotografias do patrimônio de Tapira ali presentes serviram como suporte de comparação com as fotografias presentes nos quadros expostos na sala principal: os registros fotográficos do presente e do passado ilustram a história de Tapira e suas modificações com o passar do tempo. Os desenhos produzidos pelos jovens e crianças na sala de Re-Criação refletem a interação dos mesmos com os objetos e histórias expostos, especialmente no que se refere ao material presente na referida sala, produto do curso desenvolvido com os jovens aprendizes do CAMTA.



*Fig. 63, Fig. 64: Professores e alunos das Escolas Alvina Alves Rezende e Escola Estadual Prof. Cecília Maria de Rezende Neves fazendo a visitação em grupos. Fotos: Acervo Arqueologika.*





Fig. 65, Fig. 66, Fig. 67, Fig. 68: Crianças e adolescente aproveitaram a Sala de Re-Criação, onde observaram os vídeos projetados, conversaram, desenharam, aprenderam e ensinaram sobre o Patrimônio Cultural de Tapira. Fotos: Acervo Arqueologica.

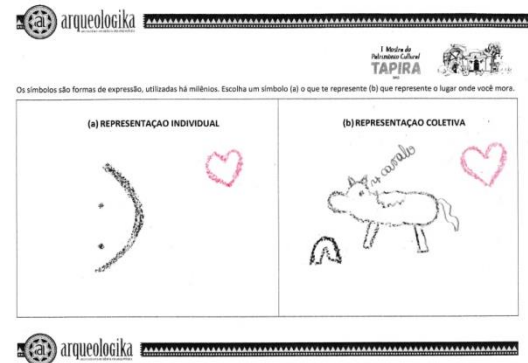
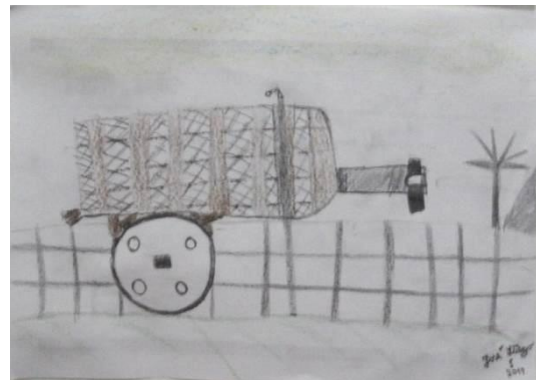


Fig. 69, Fig. 70, Fig. 71, Fig. 72: Desenhos produzidos na sala de Re-Criação.

A I Mostra do Patrimônio Cultural de Tapira, portanto, não se resumiu a apenas a lugar de passagem, mas um espaço de sociabilidade. Visitantes de todas as idades



interagiram com a mostra e entre si, trocando informações, contando histórias, fazendo comentários e observações sobre o que gostaram ou o que estaria “faltando” nessa Mostra, já imaginando como poderia ser a próxima. Muitas pessoas da comunidade comentaram que poderiam ter trazido “um ou outro” objeto que têm em casa e não está recebendo o devido valor. Esse ambiente de fruição, diálogo, observação e encantamento trouxe à tona o desejo de muitos tapirenses: a criação de um museu na cidade.





Fig. 73, Fig. 74, Fig. 75, Fig. 76, Fig. 77, Fig. 78, Fig. 79 e Fig. 80. Crianças e adultos interagem com a exposição. Fotos: Acervo Arqueológica.

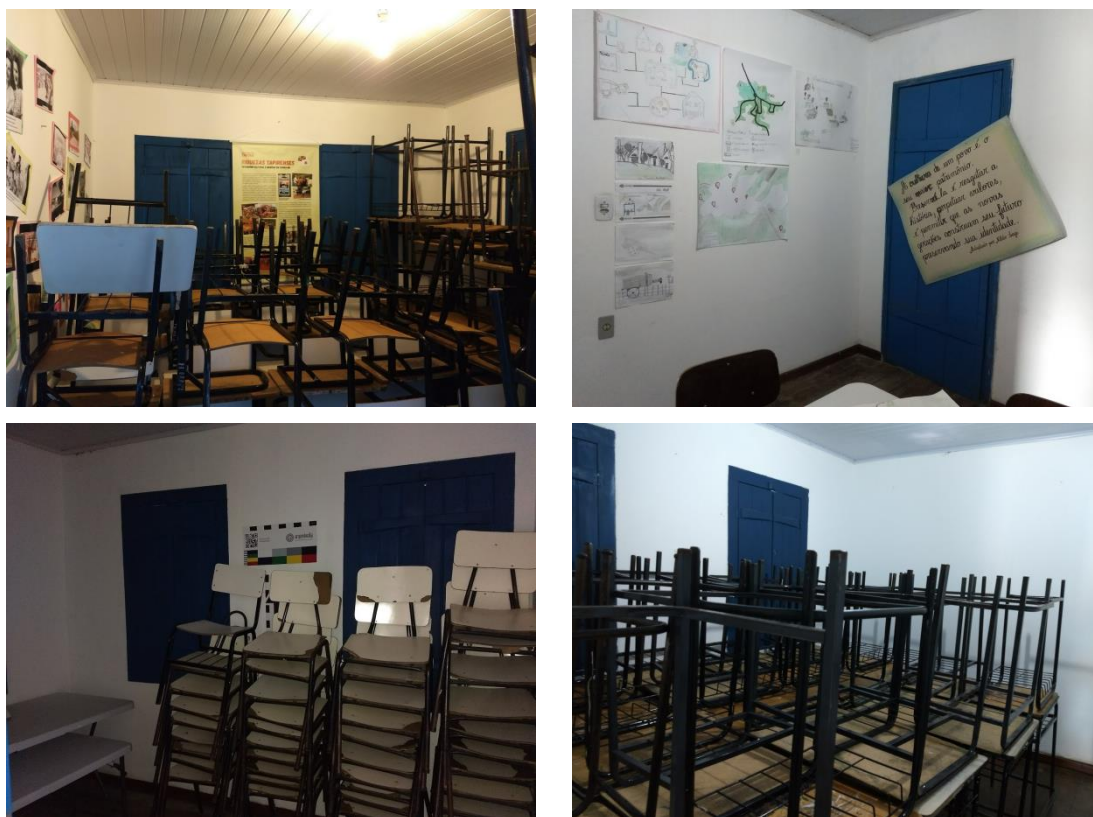
Após a realização da mostra, foram feitas reuniões de avaliação e encerramento do ano para definir procedimento de desmontagem da exposição e discutir a possibilidade de continuação das ações de Educação Patrimonial no município. A prefeitura de Tapira demonstrou seu interesse em dar continuidade às atividades relativas à valorização do Patrimônio Cultural da cidade, requisitando a continuidade do Programa de Educação Patrimonial para o ano de 2018. Na ocasião também ficou acordado que a prefeitura permaneceria com a parceria para manter o casarão aberto para atividades futuras, através da realização de um acordo entre a prefeitura e a família proprietária do imóvel.

### **2.2.2. II Mostra do Patrimônio Cultural de Tapira – 2018**

Os diálogos iniciados em 2018 já vieram acompanhados do desejo de fazer a *II Mostra do Patrimônio Cultural de Tapira*. Esse novo planejamento foi feito a partir de novas reuniões com Elta Siqueira e Josenice Paiva (SMEC) e Sabina Meira (CAMTA). Dentre as atividades viabilizadas através dessa nova etapa grande parte orbitou em torno de um processo de ocupação cultural do Casarão Mariinha Barcelos, ocorrida através do desenvolvimento de atividades de pesquisa e educação dentre as quais se destacam: (a) laboratório em Tapira, (b) rodas de conversa sobre patrimônio cultural, (c) formação de jovens multiplicadores, (d) oficinas com alunos, (e) *II Mostra do Patrimônio Cultural de Tapira*.

A proposta de promover uma “Ocupação Cultural do Casarão Mariinha Barcelos” levou em consideração um conjunto de situações ocorridas após a desmontagem da *I Mostra do Patrimônio Cultural de Tapira*. Em especial, considerou-se que, mesmo tendo a edificação continuado à disposição da prefeitura, continuou a sofrer as consequências da relativa invisibilidade, tornando-se depósito temporário de mesas e cadeiras

escolares. Banners expositivos e fotografias produzidos para a *I Mostra do Patrimônio Cultural de Tapira* estavam também no interior da instituição, sem poder ser acessado pela comunidade tapirense – como almejou-se em 2017.



*Fig. 81, Fig. 82, Fig. 83, Fig. 84: O Casarão como depósito. Fotos: Acervo Arqueológica.*

Apesar de o cenário de abandono ter causado preocupações e alguma tristeza – além de contrastar fortemente com a vitalidade que caracterizou o espaço durante o processo de ocupação cultural – procurou-se aproveitar positivamente a situação, discutindo a importância da “permanência e sistematicidade” do trabalho de educação patrimonial, bem como as responsabilidades relacionadas à criação de um museu. Não se trata apenas de manter uma exposição aberta, ou de guardar acervos, mas de exercitar constantemente ações relacionadas à salvaguarda e comunicação museológica, considerando o papel transformador que a instituição carrega.

Essas conversas foram feitas junto à SMEC, que tomou medidas para reverter o quadro de abandono protagonizando ações como: reparos no forro, conserto de parte elétrica, colocação de novas fechaduras nas portas, retirada das cadeiras/mesas excedentes, além da limpeza geral. Essas ações tiveram como objetivo iniciar um processo de “ocupação cultural” da edificação, tornando-a palco de atividades de ensino e pesquisa como forma de trazer à tona seu potencial museal e de alargar a percepção comumente difundida de que museus são sinônimos unicamente de “exposição”, ou que podem abrigar “depósitos”. Na prática, a proposta foi manter as portas do casarão

abertas, adequando-o para receber uma parte do laboratório de Arqueologia e, também, para abrigar atividades educativas específicas, as quais foram desenvolvidas ao longo do ano de 2018.

Vale destacar que manter o Casarão aberto foi uma proposta conjunta entre Arqueologika e a SMEC, e que esta iniciativa atraiu a curiosidade de muitos tapirenses. Alguns chegavam tímidos, apenas olhando entre as janelas abertas. Logo, eram convidados a entrar, e ao reconhecerem-se nas fotografias espalhadas pelo casarão e nas histórias impressas em sua arquitetura, esboçavam sorrisos de lembranças. Outros entraram no espaço, sendo recebidos pela equipe de arqueólogos e educadores que ali estavam. A ocupação do casarão, portanto, aconteceu como um projeto que se desdobrou na forma de uma ocupação cultural cujo objetivo central principal foi tornar seu espaço vivo, visível e suscitador de “novas memórias, tanto quanto de velhas histórias”.



Fig. 85, Fig. 86, Fig. 87, Fig. 88: Casarão de portas abertas! Fotos: Acervo Arqueologika.

#### a) Laboratório em Tapira – pesquisa no Casarão Mariinha Barcelos

A montagem de um laboratório de Arqueologia no Casarão teve como objetivo aproximar as atividades de pesquisa da comunidade tapirense, bem como promover ações educacionais que o mantivessem vivo. Neste sentido, uma parcela do material a escavado foi deslocado para a edificação, onde continuou a ser analisado pela arqueóloga responsável, a Msc. Jaqueline Belletti. A maior parte dos artefatos, no entanto, permaneceu no município de Araxá, onde havia um laboratório em funcionamento desde 2017. Quanto às adaptações feitas no Casarão para receber as

atividades de laboratório destacam-se a inserção de fechaduras nas salas (como forma de garantir a segurança do acervo arqueológico), a adequação de iluminação e a colocação de mesas específicas para as práticas laboratoriais.



*Fig. 89 e Fig. 90: Laboratório adaptado ao Casarão. Fotos: Acervo Arqueologika.*

Ao colocar o laboratório funcionando no Casarão muitas movimentações positivas aconteceram. Desde as visitas escolares, passando pelas visitas espontâneas, que tornavam certos tapirenses cativos naquele espaço, seja para estudar, para tocar música ou para “jogar conversa fora”; até o movimento de “abrir de fechar as portas e janelas” diariamente, que dia após dia revitalizavam aquele espaço e faziam surgir novas ideias para sua ocupação cultural, vindas dos professores, alunos e outros visitantes.

No que diz respeito às visitas, foram organizadas turmas da E. M. Alvina Alves, da E.E. Maria Cecília Rezende Neves e dos Jovens Aprendizes do CAMTA. Essa organização, vale ressaltar, foi totalmente feita pelas instituições e seus agentes, que foram os principais responsáveis pelo bom andamento das atividades e, principalmente, para garantir a continuidade das ações e discussões em torno do patrimônio cultural.

Destacam-se as visitas dos Jovens Aprendizes, ocorrida no contexto da disciplina “raciocínio lógico-matemático”. Considerando que o trabalho feito em laboratório implica em desenvolver a capacidade de ler e entender os dados estatísticos como forma de subsidiar as interpretações sobre o registro arqueológico, foi proposta uma experiência prática aos jovens: vivenciar o laboratório da Arqueologika. Dessa forma, as práticas laboratoriais que são desenvolvidas em um laboratório de Arqueologia foram apresentadas, privilegiando-se os aspectos que utilizam o raciocínio lógico-matemático como base reflexiva. Alguns instrumentos de padronização/análise/sistematização foram apresentados, tais como o ábaco, a tabela Munsell e os registros produzidos a partir dos artefatos escavados. Tratou-se também de uma oportunidade de aproximar os vestígios escavados no sítio arqueológico Valter Dentista dos jovens tapirenses.



Fig. 91 e Fig. 92: Alunos do CAMTA em visita ao laboratório. Fotos: Acervo Arqueologika.

## **b) Rodas de conversa sobre patrimônio cultural**

As rodas de conversa foram organizadas junto aos jovens aprendizes a partir da solicitação da coordenadora do CAMTA, Sabina Meira, a qual avaliou como urgente que os alunos pensassem nos modos de falar, de se expressar; de acordo com o lugar, a ocasião; considerando temáticas, interlocutores etc. Tais habilidades foram trabalhadas em concomitância ao tema “patrimônio cultural tapireense”, conectando com o mapa produzido pela turma no ano anterior. Com isso em mente programou-se dois conjuntos de atividades: um exercício expositivo na Mosaic Fertilizantes e os diálogos com a “Ativa Idade”.

O exercício expositivo foi feito durante a Semana de Meio Ambiente promovida pela Mosaic Fertilizantes (25-29 de junho de 2018). Consistiu na apresentação, por parte dos jovens, de suas reflexões no campo do patrimônio cultural e natural tapireense através de um stand montado na instituição. Como forma de preparar a turma para a tal apresentação foi feita uma Roda de Conversa sobre patrimônio cultural no Casarão e, também, uma série de atividades preparatórias.

No dia 20/06, por exemplo, os jovens foram divididos em grupos para refletir, debater e compartilhar as seguintes questões: (a) quais os desafios/ dificuldades a serem enfrentados durante a apresentação na Semana de Meio Ambiente? (b) como superar as dificuldades, transformando-as em oportunidades? Conhecemos o tema que vamos apresentar, ou seja, “patrimônio cultural tapireense”?



Fig. 93: Aula preparatória para a Semana de Meio Ambiente da Mosaic. Foto: Acervo Arqueologika.

Todos os elementos apontados pelos jovens aprendizes foram debatidos em grupo, de modo que pudéssemos organizar conjuntamente nossa participação no evento com segurança conceitual. As sugestões apresentadas por eles foram incorporadas e ganharam forma num stand chamativo, rico em informações e tendo como protagonistas eles próprios, preparados após maratonas de estudos e ensaios.

A exposição foi composta por objetos típicos da cultura tapireense, tais como colchas feitas no tear manual, miniaturas de monjolo, carro-de-boi, ferro à brasa, tacho de cobre e utensílios de cozinha em cerâmica/ madeira. Também expuseram o queijo local e a rapadura, alimentos típicos da culinária local, que ficaram à disposição do público em pequenas porções para “degustação”. Os banners ilustrados utilizados na / *Mostra do Patrimônio Cultural de Tapira* também foram expostos, uma vez que continham informações sobre o patrimônio cultural tapireense e auxiliariam em dois dos desafios colocados pelos alunos: chamar a atenção do público e colocar à disposição informações sobre o tema exposto. Findada a participação dos Jovens Aprendizes foi feita uma aula de avaliação e reflexão crítica. Ao serem questionados sobre o que acharam da atividade, muitos se manifestaram surpresos com a participação positiva do público, que se mostrou curioso com o tema e ávido para degustar “as delícias tapirenses”.



Fig. 94: Stand montado pelos jovens aprendizes. Foto: Acervo Arqueologica.



Fig. 95 e Fig. 96: Jovens Aprendizes recebendo visitantes em seu stand. Fotos: Acervo Arqueologica.

Outro exercício foi realizado, dessa vez com o grupo da Ativa Idade, numa oficina intitulada “Jovens Oradores Contam Velhas Histórias”. A proposta foi que os jovens se dividissem em grupos para organizar a apresentação sobre o “patrimônio cultural tapireense”, utilizando o mapa produzido em 2017 e as pesquisas que realizaram. O objetivo foi colocá-los em diálogo com os mais velhos, exercitando o “falar” e o “ouvir”.

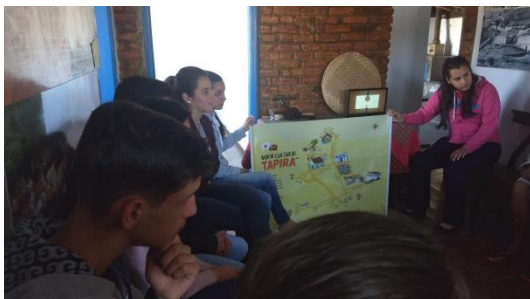


Fig. 97, Fig. 98: Oficina Jovens Oradores Conta Velhas Histórias. Fotos: Acervo Arqueologica.



O diálogo dos Jovens com o grupo da Ativa Idade<sup>19</sup> constituiu-se como o terceiro encontro da oficina intitulada ‘Minhas Memórias Nossa Tapira’, que teve como princípio motivar o grupo e rememorar histórias através de objetos, exercitando uma exposição que seria incorporada à *II Mostra do Patrimônio Cultural de Tapira*. As narrativas colocadas pelos participantes foram compartilhadas em grupo e valorizadas enquanto tal.

<b>MINHAS MEMÓRIAS, NOSSA TAPIRA</b>	
Encontro 1 Onde guardo minhas memórias	Apresentação da proposta; sensibilização do grupo para que participem da oficina, que implicou no “remeximento” dos “lugares” onde as memórias estão guardadas.
Encontro 2 Objetos que contam das minhas memórias	Os participantes foram estimulados a levar objetos que os ajudassem a contar histórias de Tapira. Uma pequena exposição foi montada.
Encontro 3 Minhas memórias, nossa Tapira; encontro de gerações.	Os participantes levaram suas reflexões para pensar na <i>II Mostra do Patrimônio Cultural de Tapira</i> . Nesse encontro os Jovens Aprendizes fizeram uma apresentação para o grupo da Melhor Idade. Apresentarão suas reflexões e o mapa que produziram, convidando a melhor idade para inserir novos bens patrimoniais em seu escopo



<sup>19</sup> A organização e divulgação da oficina junto à Melhor Idade foi viabilizada pela Secretaria Municipal de Assistência Social (CRAS).

*Fig. 99, Fig. 100, Fig. 101, Fig. 102: Oficina Minhas memórias, nossa Tapira. Fotos: Acervo Arqueologika.*

Para o encontro os participantes levaram objetos que condensavam histórias importantes para a memória tapirense. Na oportunidade os objetos foram tomados como ponto de partida para o compartilhamento de recordações.

O grupo da Ativa Idade participou também da Oficina de Arteterapia, proposta pela SMEC com o objetivo de valorizar os talentos de professores, de abraçar os mais velhos, que estão sempre muito engajados nas propostas relacionadas à valorização de suas memórias e, também, de valorizar essa abertura do casarão. Foi nesse contexto que a professora de artes Fabiana Martins, que também esteve à frente das oficinas de artes desenvolvidas com os alunos da E.M. Alvina Alves, capitaneou as atividades, que se constituíram como uma continuidade dos trabalhos que ela já desenvolve em Tapira, valorizando histórias, artefatos e recriações através das artes. O objetivo da oficina foi trabalhar técnicas mistas em bases de material reciclável tendo como temática o patrimônio cultural tapirense. Inicialmente foi feita uma discussão com para apresentar a proposta e para estimular o afloramento de ideias, deixando o grupo livre para manusear os materiais e para experimentar as técnicas e materiais disponíveis, bem como para avivar suas memórias. A materialidade do casarão Mariinha Barcelos também foi trabalhada, de modo que as histórias em torno dele foram valorizadas enquanto narrativas.



*Fig. 103: Oficina de Arteterapia junto à Melhor Idade. Fotos: Acervo Arqueologika.*

### **c) Formação de jovens multiplicadores**

Foi proposto à SMEC que incorporássemos dois jovens tapirenses que tivessem interesse em participar diretamente das atividades vinculadas ao Programa de Educação Patrimonial (na forma de um estágio). As atividades de ensino-aprendizado estiveram centradas em uma formação com foco no patrimônio cultural e, em específico, no patrimônio arqueológico. Nesse sentido, os jovens tiveram como atividades o acompanhamento participativo e propositivo na área educativa, nas atividades laboratoriais e, também, nas mobilizações em torno da *II Mostra do Patrimônio Cultural de Tapira*.

Esta proposta pretendeu estimular o conhecimento pela Arqueologia e, também, tornar públicos os processos de pesquisas que estavam em andamento. Tratou-se, portanto, de um programa de formação de jovens multiplicadores como forma de estreitar os laços com a comunidade tapirense, contribuindo para a valorização de seus bens culturais.

Inicialmente foi feita uma ampla explanação sobre as atividades de ensino e pesquisa desenvolvidas no município, de modo a integrar efetivamente os jovens ao cotidiano da equipe de Arqueologia<sup>20</sup>. Num segundo momento, os jovens foram convidados a conhecer de perto a rotina do laboratório, sob a orientação da arqueóloga especialista Jaqueline Belletti. Num terceiro momento os jovens multiplicadores participaram das atividades educativas de caráter sistemático, que incluíram leituras, rodas de conversa e realização de levantamentos fotográficos.



Fig. 104, Fig. 105: Acolhimento dos Jovens Multiplicadores. Fotos: Acervo Arqueologika.

---

<sup>20</sup> Este “acolhimento” tem um caráter permanente, já que atividades de formação foram previstas semanalmente.



Fig. 106, Fig. 107: Jovens Multiplicadores exercitando atividades de laboratório. Fotos: Acervo Arqueologika.



Fig. 108, Fig. 109: Jovens Multiplicadores exercitando atividades de educação. Fotos: Acervo Arqueologika.

Considerando a avaliação positiva do estágio optou-se por estendê-lo a mais duas jovens, tendo como foco a organização da *II Mostra do Patrimônio Cultural de Tapira*. Além de passarem pelo processo de formação, de modo a integrá-las efetivamente ao cotidiano da equipe, ficaram encarregadas de realizar pesquisas fotográficas e de propor atividades para engajar os jovens. Sugeriram a realização de um concurso de literatura e de desenhos divulgado nas turmas de 1º ao 9º ano do ensino fundamental. Os alunos interessados tiveram um prazo para concretizar suas produções, que foram avaliadas pelas estagiárias e incorporadas ao trabalho como um todo, ganhando destaque na exposição. Abaixo, destacam-se alguns dos materiais produzidos pelos alunos.



Fig. 110, Fig. 111, Fig. 112, Fig. 113, Fig. 114, Fig. 115: Trabalhos feitos pelos alunos para o concurso de desenhos.

### MINHA CIDADE, MEU MUNDO

Aqui nessa pequena cidadezinha cheia de gente feliz existem terras que guardam grandes riquezas e paisagens com diversas belezas. Opções de passeio e lazer é o que não falta.

Para passar o final de semana ou marcar algum encontro temos a pracinha onde nos reunimos com diversos amigos.

Nos dias de domingo faz parte do nosso cotidiano ir à missa. Temos duas relíquias muito importantes: a Igreja de São Sebastião e a famosa "igrejinha", onde o abençoado padre Anastácio Afonso Dalla River celebrou a primeira missa.

A água sulfurosa também é uma de nossas grandes riquezas. Acreditamos que ela é muito abençoada.

O antigo Casarão é um lugar muito famoso, sempre bem respeitado e cultivado pelo povo tapirense.

Preservamos grandes culturas, como o encontro de carros de boi, cavalgadas e folias de reis, entre muitas outras tradições culturais.

Tenho o privilégio de morar e estudar aqui, onde recebo uma excelente educação escolar e sou muito bem acolhida. Minha cidade é muito calma, tranquila, tenho orgulho de dizer que sou tapirense.  
Tapira: lugar de gente feliz!

Isabella Aparecida da Silva Batis,  
aluna do 5º ano (EM. Alvina Alves)

Vale destacar que o programa de formação de jovens multiplicadores ganhou novos membros voluntários, que se envolveram ativamente nas atividades e foram fundamentais na organização da *II Mostra do Patrimônio Cultural de Tapira*. Os voluntários também eram alunos da Escola Estadual e integravam o quadro de matriculados no CAMTA. Ao todo participaram nove alunos.



*Fig. 116: Jovens multiplicadores que contribuíram para o bom andamento dos trabalhos. Foto: Acervo Arqueologica.*

#### **d) Oficinas com alunos**

A música, a contação de histórias e as artes visuais são linguagens que fazem parte do cotidiano das crianças em ambientes dos mais diversos, de modo que sua aplicação é constante e largamente vivenciada nas salas de aula de educação infantil, constituindo grande parte do ambiente escolar. No entanto, é comum que tais linguagens sejam utilizadas com objetivos pouco delimitados, e que tenham um caráter

de “descontração pela descontração”, de modo que o desenvolvimento de habilidades e aprendizados inerentes à sua constituição sejam inibidos ou minimizados.

Por conta disso, durante o desenvolvimento do PEP procurou-se contribuir com essa reflexão junto aos professores, integrando e promovendo conversas constantes sobre o caráter pedagógico que acompanha essas atividades. Assim, no ano de 2018 o foco esteve em trabalhar com os alunos tapirenses através da realização de oficinas, de modo a consolidar os vínculos com os professores e os universos patrimoniais inventariados em 2017, abrindo espaços para discussões, reavaliações e dessa forma contribuindo para a construção de caminhos autônomos de valorização e preservação. As instituições escolares com as quais os trabalhou-se foram: E.M. Alvina Alves, C.E.M.E.I. Comecinho de Vida, E.M. Vicente Pereira Fernandes e E.E. Maria Cecília Neves. O trabalho, inicialmente, envolveu reuniões de planejamento e a abertura para proposições por parte dos professores – que, vale destacar, participaram do curso de formação *Os sentidos na memória: diálogos com educadores* (2017).

Dentre as ações propostas destacam-se os encontros e oficinas com os educandos para sensibilização e preparação da *II Mostra do Patrimônio Cultural de Tapira*, desenvolvidas de forma participativa e coletiva, pelas crianças e jovens da cidade. O conteúdo específico trabalhado foi selecionado pelos professores, de modo que dialogassem diretamente com os currículos escolares. A metodologia aplicada levou em consideração o conhecimento “do lugar onde se vive”, de modo a despertar e ampliar o olhar por meio de observação e descrição dos elementos percebidos no entorno. As atividades tiveram como base o inventário de referências culturais (Bars Hering et al. 2011), o inventário participativo desenvolvido pelos educadores tapirenses (Bars Hering et al. 2018), a oralidade, os talentos, as histórias de vida e as biografias dos moradores de Tapira.

Foi preconizado o estímulo à criação por meio de técnicas artísticas, literatura, fotografia em criações individuais e coletivas para cada atividade. Todas as produções tiveram relação com a *II Mostra do Patrimônio Cultural de Tapira*, uma vez que geraram produtos a ela relacionados. Também foi conferida importância para os encontros intergeracionais para troca de conhecimento e saberes, promovendo valorização das heranças do passado/presente. Dentre as oficinas realizadas estão as oficinas de artes das professoras Fabiana Silva, Raquel Reis (colagens e texturas, pinturas rupestres, texturas da natureza no patrimônio), e Maria Eunice Rezende (pintura em telha); além da contação de histórias (EM Vicente Pereira Fernandes); do teatro na creche e CEMEI (“Brinquedos e Brincadeiras dos Avós, “Memórias de Infância”) e nas palestras proferidas pela Arqueologika. Os produtos de todas essas atividades, que constituíram

-se como releituras acerca do patrimônio cultural tapirense, foram expostos na *II Mostra do Patrimônio Cultura de Tapira*.



Fig. 117, Fig. 118, Fig. 119, Fig. 120, Fig. 121, Fig. 122: Oficinas com alunos. Fotos: Acervo Arqueologika.

\*

A concepção da *II Mostra do Patrimônio Cultural de Tapira* surgiu devido à expressiva adesão da comunidade à sua primeira edição, realizada em 2017, e às críticas construtivas a ela conferidas. A segunda edição é, portanto, a soma do trabalho feito em 2017 (educadores) e 2018 (educandos, Ativa Idade e CAMTA). Ocorreu entre 23 de outubro e 23 de novembro de 2018, e teve a visita de 482 pessoas. Aconteceu nas dependências do Casarão Mariinha Barcelos, palco do projeto Ocupação Cultural do Casarão, desenvolvido ao longo do ano de 2018.



O acervo foi reunido/ produzido ao longo do ano através das oficinas desenvolvidas no âmbito deste PEP. O acervo reunido também procurou inserir a história pré-colonial de Tapira na narrativa, através da apresentação da temática da Arqueologia. Todas as escolas do município realizaram visitas com educadores e alunos. A dinâmica concebida para a vivência na exposição seguiu o seguinte roteiro<sup>21</sup>:

- Acolhimento: o grupo era recebido na sala principal do casarão, onde uma pequena apresentação sobre a organização da Mostra e o conteúdo de cada uma das salas era apresentada. Durante o acolhimento alguns objetos eram passados para que os visitantes pudessem manipulá-los, tais como brinquedos, fotografias e objetos utilizados na lida do campo (como a matraca, por exemplo).
- Visita: o público foi convidado a transitar pelas salas, divididos em grupos para que pudessem apreciar a exposição sem comprometer a expografia. Nestes cômodos também eram feitas explicações sobre as escolhas dos objetos para exposição. Todas as salas continham elementos específicos de interação, que permitiam aos visitantes poder manipular, *experimental* o acervo.
- Re-criação: trata-se do momento final da visita, no qual os visitantes eram convidados a conhecer o processo criativo desenvolvido pelos jovens que participaram das oficinas. Inspirados nesse processo, os visitantes eram convidados a recriar “sua Tapira” através de desenhos e relatos.

---

<sup>21</sup> O roteiro proposto foi inspirado nas experiências desenvolvidas pelo setor educativo do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, especialmente aquelas em torno da exposição Formas de Humanidade, onde atuei como estagiária entre os anos de 2004 e 2006.



Fig. 123: Cartaz de divulgação - II Mostra do Patrimônio Cultural de Tapira. 2018.

A cerimônia de abertura foi feita em 23 de outubro, na Câmara Municipal, e contou com a presença de representantes da Mosaic, do corpo técnico da Arqueologica (incluindo os estagiários e estagiárias), da Secretaria Municipal de Educação e Cultura e, também, dos herdeiros do Casarão Mariinha Barcelos (representados pelo vice-prefeito Neca Barcelos). Na cerimônia foi feito um “café cultural”, com elementos típicos da culinária tapirense, e foram organizadas duas apresentações: canto tradicional de Tapira e dança das mulheres da Ativa Idade.



*Fig. 124, Fig. 125, Fig. 126, Fig. 127, Fig. 128 e Fig. 129: Cerimônia de abertura da II Mostra do Patrimônio Cultural de Tapira. Fotos: Acervo Arqueologika.*

Durante o tempo que a exposição esteve aberta, o público foi formado por público espontâneo e por grupos organizados pelas escolas e pela Prefeitura. Os visitantes tinham educadores à sua disposição para mediar a visita (Maria Tereza Parente, educadora da Arqueologika, Edla Carvalho, professora vinculada à Secretaria Municipal de Educação e Cultura e Amanda Kelly, estagiária que participou do programa de formação de jovens multiplicadores da Arqueologika.



Fig. 130, Fig. 131, Fig. 132, Fig. 133: Montagem coletiva da II Mostra do Patrimônio Cultural de Tapira.  
Fotos: Acervo Arqueologika.

Em linhas gerais a exposição foi organizada da seguinte forma: sala principal (de acolhimento); sala de Arqueologia; sala Minhas Memórias, Nossa Tapira; sala Recriações do Nosso Patrimônio; sala Hora de Brincar com Memórias, sala Patrimônio Cultural Tapireense e, por fim, a “sala” Cozinha Tapireense.

- Salão principal

A sala principal do casarão abrigou uma espécie de abertura, com o objetivo de “acolher” os visitantes, oferecendo um panorama geral do processo de formação daquele acervo e de ocupação daquele espaço. Foi colocada uma mesa com produções clássicas da historiografia tapireense, acrescidas de um álbum cuidadosamente organizado pela Coordenadora de Educação Josenice Paiva e pela professora Edla Carvalho. A mesa também foi considerada um objeto de exposição, uma vez que se tratava de uma roda de carro de boi envernizada e adaptada para ser uma mesa.



Fig. 134, Fig. 135, Fig. 136, Fig. 137: Público apreciando os materiais de leitura dispostos na sala de acolhimento. Fotos: Acervo Arqueológica.

A exposição também procurou constituir-se como um espaço de acolhimento. Foram colocados bancos para que os visitantes pudessem sentar e conversar, olhar livros, fotografias e, efetivamente, sentirem-se bem-vindos. A estratégia parece ter surtido efeito, já que diariamente alunos, ao voltarem das aulas, sempre passavam no casarão para conversar, tocar músicas, levar novos objetos e contar histórias. Quando chegavam grupos numerosos (geralmente grupos de alunos organizados pelas escolas) os visitantes eram convidados a sentar no chão, onde tapetes tradicionais, feitos à mão, ficaram estavamos dispostos.



Fig. 138, Fig. 139: Visitantes espontâneos na sala de acolhimento. Fotos: Acervo Arqueológica.



Fig. 140, Fig. 141, Fig. 142: Alunos interagindo na sala de acolhimento. Fotos: Acervo Arqueológica.

- Sala 1: Arqueologia em Tapira

A primeira dessas salas apresentou alguns dados da pesquisa arqueológica que foi realizada no sítio arqueológico Valter Dentista, destacando o processo de pesquisa que implica em sua evidenciação, tanto em campo quanto em laboratório. A sala de Arqueologia também reproduziu parte do laboratório de Arqueologia que já foi apresentado à comunidade entre os meses de maio e junho de 2018. Procurou-se inserir elementos já apresentados em 2017, agregando informações que foram produzidas em 2018 ao longo das pesquisas. Desta vez optou-se por reproduzir uma “unidade de escavação”, contendo uma moldura de madeira utilizada como suporte para produzir croquis. No seu entorno objetos utilizados durante o trabalho de campo ficaram expostos, tais como peneira, cavadeira biarticulada, pincel, balde, trena, escala entre outros. Esses elementos foram muito ilustrativos para mostrar aos visitantes um pouco da práxis arqueológica, também apresentada através de banners ilustrativos com fotos do campo em Tapira.

Além disso, alguns fragmentos cerâmicos coletados ficaram expostos. Tais fragmentos não tinham relação direta com o contexto arqueológico do sítio arqueológico Valter Dentista, uma vez que foram disponibilizados por moradores locais que coletaram os objetos por curiosidade. Mas os fragmentos foram bem didáticos para mostrar um pouco do dia-a-dia em laboratório: os visitantes podiam observar os fragmentos em um microscópio que compôs a exposição.



Fig. 143, Fig. 144, Fig. 145 e Fig. 146: visitantes observando fragmentos cerâmicos no microscópio.  
Fotos: Acervo Arqueologika.

- Sala 2 – Minhas memórias, nossa Tapira

A sala 2 foi intitulada “Minhas memórias, nossa Tapira”, e abrigou os materiais produzidos pela turma da Ativa Idade durante a realização da oficina homônima e, também, durante a oficina de Arteterapia. Para esta sala foi produzido um banner contando um pouco das atividades feitas junto ao público da Ativa Idade. Cada um dos objetos expostos esteve acompanhado de uma ficha contendo informações como: nome do objeto, nome do dono do objeto.



Fig. 147, Fig. 148, Fig. 149: Sala Minhas Memórias, Nossa Tapira. Fotos: Acervo Arqueologica.

- Sala 3 – Hora de brincar com memórias

A sala *Hora de brincar com memórias* teve expostos os brinquedos trazidos pelos pais dos alunos da Creche, bem como o Baú de Memórias montados pelos pais dos alunos da CEMEI. Foi feita uma descrição dos objetos com a ajuda dos pais dos alunos, as quais ficaram dispostas na parede para que os visitantes pudessem visualizar. Os visitantes podiam interagir com diversos objetos, como fotografias e brinquedos.





Fig. 150, Fig. 151, Fig. 152, Fig. 153: Visitantes interagindo com objetos da sala Hora de Brincar com Memórias. Fotos: Acervo Arqueologika.

- Sala 4 – Recriações do Nosso Patrimônio

Na sala *Recriações do Nosso Patrimônio* procurou-se expor os trabalhos feitos pelos alunos durante as oficinas em sala de aula. O apoio e comprometimento dos professores e alunos foi fundamental para que o acervo produzido fosse rico. Foram expostas maquetes, fotografias, desenhos, pinturas entre outros. Os visitantes ficavam sempre bem eufóricos ao visitar este espaço, pois muitos reconheciam seus trabalhos ou de seus filhos ali. Outros visitantes chegavam e perguntavam se podiam produzir algo para expor também. Tratou-se, portanto, de um espaço especial e constantemente recriado pelos visitantes.



Fig. 154, Fig. 155, Fig. 156, Fig. 157, Fig. 158, Fig. 159, Fig. 160 e Fig. 161: Vista geral da sala Patrimônio Cultural Tapireense. Fotos: Acervo Arqueológica.



Fig. 162 e Fig. 163: Alunos da E.M. Alvina Alves se reconhecendo na exposição. Fotos: Acervo Arqueológica.

- Sala 5 – Patrimônio Cultural tapirense

Na sala Patrimônio Cultural Tapirense foram reunidos objetos tradicionais de Tapira, como as colchas confeccionadas manualmente (colcha de retalhos, de fuxico, de crochê e lã feitas no tear manual), dispostas sobre as mesas onde também havia outros objetos antigos, como gamela, notas de dinheiro, santuário de madeira e livros sobre a cultura de Tapira e a Serra da Canastra. Em um banco disposto naquele espaço também estavam as fichas descritivas do Patrimônio Imaterial de Tapira, referentes ao Inventário do Patrimônio Imaterial, realizado pela Arqueologika em 2012 (BARS HERING, 2012). Compuseram esta sala outros objetos trazidos pela comunidade, como uma bandeira e crucifixo fazendo referência à devoção a de São Sebastião, santo padroeiro da cidade, rádio, miniaturas de carros de boi, candeias, rodas de fiar etc. Foram colocados também banners que expuseram um recorte histórico, apresentando os principais feitos dos prefeitos de Tapira (tais banners, produzidos pelos docentes da E.M. Alvina Alves, também foram expostos durante a *I Mostra do Patrimônio Cultural de Tapira*. Por fim, estavam expostas também fotografias de paisagens culturais e naturais de Tapira (como a Serra do Boqueirão e a colheita de batatas), feitas pelo fotógrafo Maurício de Paiva.



Fig. 164, Fig. 165, Fig. 166, e Fig. 167: Sala Patrimônio Cultural Tapirense. Fotos: Acervo Arqueologika.

- Sala 6 – Cozinha tapireense

Na “sala” da Cozinha tapireense reconstruiu-se a cozinha com elementos da culinária típica mineira. Os objetos, por estarem apresentados num cômodo como era (ou é) originalmente, instigaram à reflexão sobre a reverberação do passado no presente. Tanto para despertar a curiosidade sobre a diferença e evolução das tecnologias, quanto para mostrar que alguns costumes e tradições perduram mesmo com o passar de gerações, já que muitos dos objetos antigos que estavam ali expostos como representativos do passado, são ainda utilizados no presente. Os visitantes interagiram bastante com essa sala, e saíram dela com um “brinde surpresa”: uma receita dentre tantas cuidadosamente escolhidas pelo grupo da Ativa Idade como representativas da cultura local.



Fig. 168, Fig. 169, Fig. 170, Fig. 171, Fig. 172 e Fig. 173: Visitantes na Cozinha Tapireense. Fotos: Acervo Arqueológica.

### **2.3. O museu “antes” do museu: processos museológicos em andamento**

O *Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico Sítio Valter Dentista* procurou potencializar um processo museológico em curso, uma vez que a “vontade de museu” se sobressaiu como realidade na comunidade tapirenses, que há tempos discute a importância de encontrarem caminhos institucionais que valorizem e promovam bens patrimoniais que consideram parte de uma riqueza histórica e cultural que remonta gerações. Nesse aspecto é interessante mencionar que durante as ações educativas desenvolvidas em Tapira procurou-se valorizar tanto as referências patrimoniais locais quanto os esforços em prol da preservação patrimonial já empreendidos por diferentes agentes tapirenses.

Assim, o incentivo à produção de “inventários participativos” configurou-se como uma importante ferramenta, a qual apontou caminhos que destacaram o município como “portal da Serra da Canastra”, além de palco de importantes marcos ecológicos/patrimoniais são peculiares, como o uso medicinal da água sulfurosa e da lama negra; passando por marcos que extrapolam os limites do município, tais como a Serra do Boqueirão, a produção artesanal de queijo, a Folia de Reis, as romarias de carro de boi dentre tantos outros marcadores de memória.

Tais bens patrimoniais foram valorizados durante as ações educativas, que procuraram também colocar em debate Relatórios Técnicos produzidos por pesquisadores, tais como o “Inventário dos Bens Culturais de Tapira”. Ao ser compartilhado com a população local, o conteúdo desses documentos gerou novas percepções e enquadramentos da memória, suscitando questões como: a importância do registro como ferramenta de preservação dos bens imateriais; a centralidade da sistematização dos documentos encontrados; a relevância da participação de diferentes agentes tapirenses, uma vez que a história não é única. Foi dessa forma que educadores de Tapira produziram um inventário dos bens culturais de Tapira, cujas informações pretenderam orientar novas ações para promoção do patrimônio cultural local.

<b>INVENTÁRIO CULTURAL 2017/2018<sup>22</sup></b> <b>PRODUZIDA PELOS EDUCADORES DAS INSTITUIÇÕES:</b> <b>– E.M. Alvina Alves Rezende–</b> <b>– E.E. Maria Cecília Rezende Neves –</b> <b>– E.M. Vicente Pereira Fernandes –</b> <b>– Creche Municipal Marília A. Fernandes –</b> <b>– CEMEI Comecinho de Vida –</b>		
	<b>BEM CULTURAL</b>	<b>OBSERVAÇÕES</b>
<b>1.</b>	Artesanato com fibra de bananeira	Atualmente, que produz esses elementos são: Dona das Dores e Dona Elma.
<b>2.</b>	Artesanato com taquara	Diversos objetos são feitos, como balaio, peneira (mais informações com D. Margarida, (esposa do Sr. Salustiano), tuia e esteira de carro. Mais informações podem ser obtidas com o Sr. Rosário, Sr. Antônio Lacerda, Sr. João Peroba, Sr. Onofre Cassimira, Dona Terezinha Paiva, Sr. Anselmo, Dona Cida Freitas, Sr. Elgin (esposo da D. Noene), avô da Ana Claudia (filha do Zé Dilico) e com Pedro Teófilo.
<b>3.</b>	Bordado, Crochê, Crivo e Tricô	Mais informações podem ser obtidas com a Dona Joana (mãe da Sabina), Maria Abadia (Fia), Maria de Fátima (mãe da Lucimeire) Élida (irmã da Maria Ângela) e Veraluz Ribeiro.
<b>4.</b>	Cachoeira dos Evaristos	Mais informações podem ser obtidas com Jane e Bastião Barcelos.
<b>5.</b>	Candeia	Mais informações com Divino (pai do Alonso) e Miriam (esposa do Alonso).
<b>6.</b>	Capela de Nossa Senhora Aparecida e Santos Reis	Localizada na Fazenda Canoas, de propriedade do Sr. Valdir de Castro. O Sr. Dimas também pode dar mais informações sobre o bem.
<b>7.</b>	Capela de São Bento	Mais informações com o Sr. Danilo Garcia.
<b>8.</b>	Capela de São Jorge	Antigamente ali funcionava a Escola Municipal José Venâncio de Souza.
<b>9.</b>	Capela Nossa Senhora das Graças	Mais informações podem ser adquiridas com a Sra. Luzia, Valdirão e Aparecida do Zico.
<b>10.</b>	Carne de Porco na manteiga	Mais informações com Maria Alice.

<sup>22</sup> Essa lista não pretende constituir-se como produto de um “inventário participativo”, mas como um caminho concreto e produzido coletivamente, a partir de estímulos centrados no patrimônio cultural em suas mais diversas expressões. Sua produção mostrou que o caminho realmente parece mais efetivo do que o produto, uma vez que a vivacidade da memória repousa sob a égide de sua inconstância, dos embates que experimenta e que promove. Nesse sentido, objetos, memórias e memorialistas foram colocados no centro das ações e reflexões.

11.	Carvoeiro	Mais informações com o Sr. Jalbas.
12.	Casarão do Dr. Alonso	Mais informações com o Dr. Alonso Garcia e irmãos.
13.	Casarão do Sr. Cesário Garcia	Mais informações podem ser obtidas com os filhos e familiares do dono, como o Claudionor.
14.	Cruzeiro de São Sebastião	Ali, anualmente é realizada a Festa dos Doces. A professora Ronilda tem mais informações.
15.	Dança Catira	Hoje a catira é pouco praticada, porém há pessoas na cidade que tem conhecimento sobre a mesma. Mais informações com Gilberto Martins Ribeiro.
16.	Danças: dança do engenho, quadrilha, shot de três	Mais informações podem ser obtidas com o Sr. Chico Norico, Dona Eleuza, Dona Terezinha Assunção e Dona Duduta.
17.	Desfile de 7 de Setembro	Mais informações podem ser obtidas com a Dona Maria José e o Sr. Luiz Alberto Barcelos.
18.	Desfile de Cavaleiros	Mais informações podem ser obtidas com o Sr. Antônio Peroba, Anésio Peroba, Eurípedes Eduardo, Chiquinho Barcelos e Gerarcino.
19.	Doces Artesanais Cristalizados, Quitandas, Rapadura, Melado	Os doces artesanais são recorrentes na Feira e nas fazendas de Tapira. Dona Elza Neves vende doces na feira, Dona Nilza Galdino é conhecida por suas quitandas; Dona Mercedes foi citada por produzir a rapadura e Sr. Rosário pelo melado.
20.	Encontro dos muladeiros	Demonstração de raça e qualidade de mulas e seus criadores
21.	Fazenda do Sr. Ariovaldo	Mais informações com o Sr. Ariovaldo.
22.	Fazenda Dona Dorica	
23.	Fazenda dos Carlos	É uma casa abandonada no meio de um matagal. Mais informações podem ser obtidas com a Sra. Heloísa Souza.
24.	Fazenda Tamboril	É uma referência para os moradores. Mais informações podem ser obtidas com a Sra. Ângela, que também faz doces deliciosos.
25.	Ferro à brasa	Ferro de passar roupas que funciona à brasa. Mais informações com a Tia Dirce e Mirtes Aparecida Cruz.
26.	Festa de Nossa Sra.	Atualmente ela não é mais feita. Era realizada na chácara da Dona Cida Freitas. Mais informações podem ser obtidas com a Dona Eleusa e o Sr. Antônio Peroba.
27.	Festa Junina	Acontece anualmente em Tapira e movimenta bastante a cidade. As escolas fazem apresentações muito apreciadas pelos moradores. Mais informações podem

		ser obtidas com o Sr. Gilberto Martins Ribeiro, com a SEMED e com Francisco Carvalho.
28.	Forno de cupim	Trata-se de um forno cuja base é a casa do cupim, reaproveitada. Mais informações com a Tia Dirce ou na Fazenda do Sr. Jair e Roseli.
29.	Gruta de Nossa Senhora de Lourdes	Localizada ao lado da Igreja do Rosário. A Sra. Elza Carvalho pode dar mais informações sobre o bem.
30.	Igreja de Nossa Aparecida	A construção e história da nova igreja de Tapira são referência para a população local. Foi construída no terreno da Sra. Bernadete, pelo Sr. Ladislau.
31.	Lampião à gás	Mais informações com Tia Dirce, Tio Nem e Divino (pai do Prof. Alonso)
32.	Moinho de café	Trata-se de um objeto para moer manualmente o café. Mais informações com a Tia Dirce.
33.	Muro de pedras (cemitério)	Localizado no cemitério da cidade, sua construção é atribuída aos “escravos”. Algumas reformas e ampliações foram feitas na área, mas o muro foi preservado. Mais informações podem ser obtidas com Dona Elza Carvalho, Dona Luzia Barcelos, Sr. Ildeu Rezende e Sr. Antônio Peroba.
34.	Olaria	Atualmente não está em funcionamento. A Sra. Cida Freitas, Belchior Lica, Sr. Rosário e a Dona Luzia Fernandes podem dar mais informações.
35.	Parteira	Mais informações com a Sra. Mercedes (filha da Dona Emiliana)
36.	Primeiro Clube da cidade	O prédio carrega parte da história política e das práticas de lazer da comunidade. Mais informações podem ser adquiridas com o Sr. Gonzaga Rezende, Dona Maria, Dona Célia Fernandes, família do Sr. Chico (proprietários atuais do imóvel) e outros frequentadores dos bailes.
37.	Produção artesanal de azeite de mamona	Mais informações com Mercedes (filha da Dona Emiliana).
38.	Produção artesanal de farinha de mandioca	O processo de artesanal de produção de farinha de mandioca é bem conhecido na região. Mais informações podem ser obtidas com Cleonice Roberta (cantineira da E.M. Alvina), Alice e Iolanda Barcelos.
39.	Produção artesanal de melado e de rapadura	No momento, o maior produtor é o Sr Antônio Delgida, cuja residência fica na divisa de Tapira e São Roque de Minas. Outras informações podem ser obtidas com o Sr.



		Antônio Peroba, Sr. Paulo Romualdo e Sr. Benedito do Terto.
40.	Produção artesanal de pamonha	Trata-se de algo típico da culinária local, presente na casa de muito moradores tradicionais da cidade;
41.	Produção artesanal de polvilho	O polvilho local é muito valorizado pela população local e pelos que chegam na cidade. É uma prática manual com procedimentos que conferem sabor e qualidade ao produto. Mais informações podem ser obtidas com Sra. Aparecida Amasilia Ribeiro, Sra. Nilza Galdino e Vania de Lima.
42.	Produção artesanal de sabão	Mais informações com a Dona Noene (esposa do Sr. Elgin)
43.	Produção de acessórios de montaria	Mais informações podem ser obtidas com o Sr. Amilton (filho da Luziana do Sr. João Veríssimo).
44.	Queima do Judas	Não é praticada atualmente. Mais informações podem ser obtidas com o Sr. Chico Norico, Sr. Antônio Peroba, Sr. Luiz Alberto Barcelos e Dona Terezinha Assunção.
45.	Roda de fiar	A importância cultural desse bem se deve ao que ele representou no passado, onde a arte de fiar era passada de geração em geração, da avó para a mãe e da mãe para a filha.
46.	Selaria do Sr. Otaviano (memória)	Mais informações com Edmar e Alemar (filhos do Sr. Otaviano)
47.	Serra do Boqueirão	Mais informações com Tiago Machado.
48.	Tacho de cobre	Muito usado para fazer doces, apurar guarapas etc. Mais informações com Elza Aparecida Rezende.

Com base nessas informações, novas ações educativas foram realizadas. Tais ações, no entanto, não ocorreram em salas de aula, ou na forma de rodas de conversa; também não ocorreram no Casarão Mariinha Barcelos, onde valiosos exercícios expositivos foram realizados entre os anos de 2017 e 2018. Dessa vez procurou-se desenvolver estratégias de mediação através do recorte territorial trazido pelos tapirenses.

Foi dessa forma que a equipe de Educação Patrimonial procurou priorizar *vivências*, valorizando os aprendizados e afetividades transmitidos em diferentes momentos cotidianos. Em tais momentos aprendeu-se muito mais do que se ensinou, de modo que o caminho fortaleceu a percepção de que há necessidade crescente de que possamos construir ações colaborativas centradas nas memórias marcadas no território, que envolvam cada vez mais segmentos da população local.

Essa perspectiva nos permitiu enxergar um processo de musealização em curso, cujos contornos pudemos conhecer *vivenciando* os “inventários participativos”. Tal percepção nos levou à Feira Livre de Tapira, conhecida como “feirinha”, que era tradicionalmente organizada ao lado da Prefeitura, onde produtores rurais e consumidores se encontravam semanalmente para vender/comprar alimentos produzidos na zona rural. Desde 2019, no entanto, esse espaço foi deslocado para um galpão (também no centro da cidade), que manteve a rotina de troca típica da tradicional feirinha. Para além de ser um “ponto de encontro” entre produtores e consumidores (onde se destacam produtos de fazenda, como o queijo canastra, a carne na manteiga, carne seca, linguiça, mel, doces em compota, farinha de mandioca etc), é também um espaço no qual familiares, compadres, amigos e amigas se encontram, em prosas que podem ser acompanhadas por caldo de cana, pastel, churrasquinho e bebidas diversas. Trata-se, portanto, de um importante espaço de sociabilidade, lazer, onde as pessoas se reúnem e passam a manhã conversando, e ouvindo música em carros de som.



*Fig. 174: Feira Livre da Tapira, importante espaço de sociabilidade. Fotos: Acervo Arqueologika.*

Em conversa com produtores rurais foi possível conhecer melhor os produtos que oferecem e a região onde são produzidos. Numa das bancas, conversamos com Alessandra de Lima, da Fazenda Veneranda; Aline (SOBRENOME), da Fazenda Tamboril; Maria Alice e Altino Simões, da Fazenda Campo Alegre, que comercializam principalmente carnes (defumada, linguiça, carne seca), além de farinha de mandioca e queijo. Durante esses diálogos foi possível aprender mais sobre patrimônios culturais vivos, e sobre a centralidade da dimensão rural na formação da identidade tapirense.



Fig. 175 e Fig. 176: Produtos e produtores da Fazenda Veneranda. Fotos: Acervo Arqueologika.



Fig. 177 e Fig. 178: Doces em compota da Fazenda Tamboril; carnes da Fazenda Campo Alegre. Fotos: Acervo Arqueologika.

Os estimulantes diálogos na feirinha nos levaram a diferentes espaços, como a Fazenda Veneranda, onde fomos recebidos por Alessandra Lima e seus pais Vicente e Vanda Veneranda. Sr. Vicente contou que na fazenda eles produzem tudo que precisam para o seu consumo, como frutas e verduras, arroz, feijão, milho, café, banha, sabão. Alguns produtos eles também vendem na feira, como a carne na manteiga, os doces, a carne seca, o melado, o queijo e a farinha de mandioca.

A fazenda possui muitos objetos que foram apontados como bens culturais de Tapira durante a produção dos “inventários participativos”. Esses objetos são instrumentos que fazem parte do trabalho cotidiano do campo. Além de usarem o fogão a lenha que fica no interior da casa para produzir as carnes secas, por exemplo, do lado de fora há um forno de barro e, junto a este, um grande tacho de cobre, para produção de doce. No mesmo espaço onde está o forno, também há um grande galão para armazenar a banha.



Fig. 179 e Fig. 180: Fogão a lenha onde se produz a carne seca (defumada). Na cozinha, a presença de muitos dos produtos cultivados na fazenda, como o café. Fotos: Acervo Arqueologika.

A propriedade possui uma “bica”, que direciona a água para o monjolo, que está em funcionamento. O monjolo é uma ferramenta tradicional usada para o beneficiamento de grãos, usado para moer grãos ou descascar cereais<sup>23</sup>. Outra ferramenta tradicional presente na fazenda é o engenho movido a bois, utilizado para moer a cana para produção do melado.



<sup>23</sup> “A força da queda d’água o impulsiona como se fosse uma gangorra. De um lado, uma concha recebe a água até se encher totalmente. Isso faz com que a outra parte do monjolo, onde há uma estaca, se levante. Ao esvaziar a cuba, o movimento se inverte. E nesse sobe-e-desce, o grão vai sendo socado e moído dentro de um pilão.” Fonte disponível em: <http://revistagloborural.globo.com/GloboRural/0,6993,EEC1689831-4528,00.html>. Acesso em 09/09/2022.



Fig. 181, Fig. 182 e Fig. 183: Bica d'água e monjolo na Fazenda Veneranda. Fotos: Acervo Arqueológica.



Fig. 184 e Fig. 185. Curral e engenho movido a bois. Fazenda Veneranda, 2017. Fotos: Acervo Arqueológica.



Fig. 186 e Fig. 187. Detalho de engenho e maquinário de beneficiamento de grãos. Fotos: Acervo Arqueológica.

Na Fazenda Campo Alegre fomos recebidos por Maria Alice, que mostrou o local e a forma tradicional de produção da farinha. A construção feita de tijolos de barro dá suporte às toras de madeira onde a farinha é amassada. A fazenda também possui parte

de um muro de pedras, segundo Alice, “muito antigo”. Além disso, também mostrou como é produzido o queijo e a carne seca.

A filha de Maria Alice, Leda Gabriela, estava vendendo copos e camisetas para a cavalgada de mulheres (em referência ao “outubro rosa” ocorrida no domingo (08/10/2017), em prol do Hospital do Câncer de Uberaba – Hospital Dr. Hélio Angotti). Segundo Leda, em Tapira, “tudo é motivo para cavalgadas”, desde a realização de eventos particulares, como casamentos; até eventos coletivos, como a EXPOTAP ou a Festa de São Sebastião. No decorrer da conversa, ao observar as fichas de inventário, Maria Alice observou que quem “resgatou” a cultura das cavalgadas foi o Sr. Francisco Rosa Neto (vice-prefeito da cidade no ano de 2017, mais conhecido como Chiquinho Barcelos). De acordo com Alice, as cavalgadas durante os casamentos eram tradicionais: no momento do casamento no civil, a família da noiva e do noivo faziam um trajeto a cavalo, o chamado “noivado à cavalo”. Porém essa tradição ficou “adormecida”, até que Chiquinho decidiu fazer uma cavalgada em seu casamento. Depois disso, cavalgadas passaram a ser fortalecidas, sendo realizadas na maioria dos eventos de Tapira. Leda falou que os jovens adoram as cavalgadas e Maria Alice lembra que na sua infância o cavalo era meio de transporte em Tapira, e hoje foi resgatado como lazer.

Da mesma forma, também falaram sobre os carros de boi – e das “cantorias” a eles associadas –, que hoje são mantidos como parte das atividades de lazer e do exercício das tradições. Maria Alice é filha do senhor Tiago Machado, responsável pelo “ofício” de produção e restauração de carros de boi. Segundo ela, seu pai conta que “se o carro não cantar não é bom, pois é esse canto que conduz o caminhar do boi”.

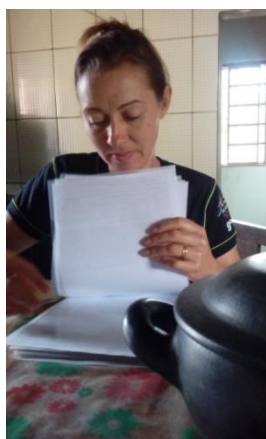




Fig. 188, Fig. 189, Fig. 190, Fig. 191, Fig. 192 e Fig. 193: Fazenda Campo Alegre. Fotos: Acervo Arqueologica.

O inventário produzido pelos professores bem como os diálogos na feirinha e na Fazenda Veneranda e Campo Alegre nos levaram à propriedade do senhor Luiz Alberto Barcelos, que já havia sido entrevistado para a produção do “Relatório de Bens Imateriais de Tapira” (BARS HERING, 2011). Senhor Luiz Senhor recordou da entrevista e teve acesso às fichas de inventário, entre as quais constava a de sua propriedade.

No momento em que a equipe chegou à localidade, Sr. Luiz estava trabalhando na reforma do espaço, pois tinha a intenção de reativá-lo, recebendo pessoas para pequenos eventos que valorizassem a história e a cultura local. Com efeito, o espaço foi reformado e deu lugar à *Exposição Cozinha Tapirense*, promovida pela SMEC de Tapira no ano de 2019.





Fig. 194, Fig. 195, Fig. 196 e Fig. 197. Senhor Luiz Barcelos mostrando reparos que está promovendo em sua fazenda para valorizar os bens culturais tapirenses (esq.) e verificando o conteúdo das fichas de inventário produzidas pela equipe da Arqueologika (BARS HERING, 2011). Fotos: Acervo Arqueologika.

Sr. Luiz apresentou sua propriedade, mostrando as novidades e modificações que fez: decoração, pintura, o banheiro novo, as luminárias (feitas de telhas antigas ou de cabaça) estilizadas por ele. Ele também possui muitos objetos antigos, que conserva e restaura, sempre conferindo aos mesmos o máximo de destaque, pois tem “muito apreço” por esses objetos. Além das luminárias, Sr. Luiz mostrou também objetos como uma balança antiga e uma candeia, ambos citados como bens culturais da região no inventário produzido pelos professores.

Esses objetos são ressignificados por ele, e agora integram parte da decoração do ambiente, como é o exemplo do tambueiro<sup>24</sup>, que hoje fica pendurado em uma das janelas do local. Além dos objetos, também foram apresentados os maquinários antigos, como o moinho (roda d’água hoje desativada), a miniusina (que, segundo Sr. Luiz, gerava luz para o município até 1963) e um moedor feito de pedra.

Luiz Barcelos se interessou pelos trabalhos em prol da valorização do patrimônio cultural tapirenses, e procurou fotos antigas de sua propriedade para mostrar. Num galpão onde guarda suas ferramentas, há uma fotografia emoldurada do seu pai, que produzia cachaça, e seus colegas e amigos no engenho. Sr. Luiz também possui outras fotografias: do moinho em funcionamento, do moedor de pedra, festas e encontros tradicionais.

---

<sup>24</sup> Tambueiro é um gancho de madeira que é colocado no pescoço do boi (REZENDE, 2009).





Fig. 198, Fig. 199, Fig. 200: Salão onde são realizados pequenos eventos, objetos antigos utilizados como decoração: a balança e a candeia, tambueiro pendurado na janela, luminárias de cabaça e telha, lampião.  
Fotos: Acervo Arqueologica.



Fig. 201, Fig. 202, Fig. 203: Miniusina, moedor feito de pedra e moinho (roda d'água). Fotos: Acervo Arqueologica.



Fig. 204, Fig. 205, Fig. 206 e Fig. 207: Sr. Luiz Barcelos mostra seu acervo de fotografias do local conhecido como engenho. Fotos: Acervo Arqueologika.

Assim como o Sr. Luiz Barcelos, a Sra. Cida Freitas (como é conhecida em Tapira) foi indicada por alguns professores das escolas de Tapira, como uma pessoa muito conhecedora da história do município. Cida tem 62 anos e é professora de Artes aposentada. Dentre as diversas atividades que já promoveu como professora destacam-se seus esforços em organizar exposições que procuraram valorizar e promover a história e cultura de Tapira<sup>25</sup>.

A visita à sua residência foi feita, à época, com a companhia da saudosa Eliana Aparecida Simões, entusiasta do patrimônio cultural tapirense. Sra Cida nos recebeu com o livro da “História de Tapira” (REZENDE, 2001) que serviu de estímulo para que contasse algumas histórias da cidade e também de sua família. Segundo Cida, sua avó contava que sua tataravó, Joana Venâncio (conhecida como “Joana de trás da Serra”), possuía “escravos” e os maltratava, especialmente “uma escrava que se chamava Bárbara Cordeiro”. Joana morava perto da Fazenda da Capivara, hoje Campo Alegre, onde “escravos fugidos” formavam quilombos.

Sra. Cida afirma que na região podem ser encontrados muros, cercas e currais de pedra que testemunham essa história, em locais como o alto da Fazenda Bom Jardim, onde existe “uma cerca enorme de pedras, no meio do campo”. Ela relembra também que sua avó contava sobre as “festas que eles faziam”, com destaque para a congada

<sup>25</sup> A visita e conversa com a Sra. Cida Freitas se deu no dia 5 de outubro de 2017, e foi retomada em 2018, durante a oficina Minhas Memórias, Nossa Tapira – protagonizada pelos mais velhos e mais velhas de do município.

da época de seu pai, Osório Gomes de Freitas. São memórias que, segundo seu relato, vêm se perdendo, já que a maioria dos “libertos foram embora de Tapira, e os que ficaram não mantiveram a tradição” – que encontra, nos muros de pedra, nas memórias e na própria Igreja Nossa Senhora do Rosário, testemunhos vivos.

Sra. Cida mencionou também elementos que, na sua visão, são representativos da cultura de Tapira, tais como engenhos de moer cana, moinhos de pedra, olarias que produziam tijolos e telhas, forno de cupim. Segundo ela, a cidade era muito “rústica” em sua época de infância, quando tudo era feito artesanalmente – desde os brinquedos, até a mobília da casa, ou os utensílios usados na cozinha e na lavoura.

Outro elemento interessante do diálogo com a Sra. Cida foi sua observação, nas fichas de inventário feitas pelos professores, que há menção à Festa de Nossa Senhora Abadia. Segundo seu relato, trata-se de uma festa que teve início com uma promessa feita por seu avô Manuel Gomes de Freitas, entre 1960 e 1974. Depois que seu avô faleceu, sua avó não quis dar continuidade à festa, assim como seu pai, que por questões de ordem religiosa também se afastou de tais festejos. Ela lembrou com afeto dos leilões, fogueiras e encontros que foram pano de fundo de vivências como a de bisavô e seu avô, pioneiros nas romarias para buscar sal em Santos (SP) no carro de boi.

Durante a conversa, Sra Cida apresentou também alguns de seus próprios objetos de memória: álbuns de fotografias decorados por ela, em especial o álbum de um membro da família, chamado Ivo Cândido Florenço, que tinha deficiências físicas e, segundo ela, foi uma figura histórica em Tapira, pois todos o conheciam e respeitava – “ele era muito trabalhador”; livro de receitas que pertenceu a sua mãe; um caderno em que escreve sobre objetos culturais de Tapira e também músicas regionais que estão na sua memória.

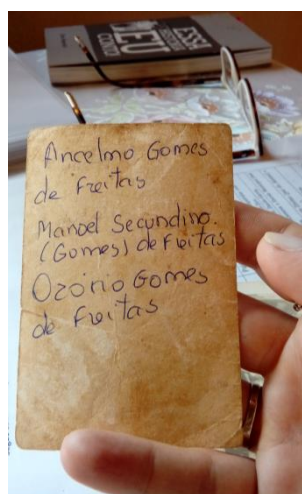


Fig. 208, Fig. 209 e Fig. 210: Senhora Cida procura no livro de história da cidade, referências sobre sua história de vida. Fotografia e verso do avô de Cida, Manuel Gomes de Freitas e seu tio avô, Ancelmo. Fotos: Acervo Arqueologika.



Fig. 211 e Fig. 212. Fotografia do carro de bois de sua família; fotografia da olaria de seu pai. Fotos: Acervo Arqueologika.



Fig. 213 e Fig. 214. Álbum dedicado a Ivo Cândido Florenço; Fotografia do Olaria Futebol Clube. Fotos: Acervo Arqueologika.



Fig. 215, Fig. 216, Fig. 217: Sra. Cida mostra os objetos antigos que tem guardados em casa: forno de barro e tacho de cobre; moedor de ferro, chaleira, ferro à brasa, plaina. Fotos: Acervo Arqueologika.

Sra. Cida afirma ter muitas ideias para o que ela chama de “museu a céu aberto de Tapira”, pois acredita que a história do município não pode ser retratada entre quatro paredes, já que está relacionada ao trabalho no campo, à vida rural.

Como não poderia ser diferente, todos esses caminhos apontados durante diálogos trilhados no território tapirense, entremeados por narrativas, fazendas, pessoas, feiras, fotografias, candeias e quitutes, nos levaram à casa do senhor Tiago Machado e sua esposa Maria Izabel Machado.

Senhor Tiago Machado é conhecido em Tapira pelo ofício da construção e manutenção de carros de boi. Atualmente, ele tem 85 anos e não trabalha mais construindo carros, mas fazendo reparos. Também está ensinando o ofício para um jovem chamado Alexandre.

O casal tem duas filhas que participaram do programa de educação patrimonial (Maria Eunice Machado Carvalho, professora da Escola Vicente Pereira (Palmeiras) e Eneiva Machado Araújo, professora da CEMEI Marília A. Fernandes). Eles foram informados sobre as atividades já desenvolvidas pela Arqueologika no município, e tiveram contato com as fichas de inventário. Senhor Tiago disse se recordar da conversa que teve com os pesquisadores em 2011, e apontou um equívoco na ficha onde seu nome consta como Tiago “Carvalho”.

Sr. Tiago e sua esposa contaram muitas histórias através de objetos que têm guardados em casa, e fizeram questão de mostrar cardas, rodas de fiar entre outros objetos. Além disso, Sr. Tiago mostrou sua oficina e suas ferramentas. Senhora Maria Izabel também mostrou álbuns de família, entre eles, o álbum da comemoração dos 80 anos do senhor Tiago. Maria Izabela diz que seu neto Tales (que estuda na escola estadual) sabe desenhar muito bem, e desenhou o rosto do senhor Tiago que foi impresso em camisetas usadas pelos familiares em seu aniversário.

Seu Tiago conta que os carros de bois iam até a estação de trem de Conquista buscar produtos como cereais, querosene e sal. Lembra que quando estavam na escola, pediam para os alunos contarem quantas casas havia em Tapira; na época 52. Diz que aprendeu a profissão de carpinteiro com seu pai, e seus filhos embora não tenham o ofício de construir os carros, também seguiram a profissão de carpintaria. Sobre as pessoas que possuem e apresentam seus carros de boi, Tiago citou Geraldo Candonga (seu carro fica guardado debaixo do porão do hospital de Tapira) e Chico Carvalho.



Fig. 218, Fig. 219, Fig. 220, Fig. 221 e Fig. 222. Senhores Tiago e Maria Izabel Machado mostram álbuns de fotografias e objetos. Senhor Tiago mostra sua oficina de reparos de carros de boi. Fotos: Acervo Arqueologika.

Todos esses caminhos e diálogos reforçam a percepção que colocam a *memória* e o *território* como conceitos centrais no campo museológico, ao qual cabe “um certo tipo de enquadramento e formas específicas de tratamento dos indicadores materiais e imateriais dos repertórios de memórias, com o compromisso de viabilizá-los como vetores de herança cultural, para muito além das coleções que embasam” (BRUNO, 2020, p. 21). Essa perspectiva remete ao conceito de “fato museológico” ou “fato museal”, central nas formulações de Waldisa Rússio Camargo Guarnieri (1981),

“que consiste exatamente na “relação profunda entre o homem – sujeito conhecedor -, e o objeto, parte da realidade sobre a qual o homem igualmente atua e pode agir. Essa relação comporta vários níveis de consciências, e o homem pode apreender o objeto por intermédio de seus sentidos: visão, audição, tato etc”. (in BRUNO, 2010, p. 123).

A museóloga também nos lembra que o trabalho interdisciplinar, pensado como método de pesquisa e de ação da Museologia (in BRUNO, 2010: 126) é fundamental para que reflexões críticas sobre as memórias tenham espaço de existência e para que possam circular, estimulando recriações ao incorporar diferentes saberes, diferentes perspectivas. Trata-se de uma prática social que mantém vivos os processos de

recriação de memórias e que encontra na participação da comunidade a chave para romper com políticas hegemônicas e historicamente majoritárias de silenciamento de populações historicamente marginalizadas.

Em Tapira, tal como em outras experiências museológicas contemporâneas, o processo museológico deverá necessariamente colocar em relação um conjunto heterogêneo centrado no território, considerando-o como testemunho de processo sociais complexos, os quais deverão encontrar vida a partir de embates produtivos, fruto das múltiplas interpretações e reinvenções proporcionadas pelo fenômeno museológico.

Nesse sentido, é importante mencionar que se espera romper com perspectivas que acabam por reduzir o museu a depósitos ou espaços de contemplação nos quais os objetos aparecem como destituídos de contextualização; ou reduzir sua vocação educacional à necessidade de transmissão de conceitos pré-fixados para um público passivo. Espera-se, de outro modo, valorizar a percepção dos indivíduos e suas ações intencionais de preservação e conservação, algo que se apresenta como fundamento do processo museológico e que exige, portanto, interlocuções interdisciplinares e composições multiprofissionais, com ênfases em modelos que são globais como também locais (BRUNO, 2020, p.20).

A presente dissertação acompanha algumas importantes reflexões conjuntas a esse respeito, envolvendo uma equipe interdisciplinar coordenada por museólogos e museólogas; poder público (Prefeitura de Tapira); iniciativa privada (Mosaico Fertilizantes) e diversos setores da comunidade local, de modo que o compartilhamento dos conceitos que embasam a constituição de um Plano Museológico seja acessível e debatido de modo aberto. Vale destacar que a adoção de gestão museológica e de planos museológicos são imprescindíveis para a administração interna e externa das instituições.

Destaca-se, a esse respeito, a Portaria nº 375, de 19 de Setembro de 2018, que institui a Política de Patrimônio Cultural Material (PPCM) do IPHAN. Em seu Art. 2º, por exemplo, estabelece que as ações e atividades voltadas para o alcance dos objetivos da PPCM devem ocorrer de forma intersetorial, integrada, coordenada, sistemática e observar princípios como: Princípio da Responsabilidade Compartilhada; Princípio da Colaboração; Princípio da Participação Ativa; Princípio da Atuação em Rede. Considerando que um dos objetivos dessa legislação é exatamente estabelecer práticas para a elaboração participativa dos instrumentos de preservação, de forma a ampliar a legitimidade perante os grupos sociais locais e agentes públicos e facilitar a definição de estratégias de gestão compartilhada do patrimônio cultural material, coloca-se como imperativa a participação do poder público local nos processos relacionados ao

patrimônio cultural – o que também vai ao encontro da condicionante estabelecida pelo IPHAN para o sítio arqueológico Valter Dentista.

Nesse sentido, apresentaremos algumas das discussões que caracterizaram novos embates. Por exemplo, sabe-se que o museu pode ser feito de várias formas, de acordo com o perfil desenhado para instituição: será um museu apenas com o acervo do sítio arqueológico Valter Dentista? Será um museu que vai receber coleções de outros projetos arqueológicos desenvolvidos na região (não apenas advindos de estudos promovidos pela Mosaic Fertilizantes, mas também por outras empresas que necessitam realizar estudos arqueológicos)? Será um museu que vai abrigar outros acervos patrimoniais do município, como aqueles relacionados à história da mineração, do processo de ocupação recente na região, dos bens imateriais etc.? Será um museu fora das paredes (como mencionado pela Sra. Cida Freitas)? Como os diferentes agentes envolvidos nessa arena estão pensando tais questões? Essas perguntas são importantes porque interferem diretamente em projeções importantes, como aquelas relacionadas ao “tamanho” da instituição, tanto em termos físicos quanto em termos semânticos,

Não se trata, nesse aspecto, de adaptar um lugar apenas para a guarda do material proveniente do sítio arqueológico Valter Dentista, mas sim de pensar no território que comporta contradições, temporalidades e visões múltiplas – aspectos que devem necessariamente ser considerados ao estabelecer-se parâmetros para sua salvaguarda e comunicação. Nesse sentido, o acervo advindo da escavação arqueológica do sítio arqueológico Valter Dentista é parte – e não a totalidade – de um processo amplo, conectado de modo rizomático com outros indicadores de memória postos pelos diversos segmentos da sociedade tapirense. Conforme aponta Varine (2018),

Apresentar a questão da relação do museu com o desenvolvimento, e mais particularmente à dimensão social de seu desenvolvimento, é então procurar determinar, a partir de práticas profissionais e institucionais, a atitude dessas diferentes categorias de museus com a sociedade que os circunda, em função dos objetivos políticos e culturais que eles se dão ou que lhes são impostos, e não mais como no passado, a partir da natureza de suas coleções e das competências de suas responsabilidades científicas. Porque as coleções se tornaram aqui essencialmente o material com o qual o museu poderá, ou não, servir à sociedade, como seu staff científico e cultural poderá, ou não, ser um ator consciente e eficaz do acompanhamento cultural da mudança desta sociedade (VARINE, 2018, p. 12).

Esse conjunto de percepções é fundamental para delinear a missão institucional do Museu de Tapira, a qual deve necessariamente dialogar com o espaço escolhido e com a comunidade como um todo. O conjunto desses processos, ao ser desenvolvido de modo integrado, busca contribuir para reverter os diversos quadros de silenciamento



que levaram à constituição de uma verdadeira "estratigrafia do abandono" (BRUNO, 1995), especialmente quando pensamos nas camadas de esquecimento que acabam isolando ou silenciando vozes representadas em acervos como os arqueológicos.

Trata-se de um contexto que coloca em relevo a abertura epistemológica que o conceito de "pedagogia museológica" proporciona, contribuindo para que possamos entender de modo mais amplo um conjunto amplo de reconfigurações que temos experienciado no campo museológico, por exemplo ao pensar nas problematizações acerca da alteridade nos espaços museológicos e de sua centralidade na tarefa de "repatriar memórias". O diálogo entre a Arqueologia e a Museologia, o acervo gerado pela pesquisa arqueológica a outras referências patrimoniais, bem como o entendimento da população tapirense acerca do patrimônio arqueológico é, portanto, um dos desafios que a nova instituição vem assumindo.

**CAPÍTULO 3 – Proposições e desafios para o Museu de Tapira:  
aprendizados pelos diálogos**

As experiências educacionais vivenciadas, norteadas pelos “inventários participativos”, propiciaram uma imersão no território tapirense, permitindo apreendê-lo como espaço de memória e de significações singulares. Nesse sentido, procuraram tomar como desafio valorizar a diversificação de vozes, e conferir destaque para o protagonismo dos tapirenses no processo de produção de pesquisas, de gestão de acervos e de evidenciação/consolidação do processo museológico.

Trata-se de uma equação que opera a partir de referenciais conflituosos, e cujo caminho pareceu encontrar, no exercício da *pedagogia museológica* (BRUNO, 2016), uma aliada para pensar coletivamente nos desafios relacionados à criação e gestão de um museu.

Posto isto, iniciamos o presente capítulo apresentando-o como um texto propositivo, uma vez que se pretende aqui delinear as bases de um Programa Museológico<sup>26</sup> para o futuro Museu de Tapira.

Essa busca almejou alcançar dois objetivos principais: o primeiro foi retribuir os ensinamentos promovidos pela população tapirense, que tiveram forma nos compartilhamentos de memórias e espaços, tanto como de anseios e expectativas. Nesse sentido, os caminhos do Programa Museológico ora apresentado se constituem como síntese dos diálogos compartilhados – passível, portanto, de novos confrontamentos positivos e reavaliações; o segundo objetivo é sugerir reflexões e proposições para o debate mais amplo acerca da gestão de acervos arqueológicos, especialmente quando se trata de projetos relacionados à arqueologia preventiva.

Tais esforços pretendem reiterar a importância da inserção das perspectivas locais nos processos decisórios que versam sobre território, destacando os “inventários participativos” como instrumento de abertura museal e de gestão de acervos.

O Programa Museológico do Museu de Tapira<sup>27</sup> será apresentado a partir de quatro vetores de planejamento, sustentados no (i) Plano Conceitual, (ii) Plano

---

<sup>26</sup> A referência ao termo Programa Museológico foi proposta por BRUNO (2021), em texto redigido em 2008 e revisado em 2021 (a publicação foi parte dos textos compartilhados pela autora durante a disciplina IMU5001 - Planejamento Museológico: Da Museologia Tradicional À Sociomuseologia, ministrada no ano de 2021 no PPGMus/USP). No texto, a autora propõe o uso do termo “Programa Museológico” para a proposição de novas instituições / novos processos museológicos, e de “Plano Museológico” para a dinâmica conceitual e de ação museológica institucionais (BRUNO, 2021:2). Considerando-se que o Museu de Tapira ainda não está institucionalizado, optou-se por utilizar na presente dissertação o termo “Programa Museológico”.

<sup>27</sup> O Programa Museológico ora apresentado foi possível graças aos direcionamentos e proposições – de ordem teórica e aplicada –, colocados por Dr. Diego Lemos Ribeiro e Dra. Jossana Coelho Peil nos anos de 2018 e 2021.

Arquitetônico, (iii) Plano de Ações Museológico-Museográficas e (iv) Plano de Sustentabilidade (BRUNO, 2021<sup>28</sup>).

### 3.1. Plano Conceitual: o território tapirense como identidade museológica

As bases conceituais propostas para o futuro Museu de Tapira têm como **conceito-gerador** as memórias que marcam o território tapirense, considerando-o não apenas como marco geográfico, mas principalmente como núcleo de conexões históricas, cujas fronteiras podem expandir-se no tempo e no espaço através da cultura material.

As motivações para o enfoque no território e na cultura material considera um processo museológico em curso no município, onde a implantação de um museu foi colocada como parte de um programa de Gestão Arqueológica. A peculiaridade desse processo museológico em questão cruza ao menos dois elementos importantes.

O primeiro diz respeito ao fato de a “vontade de museu” ser uma realidade na comunidade tapirense, que há tempos discute a importância de encontrarem caminhos institucionais para valorizarem seus bens patrimoniais, considerando-os como parte de uma riqueza histórica e cultural que remonta gerações. Nesse aspecto é interessante mencionar que Tapira é um pequeno município no interior de Minas Gerais, e que em grande parte, seus aproximadamente 5 mil habitantes reconhecem a forte vocação turística local, especialmente por ser o município o “portal da Serra da Canastra”, abrigando importantes marcos ecológicos/ patrimoniais que lhes são peculiares, como o uso medicinal da água sulfurosa e da lama negra; até marcos que extrapolam os limites do município, tais como a Serra do Boqueirão, a produção artesanal de queijo, a Folia de Reis, as romarias de carro de boi dentre tantos outros marcadores de memória.

O segundo refere-se ao contexto que deu origem à demanda de criação do museu, enunciada de modo concreto pela Superintendência de Minas Gerias do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN/MG) na forma de uma condicionante para revalidar a Licença de Operação da empresa Mosaic Fertilizantes<sup>29</sup>, que atualmente é a mineradora responsável pela extração do Fosfato no município. A criação da instituição museológica surge a partir do reconhecimento da importância do

---

<sup>28</sup> A referência para proposição do Programa Museológico do futuro Museu de Tapira segue as diretrizes delineadas em *Programa Museológico: Subsídios*, de Maria Cristina Oliveira Bruno. O texto, redigido em 2008 e revisado em 2021, não foi publicado. Destaca-se que a publicação foi parte dos textos compartilhados pela autora durante a disciplina IMU5001 - Planejamento Museológico: Da Museologia Tradicional À Sociomuseologia, ministrada no ano de 2021 no PPGMus/USP.

<sup>29</sup> OFÍCIO/GABIPHAN/MG nº 0055/ 2019 (17/05/2019). Apêndice.

Sítio Arqueológico Valter Dentista, resgatado no referido Projeto de Gestão Arqueológica, bem como do potencial arqueológico local<sup>30</sup>.

Os desafios de criação de uma instituição museológica em Tapira, portanto, ganham contornos específicos por tratar de acervos arqueológicos, especialmente considerando o espaço coadjuvante que tradicionalmente esses acervos ocuparam nos museus e nas narrativas sobre a história e cultura brasileira. Constituem, portanto, como parte de uma verdadeira “estratigrafia do abandono” (BRUNO, 1995; 2021), cuja reversão cada vez mais vem sendo foco de atenção. Afinal, como transformar acervos arqueológicos em herança cultural?

No caso de Tapira, a ferramenta “inventários participativos” possibilitou *diagnosticar as ativações* propiciadas pela pesquisa desenvolvida no sítio arqueológico Valter Dentista. A esse respeito, foram muitos os relatos que retrataram relações contemporâneas que a população local tem com tais vestígios, nas quais figuram os achados de “pote de índio”, de “ossadas”, de “pedras de raio” encontrados durante a realização de atividades cotidianas, como arado ou construção de casas.

A valorização de tais narrativas, bem como dos esforços em desenvolver *estratégias de comunicação* acerca das outras histórias que a arqueologia consegue desvelar a partir desses achados, foi um pilar desafiador. Ficou claro, a partir da dimensão aplicada inerente aos processos de Musealização da Arqueologia, que transformar histórias indígenas em herança cultural (BRUNO, 1999; 2021) implicaria em um trabalho permanente e conflituoso, que movimentaria identidades e relações de alteridades em constante transformação.

Foi por conta disso que os esforços metodológicos se pautaram na valorização e registro das referências patrimoniais mencionadas pelos mais diferentes agentes tapirenses. A ideia, portanto, foi criar ambientes em que diferentes vozes pudessem ser ouvidas, especialmente se algumas delas aparecessem como coadjuvantes na historiografia local/ nacional – tal como as histórias indígenas.

Esse processo deixou claro que um museu essencialmente arqueológico em Tapira poderia suprimir as potencialidades de reversão da já mencionada estratigrafia do abandono, bem como as possibilidades de valorizar marcadores de memórias locais. De outro modo, essas vivências foram mostrando que a conexão desses vestígios

---

<sup>30</sup> A condicionante que previa a criação de um museu em Tapira foi revista a partir de um documento enviado pelo empreendedor para o IPHAN (O OFÍCIO/GAB/IPHAN/MG nº 0055/2019, bem como outros documentos pertinentes relacionados ao PROCESSO IPHAN 01514.000958/2012-12, encontra-se na íntegra como APÊNDICE), cujos redirecionamentos foram aceitos pela autarquia federal. Esse fato, no entanto, não minimiza o processo museológico em curso, considerando-se que a mencionada “vontade de museu” precede as ações de pesquisa e educação patrimonial desenvolvidas no âmbito do Processo IPHAN

arqueológicos com as *musealidades nativas* conduziria a um caminho mais promissor, exatamente por permitir a valorização do território tapirense como espaço de memória.

### **3.1.1. Repatriando memórias: sítio arqueológico Valter Dentista de volta a Tapira**

Conforme mencionado anteriormente, o acervo do sítio arqueológico Valter Dentista atualmente se encontra no Museu Arqueológico do Carste do Alto São Francisco (MAC), localizado no município de Pains, no Estado de Minas Gerais. Trata-se do primeiro museu do município, e também o primeiro museu arqueológico de história indígena da região do alto São Francisco, razão pela qual a instituição recebe acervos advindos de diversos projetos de pesquisa arqueológica em várias regiões do Estado.



*Fig. 223: Vista geral do município de Pains. 2021. Fotos: Acervo Arqueologica.*

O MAC foi criado em 2008 a partir do Edital Mais Museus, promovido pelo Governo Federal. Seu projeto de implantação foi aprovado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que estabeleceu um convênio com a Prefeitura Municipal de Pains. No ano seguinte, o MAC também passou a ter acompanhamento Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). Além da exposição, a equipe do MAC realiza oficinas de arqueologia e educação patrimonial, incluindo visita a sítios arqueológicos durante escavações (HENRIQUES, G. e LIMA, P. 2015).



Fig. 224 e Fig. 225: Vista frontal e vista posterior do casarão principal do Museu Arqueológico do Carste do Alto São Francisco. Fotos: Acervo Arqueologica.



Fig. 226 e Fig. 227: Fachada da Reserva técnica do Museu Arqueológico do Carste do Alto São Francisco (MAC) – construção anexa ao Casarão principal. Fotos: Acervo Arqueologica.

Seu acervo é composto por diversos tipos de objetos produzidos por populações que viveram naquela região há mais de 11.000 anos: pontas de projéteis feitos de pedras lascadas, machados, rolos, moedores e outros objetos de perfuração, corte e impacto feitos de pedras polidas; artefatos de cerâmica e litocerâmica (cerâmica com pedra) de diversas formas, além de artefatos feitos de ossos, matéria orgânica petrificada, e restos humanos. Parte desse material está em uma exposição permanente, e a outra encontra-se na Reserva Técnica da instituição.



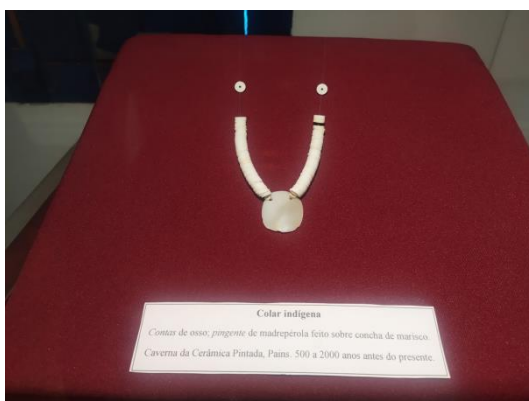
Fig. 228: Exposição permanente no MAC/ Pains. Fotos: Acervo Arqueológica.



Fragmentos de torção de malhadas  
Cálcio  
Diversópolis, Pains, 500 a 2000 anos antes do presente.



Artefatos pedões: machados, mãos de pilão e percutor  
Cálculo e rocha básica  
Pains e Diversópolis, 500 a 2000 anos antes do presente.



Colar indígena  
Contas de osso, pingente de madreperla feito sobre concha de marisco.  
Caverna da Cerâmica Pintada, Pains, 500 a 2000 anos antes do presente.



Fig. 229, Fig. 230, Fig. 231 e Fig. 232: Vestígios em exposição permanente no MAC/ Pains. Fotos: Acervo Arqueológica.

O acervo produzido a partir da escavação do sítio arqueológico Valter Dentista foi levado para o MAC no final de 2018, juntamente com toda a documentação a ele associada, tais como fichas de inventário e relatórios de pesquisa. Foi entregue também mídia digital contendo outros documentos pertinentes ao referido projeto.





*Fig. 233 e Fig. 234: Armazenamento do acervo produzido a partir da escavação do sítio arqueológico Valter Dentista no MAC/ Pains em 2018. Fotos: Acervo Arqueologica.*

Como se vê, o acervo arqueológico do sítio arqueológico Valter Dentista está em uma instituição de guarda idônea e consolidada. A instalação de uma instituição museológica em Tapira, no entanto, apareceria como forma de dar continuidade às ações em torno da reversão da estratigrafia do abandono no município, e de valorização dos referenciais patrimoniais tapirenses.

### **3.1.2. Missão, Visão e Valores**

**Missão:** promover pesquisas e ações de salvaguarda e comunicação do patrimônio etnográfico, histórico e arqueológico do município de Tapira e arredores, considerando-se a promoção de olhares de longa duração sobre o atual território tapirenses.

**Visão:** espera-se que o museu seja uma referência de promoção do patrimônio cultural brasileiro, mineiro e tapirenses promovendo, junto aos mais diferentes agentes da comunidade, práticas pedagógicas de constante qualificação de seu acervo, de modo a mantê-lo vivo e acessível.

#### **Valores**

- Promoção de ações de pesquisa, salvaguarda e comunicação do patrimônio cultural com ética, responsabilidade e excelência;
- Proposição de diálogos com diferentes públicos, considerando-se a população tapirenses e não tapirenses;
- Valorização da formação interdisciplinar a partir de seu acervo, orientando o olhar museológico a partir do território como espaço de memória;
- Promoção do diálogo intergeracional, tendo o patrimônio musealizado como motor de práticas colaborativas de preservação da memória;

- Estímulo às diferentes leituras sobre o território e suas materialidades, de modo a promover narrativas que partam de uma multiplicidade de pontos de vista e de experiências;
- Proposição de processos colaborativos de pesquisa e comunicação do acervo;
- Produção constante de inventários, explorando sua dimensão no campo da documentação, educação e reavaliação dos planejamentos estratégicos museológicos.

### 3.1.3. Potencialidades e Fragilidades

No decorrer da experiência, algumas potencialidades e fragilidades puderam ser observadas:

<b>POTENCIALIDADES</b>
O município de Tapira vem consolidando, nos últimos anos, práticas sistemáticas no campo da cultura, tendo desenvolvido um conjunto de atividades mutuamente imbricadas tendo no Patrimônio Cultural sua fonte primordial de motivação. Tais ações vêm sendo desenvolvidas de modo autônomo, de modo que parcerias com outras empresas <i>potencializam</i> suas ações;
Trata-se de uma região com forte vocação turística, considerada como “portal da Serra da Canastra”, que abriga importantes marcos ecológicos/ patrimoniais que extrapolam os limites do município (Serra do Boqueirão, produção artesanal de queijo, Folia de Reis, cachoeiras, cavalgada dentre outros);
Alguns exercícios expositivos foram feitos no município, todos contando com o protagonismo da comunidade local. Destaca-se, a esse respeito, a realização da I Mostra do Patrimônio Cultural de Tapira (2017), a II Mostra do Patrimônio Cultural de Tapira (2018) e a participação do município na 7ª Jornada do Patrimônio Cultural de Minas Gerais, evento cuja realização envolve uma parceria do Governo do Estado de Minas Gerais, o IEPHA e a Prefeitura Municipal de Tapira. A 7ª Jornada contou com a realização do Seminário “Valorização da Culinária Local”, da exposição de objetos culturais “Cozinha Tapireense” (realizada no local conhecido como Engenho), na Oficina de Culinária e o Encontro de Folias, realizado na Fazenda do Sr. Sandoval <sup>31</sup> .
O Fundo Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural de Tapira (FUMPAC) tem contornos compatíveis com aquele demandado para a criação do Museu de Tapira. Conforme Art. 51, o FUMPAC destina-se, dentre outras coisas, (a) a fomentar

<sup>31</sup> A I e II Mostra do Patrimônio Cultural de Tapira

atividades relacionadas à preservação do patrimônio cultural no Município, visando à proteção das atividades de resgate, valorização e manutenção e preservação do patrimônio cultural do Município de Tapira-MG; (b) a guardar, conservar e restaurar os bens patrimoniais imóveis tombados e que vierem a ser tombados pelo Conselho Municipal do Patrimônio Cultural, pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA) e pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN); (c) ao treinamento e capacitação de profissionais vinculados a cultura assim como a contratação de técnicos capacitados para os serviços atinentes a preservação do patrimônio histórico cultural do município; (d) a promover eventos empresariais, artísticos, sociais e outros concernentes a demanda de negócios do patrimônio histórico e cultural no Município de Tapira-MG; (e) a conceder empréstimos a proprietários de imóveis tombados, privados para serem restaurados e conservados<sup>32</sup>.

#### **FRAGILIDADES**

Ainda não há consenso sobre qual a melhor forma de gestão do futuro museu, e a esse respeito algumas possibilidades vêm sendo avaliadas, como a criação de um museu municipal gerido por uma Fundação ou de um museu essencialmente municipal. A decisão pelo modelo de gestão é essencial para o estabelecimento de um plano efetivo de sustentabilidade, e deve ser foco de atenção.

A escolha da sede da instituição museológica ainda é foco de debates e controversas. Considerando-se que essa decisão interfere diretamente nos custos projetivos, construtivos, de acessibilidade e nos planos de sustentabilidade como um todo, destacamos que seja um foco de atenção e de compartilhamento com a comunidade tapirense.

O plano de sustentabilidade deve considerar fontes diversas de recursos, atentando-se para as responsabilidades do poder público (âmbito federal, estadual e municipal) e das empresas privadas. Nesse sentido, é fundamental que a sociedade civil tapirense seja atuante, vigilante e propositiva.

### **3.2. Plano Arquitetônico**

Para a definição do Plano Arquitetônico do Museu de Tapira é necessário considerar as especificidades da gestão de acervos arqueológicos, bem como dos

---

<sup>32</sup> O “Casarão Mariinha Barcelos” e a Igreja Nossa Senhora do Rosário estão em processo de tombamento.

processos de musealização *in situ*, esses últimos com vistas a valorizar os marcos de memória dispersos no território tapirense.

A proposição para a sede da instituição considera, num primeiro momento, a edificação do “Casarão Mariinha Barcelos”, importante referencial patrimonial cuja materialidade ativa na população tapirense um conjunto amplo de lembranças afetivas; bem como sua localização geográfica.

O “Casarão Mariinha Barcelos” é uma das edificações mais antigas da cidade. Era uma pequena propriedade do Sr. Vicente José Barcelos (sogro de Francisco Rosa Pires). O limite da chácara seguia até à antiga caixa da Copasa, passando por todo o bairro Antenor Ferreira Goulart, descendo até o bar do atual Autoposto Game. A casa foi construída em adobe, por volta de 1922, quando já existia uma estrutura completa da chácara. O paiol da chácara localizava-se na esquina da atual rua José Assunção e Souza, e qual “servia” de local para os bêbados dormirem. Hoje, o local é ocupado pela Escola Estadual Professora Cecília Maria de Rezende Neves, a instituição escolar mais antiga de Tapira.

Informações de diversos memorialistas (como o Sr. João Peroba, Sr. Lavater Pontes Júnior, Sr. Jeremias Raimundo Venâncio, Sra., Cida Freitas, Profa. Arlene Maria Fernandes, Sra. Jane Dantas, Sr. Tiago Machado entre tantos outros), destacaram que ali existia um monjolo, visto que a chácara tinha um grande rego d’água que vinha da propriedade de Augusto José Barcelos, a qual abastecia toda a cidade; relataram também que, por volta de 1940 era comum que os pais da região pedissem hospedagem para seus filhos estudarem; ali também era o local, que em época de festas, abria as portas para que as pessoas se hospedassem – sem nenhuma despesa financeira – para acompanhar as tradicionais festividades.

Francisco Rosa Pires era carreiro, tirava leite, fazia queijo. Dona Antônia, além de torradeira de farinha, trabalhava como fiadeira. Chico Barcelos sempre foi muito caridoso, prova disso é que o terreno da Escola Estadual Cecília Maria de Rezende Neves foi doado por ele na época do Prefeito Antenor Ferreira Goulart (eles eram “compadres”).

Chico Barcelos foi quem fez os carretos de materiais para construção da igreja Matriz São Sebastião, pois ele era um grande carreiro. Foi nesta época que foi preparado o assoalho da casa. Também usava o bom espaço da casa para bailes e os jovens da época jogavam fubá no assoalho para os casais que ali dançavam deslizarem melhor. Moradores da casa: Francisco Rosa Pires, sua esposa Antônia Luiza Barcelos e seus filhos José Rosa Barcelos (Juquinha Barcelos), Waldemar Rosa Barcelos (Vadico Barcelos), Eleuza Rosa Barcelos, Maria Rosa Pires (Mariinha Barcelos) e sua neta Sebastiana de Fátima (Bastianinha).

Em 1969 faleceu o Sr. Francisco Rosa Pires, e a chácara ficou sendo de seu filho José Rosa Barcelos, mesmo assim permaneceram na casa Dona Antônia, Mariinha e Bastianinha. Em 1982 faleceu Dona Antônia com mais de 90 anos de idade, nesta época Bastianinha também já

havia casado, ficando na casa somente Maria Rosa Pires, que teve como companhia por dez anos Jane Auxiliadora Assunção e Souza que veio lecionar no município. Também moraram na casa: Eduardo Rosa Barcelos, Francisco Rosa Neto (netos) e por fim os bisnetos: Delvan Costa Pires, Odilan Costa Pires. Devido ao desenvolvimento habitacional de Tapira, foi necessária a venda dos terrenos em volta da casa par, restando apenas a casa com o seu respectivo terreno. Dona Mariinha Barcelos dizia ter ido para a casa com 2 anos de idade, daí morou até seus 83 anos quando teve que sair por motivo de doença. A mesma faleceu com 85 anos, desde então a casa foi fechada. Em 2015 a casa foi alugada para ser um restaurante, mas em 2016 o mesmo desocupou o imóvel<sup>33</sup>.

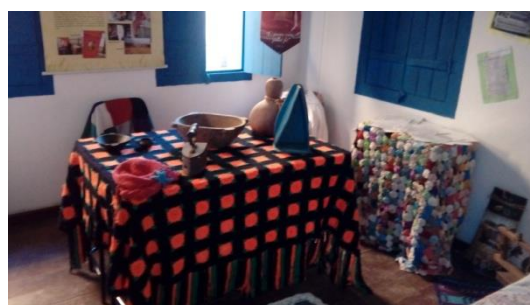


Fig. 235, 236 e 237. I Mostra do Patrimônio Cultural de Tapira, realizada no Casarão Mariinha Barcelos.  
Fotos: Acervo Arqueológica.

Outra possibilidade mencionada durante diálogos feitos no ano de 2020 junto à Prefeitura foi transformar a edificação da Sra. Izaíra Rezende, conhecida também como “Casa da Lama”, na sede do futuro Museu.

O terreno abriga um importante patrimônio da cidade/ região: a bica de água sulfurosa e a fonte de lama negra, elementos que são matéria-prima para a produção de cosméticos ou para uso medicinal. Além disso, sua residência (a) está ao lado da

---

<sup>33</sup> As informações sobre o Casarão foram disponibilizadas pela Prefeitura de Tapira – através de sua funcionária Jane Dantas, que pode ser considerada uma importante memorialista do município, juntamente com seu pai, Sr. Antônio Peroba. O trecho mencionado não está datado.

Igrejinha Nossa Senhora do Rosário, que é um importante marco da arquitetura e simbologia local (constituindo-se, inclusive, como uma das primeiras construções do município), e (b) integra um conjunto arquitetônico expressivo historicamente na cidade.



*Fig. 238: Casarão da Sra. Izaíra, com dois andares. Ao fundo (esquerda) é possível ver a igrejinha do Rosário. Fotos: Acervo Arqueológica.*

Com efeito, a água sulfurosa é um dos bens culturais mais mencionados pela população local como parte de seu universo patrimonial. Segundo Oliveira (2003, 74), no início do século XX Tapira recebia visitantes de variadas localidades, principalmente de São Paulo, em busca de tratamento para doenças do fígado e outras. O autor também conta que até o ano de 1960 aproximadamente, era oferecido na residência de Egídio Ribeiro Rezende, um serviço de banho medicinal em água sulfurosa aquecida em fogão à lenha, indicado para o tratamento de doenças e afecções de pele. Atualmente, essa bica está abandonada, depois de ter sido parcialmente revitalizada em meados de 2018 (ao que parece, as obras foram paralisadas).

Ao final do século XIX, as revelações das propriedades das águas e do seu valor terapêutico apontaram novas possibilidades quanto à sua utilização. Tais descobertas passaram a representar um novo sentido para os moradores urbanos. O caminho a ser traçado sinalizou para a prática do culto à saúde do corpo e da própria cidade. Para isso os primeiros estudos já garantiam o êxito dos tratamentos. Bastavam a escolha da estação própria, a presença de médicos especializados e a persistência por parte do paciente. A esse respeito, a citação de exemplos de pessoas que obtiveram a cura e dos aspectos favoráveis a uma vida saudável como o ambiente natural das fontes e a

disponibilidade de uma alimentação baseada na carne e no leite, constituíam a imagem de uma estância de futuro<sup>34</sup>.



Fig. 239 e Fig. 240: Revitalização da Bica de Água Sulfurosa, em 2018. Fotos: Acervo Arqueologika.



Fig. 241 e Fig. 242: Bica de Água Sulfurosa em maio de 2021. Fotos: Acervo Arqueologika.



Fig. 243: Equipe da Arqueologika em diálogo com a Sra. Izaíra Rezende. Maio de 2021. Fotos: Acervo Arqueologika.

<sup>34</sup> Fonte: <http://www.nurcosmeticos.com.br/index.php/dicas>. Acessado em 17/06/2021.



Fig. 244 e Fig. 245: Vista frontal e entrada lateral do terreno da Sra. Izaíra. Fotos: Acervo Arqueologika.

O terreno tem dimensões expressivas, considerando os dois andares da edificação, bem como seu quintal, onde há a mina de água sulfurosa/ lama negra, bem como outros elementos típicos da lida tapireense, como tacho de cobre para produção de doces, fogão à lenha, árvores frutíferas etc. O piso térreo atualmente é ocupado por uma loja de ferragens, de propriedade do filho da Dona Izaíra. O piso superior está em condições muito precárias, de modo que o acesso foi limitado por questões de segurança.



Fig. 246 e Fig. 247: Equipe Arqueologika visitando o piso superior da edificação da Sra. Izaíra (esq.); Piso inferior da edificação, onde atualmente funciona uma loja de ferragens (dir.). Fotos: Acervo Arqueologika.

No terreno de dona Izaíra também é possível ver estruturas relacionadas à produção do sal sulfuroso, atividade atualmente paralisada devido a problemas de saúde na família. A lama, no entanto, continua a ser coletada, e em grande parte alimenta o mercado de cosméticos de Araxá (Nur Cosméticos). Conforme mencionado, há a intenção de vender o casarão, porém a família ainda não estipulou valores (um processo de inventário está em andamento).





*Fig. 248, Fig. 249, Fig. 250 e Fig. 251: terreno da Stra. Izaíra, onde estão estruturas relacionadas à produção do sal sulfuroso e onde é coletada a lama negra. Fotos: Acervo Arqueologika.*

Embora o “Casarão Mariinha Barcelos” e a “Casa da lama” sejam considerados como edificações importantes histórica e geograficamente para o município – compondo parte do território musealizado –, trata-se de imóveis de propriedade privada. Isso significa que sua aquisição (seja na forma de aluguel, compra, comodato etc) não será algo simples. A esse respeito, outros aspectos devem ser considerados, como (a) a necessidade de adaptação estrutural para que se adeque às normativas exigidas pelo IBRAM/IPHAN – especialmente no que tange à acessibilidade e acondicionamento de acervos arqueológicos e (b) às suas dimensões, que devem comportar espaço para o desenvolvimento pleno de atividades de pesquisa, salvaguarda e comunicação de seu acervo.

O Plano Arquitetônico, se atrelado a algumas dessas edificações, poderá indicar a necessidade de construir anexos, nos moldes daquele feito no MAC/Pains, onde uma compensação ambiental relacionada ao resgate de um sítio arqueológico em Doresópolis/MG resultou na aplicação de recursos financeiros para a construção de uma Reserva Técnica. Situações como essa podem ser interessantes em termos de sustentabilidade, por permitirem um crescimento da instituição museológica conforme novas parcerias são feitas ou fortalecidas.

Outras possibilidades também podem ser aventadas, como a construção de uma nova edificação, para fins exclusivos de abrigar uma instituição museológica. Em termos de planejamento essa opção permite projetar os espaços previamente, dimensionando-o a partir das necessidades demandadas pelos processos de salvaguarda e

comunicação museológica. A Prefeitura de Tapira colocou essa possibilidade em 2020, comprometendo-se a ceder um terreno de sua propriedade (o que exclui a problemática da aquisição) e a custear a operação da instituição (luz, água, segurança etc) por 20 anos.

O leque de possibilidades possibilita pensar com ponderação nos aspectos projetivos, construtivos e operacionais das estruturas relacionadas ao museu, seja considerando edificações já existentes (como o Casarão “Mariinha Barcelos” ou a “Casa da Lama”), seja na construção de edificações novas.

A arquitetura é muito mais que só uma parte do programa, já que pode determinar a sua própria estrutura. Deve responder não só de forma integrada a fatores de objeto, situação, organização do espaço, instalações técnicas e materiais, mas que deve ter um significado relativamente ao ambiente físico e social de quem o observa e utiliza. (SUCKLE, 1984 *apud* Ferreira, 2013, p. 42).

### **3.3. Programas e Linhas de Ação Museológica**

O estímulo à criação/potencialização de espaços de escuta dos diversos agentes tapirenses foi um caminho importante para a constituição do diagnóstico museológico e para o delineamento de caminhos para postos no presente Programa Museológico. A metodologia foi orientada pela ferramenta “inventários participativos”, que previu olhares interdisciplinares, constituídos pelo trabalho em equipe e pela articulação de conhecimentos científicos com conhecimentos locais. Essa metodologia conflui com perspectivas contemporâneas de desenvolvimento de projetos museológicos, especialmente ao valorizar práticas colaborativas associadas aos conhecimentos conceituais e técnicos necessários à transformação dos indicadores da memória em herança cultural.

Durante a realização das ações educativas descritas no capítulo 2 procurou-se estimular os mais diferentes públicos a refletirem sobre o *que* deveria ser musealizado em Tapira, considerando-se experiências e vivências compartilhadas naquele território. Tais exercícios foram *ativados* pelas pesquisas arqueológicas, que constituíram um importante acervo acerca da história pré-colonial na região.

Nesse sentido, o processo educativo permitiu conhecer um processo de musealização em curso, conduzido por diferentes agentes culturais e memorialistas locais, os quais mantêm vivas as lembranças das celebrações no Casarão Mariinha Barcelos e das missas na Igrejinha do Rosário e na Igreja de São Sebastião; que periodicamente reúnem famílias em torno da Folias de Reis, festejo de matriz religiosa carregada de práticas solidárias, vestimentas tradicionais e cantorias; que organizam diversas cavalgadas, por vezes revividas com temáticas contemporâneas (como a

cavalgada feminina); que realizam esforços para revitalizar as outrora abundantes fontes de água sulfurosa e lama negra e para rememorar *ofícios* como a tecelagem em tear manual; que valorizam o cotidiano rural atualizando-o um ruralidades típicas “da Tapira”; e que tornam a região um polo de referência para a produção do queijo artesanal, premiado em concursos nacionais e internacionais tanto quanto apreciado na simplicidade da lida tapirense.

A proposta de valorizar tais manifestações culturais, considerando as materialidades e imaterialidades a elas associadas, aparece como uma oportunidade única de apropriação do espaço museológico como estratégia de administração da memória e de desenvolvimento social.

A memória pode ser considerada como conceito central no campo museológico, ao qual cabe

um certo tipo de enquadramento e formas específicas de tratamento dos indicadores materiais e imateriais dos repertórios de memórias, com o compromisso de viabilizá-los como vetores de herança cultural, para muito além das coleções que embasam” (BRUNO, 2020:21).

Essa perspectiva remete ao conceito de “fato museológico” ou “fato museal”, central nas formulações de Waldisa Rússio Camargo Guarnieri, que consiste exatamente na “relação profunda entre o homem – sujeito conhecedor -, e o objeto, parte da realidade sobre a qual o homem igualmente atua e pode agir. Essa relação comporta vários níveis de consciências, e o homem pode apreender o objeto por intermédio de seus sentidos: visão, audição, tato etc”. (RÚSSIO, 1981, in: BRUNO, 2010: 123).

O trabalho interdisciplinar, pensado como método de pesquisa e de ação da museologia (RÚSSIO, 1981, in: BRUNO, 2010: 126) é fundamental para que reflexões críticas sobre as memórias tenham espaço de existência e para que possam circular, estimulando recriações ao incorporar diferentes saberes, diferentes perspectivas. Trata-se de uma prática social que mantém vivos os processos de recriação de memórias e que encontra na participação da comunidade a chave para romper com políticas hegemônicas e historicamente majoritárias de silenciamento de populações historicamente marginalizadas.

Em Tapira, tal como em outras experiências museológicas contemporâneas, o processo museológico deverá necessariamente colocar em relação um conjunto heterogêneo de objetos (arqueológicos, etnográficos, históricos), considerando-os como testemunhos de processo sociais complexos, os quais deverão encontrar vida a partir de embates produtivos, fruto das múltiplas interpretações e reinvenções proporcionadas pelo fenômeno museológico. Sugere-se abaixo algumas linhas potenciais de pesquisa:

### **3.3.1. Programas de Pesquisa e Documentação**

#### **(a) Acervos salvaguardados e comunicados por meios digitais**

O advento da pandemia de COVID-19 fez aumentar significativamente as exposições virtuais, levantando novas questões e possibilidades para o campo da expografia, além de ampliar o alcance do processo de documentação e de possibilitar a diversificação de públicos. Com isso em mente, propõe-se criar uma página na internet voltada para a divulgação das ações em torno do patrimônio cultural tapirense, considerando-se (i) os exercícios expositivos já desenvolvidos e (ii) as novas produções. Além de possibilitar conhecer os limites e potencialidades da modalidade virtual, essa construção irá explorar a interdisciplinaridade e participação comunitária através de parcerias com as instituições escolares do município.

#### **(b) Pesquisa arqueológica**

O potencial arqueológico no município de Tapira em específico – e em Minas Gerais de um modo geral – deve ser foco de atenção, especialmente ao considerar a relevância reconhecida do sítio arqueológico Valter Dentista, bem como de seu entorno. Nesse sentido, trata-se de uma oportunidade de repatriar as memórias a ele relacionadas, bem como de abrigar novos acervos ao oferecer apoio científico a pesquisas arqueológicas realizadas em outros estados de Minas Gerais<sup>35</sup>.

### **3.3.2 Programa de comunicação (exposição e educação museológica permanente)**

#### **(a) Musealização *in situ***

Revitalização e sinalização dos marcos de memória existentes no território tapirense. Essa ação deve ser considerada como algo sistemático, de modo a potencializar sua dimensão interdisciplinar, pedagógica e colaborativa. Reitera-se, nesse sentido, a ferramenta “inventários participativos” como estratégia de educação e de ação museológica.

Um roteiro já previamente sugerido durante a produção dos “inventários participativos” considera os seguintes marcos de memória: bica de água sulfurosa/lama negra; feira livre de Tapira; cavalgadas/ encontros de carros de boi; Igreja matriz de São Sebastião; Igreja Nossa Senhora do Rosário; Engenho;

---

<sup>35</sup> Tais preceitos encontram-se enunciados na “Compensação 2” do OFÍCIO/GAB/IPHAN/MG nº 0055/2019. Processo IPHAN 0514.000958/2012-12.

Folia de Reis; Casarão Mariinha Barcelos; modo artesanal de fazer queijo; tecelagem no tear manual.

### **(b) Exposição de longa duração**

A exposição de longa duração poderá seguir os exercícios expositivos já empreendidos no município, nos quais o território tapirense foi valorizado na sua dimensão temporal (do ponto de vista arqueológico e histórico) e etnográfica (dos pontos de vista da população local).

### **(c) Exposições temporárias**

Durante a experiência de produção dos “inventários participativos”, algumas sugestões de pesquisa, salvaguarda e comunicação foram aventadas, e condensadas pela atual Secretária de Educação de Tapira Josenice Paiva. Nessa proposta figuram anseios da população tapirense em valorizar, documentar e fomentar suas referências patrimoniais.

#### **(i) Memorialistas do Portal da Serra da Canastra**

Histórias de vida precisam ser registradas e valorizadas. Ao serem compartilhadas, contribuem para a transmissão de conhecimento e perpetuam um legado de narrativas que podem causar identificação, reconhecimento, aprendizado e emoção àqueles que as lêem, que as ouvem. Com isso em mente, o foco desta produção estará na valorização das histórias de vida de personalidades importantes do município de Tapira. Os relatos serão colhidos através de entrevistas previamente estruturadas, que procurarão trazer à tona a história do município e do conjunto de bens patrimoniais que o compõem.

Foi sugerido que iniciássemos com os senhores Ildeu Rezende, Tiago Machado, Dona Duduta, Antônio Peroba e Mariinha Venâncio.

A escolha dessas personagens levou em consideração (a) o conjunto de ações educativas já realizadas no município, durante as quais foram constantemente referenciados como importantes memorialistas, bem como (b) as sugestões colocadas por membros da Secretaria de Cultura, que veem o potencial dessas narrativas e a necessidade de registrá-las.

Considerando-se que as pessoas a serem entrevistadas são referência para a comunidade como um todo, entende-se que a valorização e compartilhamento de seus relatos irá estimular outros tapirenses a contarem suas histórias.

Espera-se, com esta proposta, dar início à construção de um acervo de histórias de vida, que futuramente estará aberto para que qualquer tapirense possa compartilhar suas vivências e percepções. Tal acervo também irá integrar o futuro Museu de Tapira.

Essa premissa tem como objetivo contribuir para a construção de um museu aberto à participação de toda pessoa, independentemente de sua profissão, idade ou status social. Trata-se de uma premissa que tem como inspiração experiências importantes e bem sucedidas no campo museológico, como a do Museu da Pessoa<sup>36</sup>, que é uma organização da sociedade civil de interesse público (OSCIP) sem fins lucrativos, criada em 1991 pela historiadora Karen Worcman. Trata-se de uma instituição virtual e colaborativa que tem nas histórias de vida seu foco de reflexão.

(ii) Cruzando territórios e temporalidades por carros de boi e cavalgadas: percursos de carreiros de ontem e de hoje

O carro de boi marcou fortemente a história brasileira, tendo sido o principal meio de transporte em diversas regiões do país por mais de 300 anos – principalmente naquelas com relevo acidentado, como o interior de Minas Gerais onde foi, por muito tempo, inviável a construção de estradas de ferro. Desta forma, a tradição histórica da cidade é marcada pela biografia de carreiros e construtores de carro de boi. As profissões de carreiro e de construtor dos carros de boi são parte da identidade cultural dos habitantes de Tapira, e são mencionadas na história oral da população mais velha que se reconhece através dessas narrativas e se emociona ao contá-las.

Em março de 2018, Tapira registrou sua maior cavalgada, acontecida por ocasião das comemorações dos 55 anos da cidade. No início do dia foi servido um almoço, com comidas típicas dos tropeiros, na fazenda do Sr. João do Antero. Na ocasião, estiveram presentes cerca de 1.500 pessoas que puderam aproveitar a comemoração. Participaram cerca de 20 comitivas, que vieram de Vargem Bonita, Serra do Salitre, Pratinha, Desemboque, Sacramento, Cristais Paulista, Pedregulho, Franca, Ituverava, São Roque, Perdizes, Nova Ponte, Araxá, Rio Paranaíba, São Gotardo, Santa Rosa da Serra, Ibiá, São João Batista e Pinheiro. Um trio elétrico acompanhou toda a cavalgada e os participantes seguiram em direção à cidade, onde foram recebidos com uma queima de fogos, na porta do parque de exposições, em sua homenagem.

---

<sup>36</sup> Mais informações em <https://museudapessoa.org/>. Acesso feito em 20/10/2022.

As cavalgadas têm lugar central para a população de Tapira e de seus arredores. Há, no município, diversas fotografias de cavalgadas antigas (aquelas clássicas realizadas em casamentos, por exemplo, quando a família da noiva e do noivo iam a cavalo durante o chamado “noivado a cavalo”) bem como personagens que conhecem profundamente histórias a elas relacionadas e o ofício de construção dos carros de boi (como o Sr. Tiago Machado).

Organizado pelo sindicato rural em parceria com a prefeitura e a comunidade, esta celebração é uma recordação dos tempos em que o carro de boi constituía o principal meio de transporte de cargas.

O Encontro inicia-se em fazendas próximas à cidade com a reunião de todos os carreiros. Chegando à zona urbana, realizam desfile pelas ruas centrais e praça Antônio Venâncio de Souza, após o que se locomovem até o centro de exposições onde recebem certificado de participação no encontro.

O senhor Tiago Machado é conhecido em Tapira pelo ofício da construção e manutenção de carros de boi. Atualmente, ele tem 90 anos e não trabalha mais construindo carros, mas fazendo reparos. Sua filha Maria Eunice Machado é professora da rede municipal de ensino, e é uma das entusiastas para o registro do ofício do pai.

### **3.4. Plano de Sustentabilidade**

A criação de uma instituição museológica, sem dúvidas, é um grande desafio. Não apenas no que diz respeito aos custos relacionados à sua construção/adaptação e funcionamento/manutenção/operação, mas também no que diz respeito à necessidade de criação de outros pilares de sustentabilidade. Tal pauta foi foco de debate na 13ª Semana de Museus (Manaus, 2015), cujo tema foi “Museus para uma sociedade sustentável”, destacando os vetores ambiental, sociocultural e econômico como pilares para pensar em sustentabilidade em museus.

De modo mais específico, destaca-se a necessidade de que sejam garantidas fontes de financiamento para que a instituição desenvolva com excelência suas funções de salvaguarda e comunicação, tanto como é necessário investir em estratégias para que o museu não se aparte de seu território de referência, bem como das pessoas que lhe conferem sentido.

Posto isso, é possível afirmar que a definição do modelo de gestão da instituição museológica é fundamental para definir planos de sustentabilidade. Os recursos podem vir de fontes diversas, considerando-se o orçamento anual da instituição mantenedora do museu; receitas próprias (geradas pelo próprio museu através de marketing cultural, considerando a cobrança de ingressos, locação de espaços, vendas de souvenirs em

loja etc); leis de incentivo no âmbito federal, estadual ou municipal; patrocínios diretos; doações; organismos internacionais.

Conforme BINA (2011), a situação financeira dos museus brasileiros teve um impulso importante com a Política Nacional de Museus, quando foram pautadas estruturas e ações mínimas dentro das instituições que

passam a ser financiadas de forma intensa até 2009. Assim, empresas e autarquias são incentivadas para investimento nessas ações. Isso, como apoio e incremento às rendas próprias oriundas de subvenções, aluguéis de seus espaços para eventos diversificados, cobrança por ações educativas e culturais, atendimento nas cafeterias e restaurantes e vendas na lojinha, que não são suficientes para sua subsistência. (BINA, 2011, p. 1).



## **Considerações Finais**

A superação de modos hegemônicos de construção da memória ganha, nos processos de Musealização da Arqueologia, contornos potentes para que possamos reverter a “estratigrafia do abandono” que acompanha os acervos arqueológicos. Trata-se de oportunidades para fazer do espaço museológico uma ferramenta que permite conferir visibilidade para vozes historicamente silenciadas, ao mesmo tempo em que abre caminhos para romper com práticas colonialistas de administração da memória no presente.

Perguntamo-nos, ao longo da pesquisa em Tapira, qual o lugar ocupado pelas histórias indígenas nas narrativas tapirenses; quais os marcos de memória vivenciados, memoriados pela população, e quais os desafios para sua preservação. Tais questões motivaram a proposição das práticas pedagógicas descritas ao longo do texto, cujas bases foram orientadas pelos “inventários participativos”, como ferramenta de mediação.

Esse caminho foi possível graças à *dimensão aplicada* que caracterizou o trabalho, a qual permitiu vivências por um território carregado de significados, de *musealidades*. A construção de um *diagnóstico museológico* apareceu, nesse contexto, como uma consequência das práticas pedagógicas exercitadas, delineando reflexões e proposições em torno da gestão do acervo escavado no sítio arqueológico Valter Dentista.

Ao articular a cadeia operatória museológica com a pesquisa arqueológica – desafio assumido pelo campo da Musealização da Arqueologia –, importantes instrumentos de transformação do referido acervo arqueológico em herança cultural foram exercitados (BRUNO, 2021). Esse processo, no entanto, não ocorre de modo repentino. Ao contrário, demanda atenção constante, algo possibilitado por práticas pedagógicas permanentes e sistemáticas.

É nesse contexto que a demanda pela criação de um museu em Tapira apareceu como oportuna, potente. Isso porque possibilitaria não apenas “repatriar” o acervo do sítio arqueológico Valter Dentista, como também potencializar as práticas de valorização da memória já consolidadas no município. A esse respeito, a ferramenta “inventários participativos” mostrou-se potente para conhecer percepções locais que conferem sentido e afetividades ao território, na mesma medida em que nos informou sobre o modo como os acervos arqueológicos são percebidos no plano local, indicando caminhos de valorização das histórias e musealidades de que são parte. Pensamos ser este um dos passos para alargamentos conceituais.

A intensa e propositiva participação da população tapirense nesse processo permitiu enxergar a potência dos processos colaborativos, desafiando-nos a pensar de

modo amplo no lugar que as pesquisas arqueológicas vêm ocupando nos territórios que lhes são referência.

Essa reflexão nos mostrou que, apesar de ter ocorrido uma revisão da condicionante que colocou a criação de um museu no município para receber o acervo do sítio arqueológico Valter Dentista, o processo museológico em curso não foi interrompido. Ao contrário, o episódio mostrou que os agentes que compõem a arena museológica continuam se mobilizando em prol do patrimônio, equalizando interesses e percepções sobre o que é e para que (ou quem) serve um museu, por exemplo. O amadurecimento desses embates fortalece o processo museológico e a busca pelos caminhos de valorização da memória.

O caráter propositivo e reflexivo da dissertação foi alimentado pelas problematizações e experiências de caráter colaborativo que há algumas décadas vêm sendo amadurecidas tanto no campo da Arqueologia quanto no da Museologia. Para além disso, o acompanhamento do modo como a legislação brasileira foi assimilando os redirecionamentos de epistemológicos protagonizados por populações historicamente marginalizadas, bem como o modo como todo esse contexto foi operacionalizado no âmbito institucional por instituições como IPHAN e IBRAM, por exemplo, foram cruciais.

Esperamos, ao longo da presente dissertação, ter compartilhado a potência dos “inventários participativos” para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que propiciam alargamentos conceituais, construídos a partir de musealidades que só puderam ser conhecidas através de práticas dialógicas. A cadeia operatória museológica observada trouxe possibilidades de discutir a importância de registrar, inventariar, marcar as práticas cotidianas que tornam Tapira um lugar único na Serra da Canastra. Por outro lado, convidamos também a pensar sobre os limites experimentados no decorrer da vivência em Tapira, permeada por embates que envolvem diferentes instituições, sujeitos de saber e estruturas de poder. Essas percepções foram apreendidas durante a construção do diagnóstico museológico, que em síntese apontou para os desafios a serem enfrentados para o fortalecimento do processo museológico em curso.

Um importante elemento dessa arena está relacionado com o *lugar* que a população ocupa no processo de administração da memória: em que medida os tapienses participaram das decisões sobre o destino do acervo do sítio arqueológico Valter Dentista? Como garantir que esse acervo continue a suscitar questões para a população local?

As práticas colaborativas devem ser consideradas, portanto, em um contexto no qual os desafios da preservação comportam embates de ordem interdisciplinar,

intercultural e interinstitucional. Nessa complexa conexão parece estar o exercício colaborativo, cuja busca deve ocorrer em toda a cadeia operatória museológica que movimenta.

Nesse sentido, nos parece promissor que sejam criados parâmetros para que as instituições de guarda ampliem seu raio de ação no que diz respeito à cadeia operatória museológica, inserindo em seus processos de comunicação as comunidades às quais os acervos estão imediatamente associados. Esse esforço tem como objetivo manter vivos os vínculos ativados pela pesquisa arqueológica, propiciando o fortalecimento de processos museológicos em diferentes localidades.

A participação das populações locais no processo de pesquisa, salvaguarda e comunicação traz a potência de manter vivos os acervos arqueológicos, contribuindo também para reverter o quadro de abandono ao qual as histórias de populações historicamente marginalizadas muitas vezes ocupam. Ao mesmo tempo, é parte inerente do direito à memória.

O acervo proveniente do sítio arqueológico Valter Dentista, apesar de ser o “ponto de partida” para a organização do Programa Museológico do futuro Museu de Tapira, não pode ser considerada como totalidade do processo museológico, mas como parte de um contexto mais amplo e complexo. Nesse sentido, todas as ações de executadas procuraram conferir centralidade para as musealidades já movimentadas pela população local.

Aqui, o conceito de sustentabilidade também tem seu sentido fortalecido: uma comunidade que se apropria, que participa dos processos relacionados ao tratamento da memória – no nosso caso pensando em processos museológicos – é uma comunidade que vai desenvolver mecanismos para mantê-los vivos, para reverter quadros de invisibilidades sociais e para promover mudanças, desenvolvimento.

Trata-se do compromisso que museólogos e museólogas necessariamente devem ter com a vida ao terem que escolher entre as forças que a preservam, abrindo, como nos lembra Waldisa Rússio Camargo Guarnieri, “perspectivas para o futuro e aquelas que por saudosismo ou interesse, tentam fazer retroceder a história” (in BRUNO, 2010: 242).

## Referências Bibliográficas

- ABREU, R e CHAGAS, M. (orgs.). *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- ARAÚJO, Helena Maria Marques. *Museu da Maré: entre educação, memórias e identidades*. 2012. 238 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- ARAÚJO, Marcelo Mattos e BRUNO, Maria Cristina Oliveira, (orgs.) *A memória do pensamento museológico brasileiro: documentos e depoimentos*. Comitê Brasileiro do ICOM. 1995.
- AVELAR, Luciana Figueiredo. *Museus Comunitários No Brasil: O Ponto De Memória Museu Do Taquaril*. Dissertação (Mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais) Fundação Getulio Vargas. Rio de Janeiro, 2015.
- BARS HERING, C. et al. *Estudo Diagnóstico do Meio Socioeconômico- Diagnóstico Arqueológico Interventivo, Diagnóstico dos Bens de Natureza Material e Diagnóstico dos Bens de Natureza Imaterial – Vale fertilizantes – Tapira MG – Depósito E6*. São Paulo: Arqueologika, 2011 (Relatório Técnico).
- BARS HERING, C. et al. *Resgate do sítio arqueológico Valter Dentista – Vale fertilizantes – Tapira MG – São Paulo: Arqueologika, 2017 (Relatório Técnico)*.
- BARS HERING, C. et al. *Resgate do sítio arqueológico Valter Dentista – Mosaico fertilizantes – Tapira MG – São Paulo: Arqueologika, 2018 (Relatório Técnico)*.
- BARS HERING, C. et al. *Escavação do Sítio Valter Dentista - pesquisa arqueológica no complexo de mineração de Tapira MG*. Arqueologika, 2020
- BEZERRA, Márcia. *Os sentidos contemporâneos das coisas do passado: Reflexões a partir da Amazônia*. Revista de Arqueologia Pública, Campinas: LAP/NEPAM/Unicamp, n. 7, p. 107- 122, 2013.
- BEZERRA, Márcia. *Arqueologia e [Des]envolvimento: Patrimônio, Contrato e Comunidades Locais na Amazônia*. Simpósio Patrimônio. In: ROSTAIN, Stéphen (Ed.). *Antes de Orellana. Actas del 3er Encuentro Internacional de Arqueologia Amazônica*. Instituto Francês de Estudios Andinos, Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales, Embajada de EEUU, 2014.
- BOTTALLO, M. *Os museus tradicionais na sociedade contemporânea: uma revisão*. Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 5: 283-287, 1995.
- BRAHM, J. P. S. *A Musealidade no Museu Gruppelli*
- BRAHM, J. P. S. *Desvendando Emoções: O Museu Gruppelli, seus objetos e seu público*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Pelotas. 2021.
- BRAHM, J. P. S. ; RIBEIRO, D. L. ; TAVARES, D. K. . *Memória e identidade: a musealidade no Museu Gruppelli, Pelotas/RS*. Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade , v. 02, p. 685-705, 2016.
- BRAHM, J. P. S. ; RIBEIRO, D. L. . *O princípio da musealidade na construção e consolidação dos museus como lugares de memória e identidade: um estudo no Museu Gruppelli, Pelotas/RS*. Seminário de História da Arte , v. 5, p. 01-17, 2015.
- BROWN JR, K. S. & FREITAS, A. V. L. *“Diversidade biológica no Alto Juruá: avaliação, causas e manutenção”* In Carneiro da Cunha, M. M. & M. B. Almeida (orgs). *Enciclopédia da Floresta* São Paulo: Companhia das Letras. 2002.
- BRULON, Bruno. *“Passagens da Museologia: a musealização como caminho”*. In: Revista Museologia e Patrimônio. vol. 11, n.2, Rio Janeiro, 2018.
- BRULON, Bruno. *Descolonizar o pensamento museológico: reintegrando a matéria para re-pensar os museus*. An. mus. paul., São Paulo, v.28, e1, 2020.
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. *Museu do Instituto de Pré-História: um museu a serviço da pesquisa científica*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.

- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. *Musealização da Arqueologia: um estudo de modelos para o Projeto Paranapanema*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. *Museologia: a luta pela perseguição ao abandono*. Tese (Livre-Docência) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. *Arqueologia e Antropofagia: A musealização de sítios arqueológicos*. *Revista do Patrimônio Histórico Artístico Nacional*. Rio de Janeiro, n. 31, p. 234-247, 2005.
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. *Museologia e Museus: os inevitáveis caminhos entrelaçados*. *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, v. 25, p. 3-15, 2006.
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. *Museus e pedagogia museológica: os caminhos para a administração dos indicadores da memória. As várias faces do patrimônio*. Tradução. Santa Maria: Pallotti, 2006
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. Vol. 1. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010.
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. *Musealização da Arqueologia: caminhos percorridos*. *Revista de Arqueologia*, v. 26/27, n. 2/1, p. 4-15, 2013/2014.
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. *Museologia: entre abandono e destino*. *Revista Museologia & Interdisciplinaridade*, v. 9, p. 19-28, 2020.
- BÜHLER, M. “Desafios na compreensão dos efeitos locais das políticas de fomento ao artesanato no Jequetinhonha” in CARNEIRO DA CUNHA, M.M. *Revista do patrimônio – patrimônio imaterial e biodiversidade*. Brasília: IPHAN.
- CABRAL, Mariana Petry e SALDANHA, João Darcy Moura. *Um sítio, múltiplas interpretações: o caso do “Stonehenge do Amapá”*. *Revista de Arqueologia SAB*, v. 22, n. 1: 115-123 2009.
- CALDARELLI, S.B. e CÂNDIDO, M.D. *Desafios da Arqueologia Preventiva: como gerir e socializar o imenso volume de materiais e documentos por ela produzidos?* *Revista de Arqueologia Pública*, Campinas/SP. Vol.11, nº 2. 2017.
- CALDARELLI, S.B. “Pesquisa arqueológica em projetos de infra-estrutura” in LIMA, T.A. *Revista do Patrimônio – Patrimônio Arqueológico: o desafio da preservação* Brasília: IPHAN. 2007.
- CARNEIRO DA CUNHA, M.C. “Introdução” in CARNEIRO DA CUNHA, M.M. (org) *Revista do Patrimônio – patrimônio imaterial e biodiversidade*. Brasília: IPHAN. 2005.
- CARNEIRO DA CUNHA, & ALMEIDA, M.B. “Introdução”. In CARNEIRO DA CUNHA, & ALMEIDA, M.B (orgs). *Enciclopédia da Floresta*. São Paulo: Companhia das Letras. 2002.
- CARNEIRO, Carla Gibertoni. *Ações educacionais no contexto da arqueologia preventiva: uma proposta para a Amazônia*. Tese (Doutorado) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- CHAGAS, Mário. *Museu, Memórias e Movimentos Sociais*. In: *Museus Agentes de Mudança Social e Desenvolvimento*. *Revista Museu*. 2008.
- CORSINO, C.M, LONDRES, C., ARANTES NETO, A.G. *Inventário nacional de referências culturais: manual de aplicação*. Brasília, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2000.
- CURY, Marília Xavier. *Comunicação Museológica: uma perspectiva teórica e metodológica da recepção*. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- CURY, Marília Xavier. *Circuitos museais para a visita crítica: descolonização e protagonismo indígena*. *Revista Iberoamericana de Turismo*, v. 7, p. 87-113, 2017.

- CURY, Marília Xavier. Lições indígenas para a descolonização dos museus: processos comunicacionais em discussão / Indigenous people's lessons for decolonizing museums: communication processes under discussion. *Cadernos CIMEAC*, [S.l.], v. 7, n. 1, p. 184-211, jul. 2017.
- CUTRIM, Kláutenys Dellene Guedes; CARVALHO, C. M. B. Turismo, museologia comunitária e economia criativa: um olhar sobre o projeto: Museu Comunitário: Histórias de vida da Vila Embratel- MA. *Revista Brasileira de Ecoturismo*, v. 8, p. 500-517, 2015.
- DUARTE CÂNDIDO, M. MORAES WICHERS, C.A. "Reflexões Sobre Museus, Turismo E O Compromisso Público Da Arqueologia". Dossiê Número 2 "Museus, Turismo e Sociedade". Vol 5. 2015.
- ELAZARI, Judith Mader. Relato de uma experiência educativa projeto Piloto cultural e memória: a terceira idade e o MAE/USP. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo: v.7, p.87-97, 1997.
- ELAZARI, Judith Mader. Encontro com idosos "escavando" a memória a partir de objetos. In: PARK, Margareth Brandini; GROppo, Luís Antonio (Org.) *Educação e velhice*. Holambra. 2009. p. 93-105
- FERREIRA, Maria Leticia; GASTAUD, Carla; RIBEIRO, Diego Lemos. Memória e emoção patrimonial: Objetos e vozes num museu rural. *Museologia e Patrimônio*, v. 6, p. 57-74, 2013.
- FERREIRA, Maria Leticia Mazzucchi, GASTAUD, Carla Rodrigues, RIBEIRO, Diego Lemos. Memória e emocao patrimonial: Objetos e vozes num museu rural. *Revista Museologia e Patrimonio*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 57-74, 2013.
- FONSECA, Maria Cecília Lourdes. *Referências Culturais: bases para novas políticas de patrimônio*. In: *O Registro do Patrimônio Imaterial: dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho do Patrimônio Imaterial*, 2ª ed. Brasília: IPHAN, p. 83- 95. 2003.
- FUNARI, P.P.A., ZARANKIN, A., STOVEL, E. 2005. *Global Archaeological Theory, Contextual voices and contemporary thoughts*. Nova Iorque, Kluwer/Plenum.
- GALLOIS, D. T. "Materializando saberes imateriais". In [www.institutoiep.org.br](http://www.institutoiep.org.br). 2005.
- GAZONI, Patrícia Maciel. "O Contemporâneo no Museu: os Kaingang e o Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuíre. Dissertação (Mestrado Interunidade em Museologia/ Universidade de São Paulo) 2014.
- GNECCO, C. Manifiesto moralista por uma arqueologia reaccionaria. In: ACUTO, F.A. & ZARANKIN, A. (Eds). *Sed non satiata II: acercamientos sociales em laarqueología latinoamericana*. Córdoba: Encuentro Grupo Editor, 2008.
- GNECCO, C. 2011. "Native Histories and Archaeologists", in GNECCO, C. e AYALA, P. *Indigenous Peoples and Archaeology in Latin America*, Walnut Creek, Left Coast Press, Inc., 2011.
- GOMES, Alexandre Oliveira e NETO João Paulo Oliveira. Projeto Historiando: inventários participativos e musealização do patrimônio cultural em comunidades indígenas no Ceará. *Revista Brasileira de Museus e Museologia*. Ano XIII, nº8, 2018.
- GOMES, Alexandre Oliveira. *Museus indígenas, mobilizações étnicas e cosmopolíticas da memória: um estudo antropológico*. Tese de Doutorado Programa de Pós-Graduação em Antropologia do Departamento de Antropologia e Museologia da Universidade Federal de Pernambuco, 2019. <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/36806>
- GONÇALVES, José Reginaldo. *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônio*. Rio de Janeiro: [s. n.], 2007.
- GRUPIONI, L.D.B. Comunicação pessoal In. I Seminário Museus, Identidades e Patrimônio Cultural. MAE/USP. 2006.
- HIRATA, Elaine Veloso, DERMATINI, Célia Maria Cristina, PEIXOTO, Denise Catunda Marques, ELAZARI, Judith Mader. Arqueologia, educação e museu: o objeto enquanto instrumentalização do conhecimento. *Dédalo*. São Paulo, n. 27, p. 11-

- 46, 1989.
- HODDER, I. *Symbols in Action*. Cambridge: Cambridge University Press. 1982.
- HODDER, Ian. 1991. *Interpretative Archaeology and its Role*. (<http://www.jstor.org/stable/280968>)
- HODDER, I. (Ed.). *Towards reflexive method in archaeology: the example at Çatalhöyük*. Cambridge: McDonald Institute for Archaeological Research, 2000.
- HODDER, I. *Multivocality and social archaeology: evaluating multiple narratives*. New York: Springer, 2008, p. 196-200.
- HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. *Educação Patrimonial II*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Secretária da Cultura, Fundação Nacional Pró-Memória, 1984.
- HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina.; MONTEIRO, Adriane Queiroz. *Guia Básico de Educação Patrimonial*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: Museu Imperial, 1999.
- IBRAM – INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Pontos de Memória, 07/06/2017. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/acessoainformacao/acoes-e-programas/pontos-de-memoria/>. Acesso em: 19/10/2020.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Departamento de Articulação e Fomento. Coordenação de Educação Patrimonial. *Educação Patrimonial – Histórico, conceitos e processos*. Brasília, 2014. Disponível em: <http://www.iphan.gov.br/baixaFcdAnexo>. Acesso em: 12/09/2020.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Departamento de Identificação e Documentação. *Manual de Aplicação – Inventário Nacional de Referências Culturais*. Brasília, 2000.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (Brasil). *Educação Patrimonial - inventários participativos: manual de aplicação / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional ; texto, Sônia Regina Rampim Florêncio et al. – Brasília-DF, 2016*.
- JANEIRINHO, Raquel Fernandes. *Patrimônio, Museologia e Participação: estratégias museológicas participativas no cocelho do Peniche*. Dissertação de Mestrado Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia. Departamento de Museologia. Lisboa, 2012.
- JANEIRINHO, Raquel Fernandes. *Estratégias museológicas participativas: refletindo e atuando em Sociomuseologia*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia. *Cadernos de Sociomuseologia*, v. 46, 2013.
- LEONE, M. P. *Interpreting Ideology in Historical Archaeology: Using the Rules of Perspective in the William Paca Gardening Annapolis, Maryland*. In Miller, D. & Tilley, C. (Eds.). *Ideology, Power and Prehistory*, (p. 25-36). Cambridge: Cambridge University Press. 1984.
- LEONE, M. *A Historical Archaeology of Capitalism*. (URL: <http://www.jstor.org/stable/681960>). 1995.
- LIMA, D. e POZZOBON, J. “Amazônia Socioambiental – sustentabilidade ecológica e diversidade social” in Vieira, I.C.G *et al. Diversidade biológica e cultural da Amazônia*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. 2001.
- LIMA, T.A. “Apresentação” in LIMA, T.A. *Revista do Patrimônio – Patrimônio Arqueológico: o desafio da preservação* Brasília: IPHAN. 2007.
- LIMA, Leilane Patricia de. *A Arqueologia e o patrimônio arqueológico indígena em exposições museais no centro-oeste de São Paulo e norte do Paraná: questões preliminares*. In: CURY, Marília Xavier. (Org.). *Direitos indígenas no museu – Novos procedimentos para uma nova política: a gestão de acervos em discussão*. São Paulo: Secretaria da Cultura: ACAM Portinari: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2016.
- LIMA, Sílvia Cunha; SILVA, Fabíola Andréa. *Etnoarqueologia Cerâmica e Arqueometria: Radiografia de Raios X na análise de objetos cerâmicos dos Asurini do Xingu*. *CADERNOS DO CEOM*, v. 28, p. 31-40, 2015.



- MAIRESSE, François. La belle histoire, aux origines de la nouvelle muséologie. In: DESVALLÉS, A. L'écomusée: rêve ou réalité, *Publics et Musées*, n. 17-18, 2000.
- MENESES, Ulpiano Bezerra. "Premissas para a formulação de políticas públicas em arqueologia" in LIMA, T.A. *Revista do Patrimônio – Patrimônio Arqueológico: o desafio da preservação* Brasília: IPHAN.
- MORAES WICHERS, C. A. A arqueologia e a produção de narrativas sobre gênero e sexualidade: entre silenciamentos e estereótipos. Seminário Internacional Fazendo Gênero 12 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2021.
- MORAES WICHERS, Camila Azevedo de. "Narrativas arqueológicas e museológicas sob rasura: provocações feministas". *Revista de Arqueologia*, v. 30, p. 35-50. 2017.
- MORAES WICHERS, Camila Azevedo de. "Exposições arqueológicas e povos indígenas: passados excluídos e memórias exiladas". *Crítica e Sociedade: Revista de cultura política*, v. 7, p. 28-54, 2017.
- MORAES WICHERS, Camila Azevedo de. *Patrimônio Arqueológico Paulista: proposições e provocações museológicas*. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- MORAES WICHERS, Camila Azevedo de. *Museus e Antropofagia do Patrimônio Arqueológico: (des)caminhos da prática brasileira*. 2010. Tese (Doutorado em Museologia) – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2010.
- MOUTINHO, Mário. A declaração do Quebec de 1984. in M. C. Oliveira Bruno (org.), *O ICOM-Brasil e o Pensamento Museológico Brasileiro*. Documentos selecionados, vol. 2. Brasil, ICOM 1995.
- SCIFONI, Simone. O patrimônio contra a gentrificação: a experiência do Inventário Participativo de Referências Culturais do Minhocão. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*. n. 5, setembro, p. 38-49. 2017.
- OLIVEIRA, W. R. *História de Tapira*. Uberaba: Editora Vitória Ltda, 2003. 252 p. 1ª Edição.
- OLIVEIRA, João Pacheco de. A refundação do Museu Magüta: etnografia de um protagonismo indígena. In: MAGALHÃES, Aline Montenegro; BEZERRA, Rafael Zamorano (Org.) *Coleções e colecionadores: A polissemia das práticas*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2012.
- PAIVA, Isadora dos Santos. ALVES, Fátima. Da Museologia Social ao Inventário Participativo: Patrimônio, Território e Desenvolvimento. *Cadernos NAUI*, v. 8, n. 15, julho/dezembro, p. 50-67, 2019.
- PRIMO, Judite. 1999. *Museologia e Patrimônio: Documentos Fundamentais – Organização e Apresentação*. *Cadernos de Sociomuseologia*, 15. Disponível em <http://recil.grupolusofona.pt>. acesso em 02/10/2020
- PRIMO, Bárbara; ARAUJO, Mirela (org.). *Inventário participativo pessoas e memórias: Museu de Arqueologia de Itaipu*. Rio de Janeiro: Data Coop, 2018. Disponível em: [https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2019/06/inventario-participativo\\_pessoas-e-memorias.pdf](https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2019/06/inventario-participativo_pessoas-e-memorias.pdf). Acesso em: 22 ago. 2020.
- RENFREW, Colin. & BAHN, Paul. 2004. *Archaeology, Theories, Methods and Practice*. London: Thames and Hudson.
- RIBEIRO, Diego Lemos. *A Musealização da Arqueologia: um estudo dos museus de arqueologia de Xingó e do Sambaqui de Joinville*. 2013. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- ROCA, Andrea. ACERCA DOS PROCESSOS DE INDIGENIZAÇÃO DOS MUSEUS: UMA ANÁLISE COMPARATIVA. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 123-156, Apr. 2015.
- RÚSSIO GUARNIERI, Waldisa. Existe um passado museológico brasileiro? O Estado de S. Paulo, Suplemento Cultural, Ano III, n. 143, 29 jul. 1979.

- RÚSSIO GUARNIERI, Waldisa. A interdisciplinaridade em Museologia (1981). In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (Org.). Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional. V.1. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010.
- RÚSSIO GUARNIERI, Waldisa. Sistema da Museologia (1983). In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (Org.). Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional. V.1. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010.
- SALADINO, Alejandra. Iphan, arqueólogos e patrimônio arqueológico brasileiro: um breve panorama. *Revista de Arqueologia*, v. 26/27, n. 2/1, p. 40-58, 2013/2014.
- SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.
- SANTOS, Suzy da Silva. *Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil: estudo exploratório de possibilidades museológicas*. 2017. Dissertação (Mestrado em Museologia) - Museologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- SCHAAN, D.P. 2007. "Múltiplas vozes, memórias e histórias" in
- SHANKS, M.. (2004). From a postprocessual to a symmetrical archaeology. Disponível em: <http://traumwerk.stanford.edu:3455/symmetry/822>. Acesso feito em 20 de Fevereiro de 2022.
- SHANKS, M.. "Archaeology and Politics". In BLINTIFF, J., ed. - *The Blackwell Companion to Archaeology*. London & New York: Blackwell, p. 465-491. 2003.
- SHANKS, Michael.; TILLEY, C. – *Social Theory and Archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press. 1987.
- SHIVA, Vandana. "Biodiversity, biotechnology and profits", in V. Siva et al. *Biodiversity: Social and ecological perspectives*. World Rainforest Movement. Londres: Zed Books. 1991.
- SILVA, F. A.; BESPÁLEZ, E.; STUCHI, F. F.; POUGET, F. C. 2010. Arqueologia em terra indígena: uma reflexão teórico-metodológica sobre as experiências de pesquisa na Aldeia Lalima (MS) e na Terra Indígena Kaiabi (MT\PA). In: E. Pereira; V. Guapindaia. (org). *Arqueologia Amazônica*. Belém: MPEG; IPHAN; SECULT. v. 2, p. 775-794.
- SILVA, F. A.; STUCHI, F. F. Evidências e significados da mobilidade territorial: A Terra Indígena Kaiabi (Mato Grosso/Pará). *Amazônica. Revista de Antropologia*, 2(1):46-70. 2010
- SILVA, F. A.; BESPÁLEZ, E.; STUCHI, F. F. Arqueologia colaborativa na Amazônia: Terra Indígena Koatinemu, Rio Xingu, Pará. *Amazônica. Revista de Antropologia*, 3(1):32-59. 2011.
- SILVA, Fabíola Andréa. Mito e Arqueologia. A Interpretação dos Asurini do Xingu sobre os Vestígios Arqueológicos encontrados no Parque Indígena Kuatinemu-Pará. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 17, p. 175-187. 2002.
- SILVA, F. A. A aprendizagem da tecnologia cerâmica entre os Asurini do Xingu. In: André Prous e Tania Andrade Lima. (Org.). *Os ceramistas Tupiguarani: Eixos temáticos*. Belo Horizonte, Superintendência do IPHAN de Minas Gerais, v. 3. 2010.
- SILVA, F. A. Aula Magna: Arqueologia como tradução do passado no presente. *Amazônica. Revista de Antropologia*, Belém, 3:260-267 2011.
- SILVA, Fabíola Andrea; LIMA, Sílvia Cunha. Etnoarqueologia, conservação arqueológica e a compreensão dos processos de formação do registro arqueológico na Amazônia. *REVISTA DE ARQUEOLOGIA (SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA)*, v. 28, p. 123-142, 2015.
- SILVA, Maurício André. *Memórias e Histórias no sudoeste amazônico: o Museu Regional de Arqueologia de Rondônia*. Dissertação (Mestrado) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

- VARINE, Hugues de. Notas sobre o projeto de um museu comunitário In: Anais do 1º Encontro Internacional de Ecomuseus, Rio de Janeiro, 1992.
- VARINE, Hugues de. A respeito da Mesa-Redonda de Santiago do Chile (1972). In: ARAÚJO, M. M.; BRUNO, M. C. O. A memória do pensamento museológico contemporâneo. Documentos e depoimentos. São Paulo. Comitê Brasileiro do Icom/FFLCH/USP, p. 17-19, 1995.
- VARINE, Hugues de. Entrevista concedida a Mario Chagas [23 de novembro, 1995]. Cadernos de Sociomuseologia, Lisboa, vol. 5, n.º 5, p. 5-18, 1996.
- VARINE, Hugues de. O Ecomuseu. Revista Ciências e Letras, n.27, p.61-90, jan./jun. 2000.
- VARINE, Hugues de. Patrimônio e Educação Popular. Revista Ciências & Letras, FAPA 31, Porto Alegre, p. 287-296, 2002.
- VARINE, Hugues de. As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local. trad. Maria de Lourdes Parreiras Horta. Porto Alegre. Medianiz, 2012.
- VARINE, Hugues de. Entrevista concedida a Ana Carvalho [19 de abril, 2013]. Disponível em: <https://nomundodosmuseus.hypotheses.org/5585>. Acesso em 20 de agosto. 2022.
- VASCONCELLOS, Camilo de Mello. Desafios da inclusão social no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, Encontro Regional da América Latina e Caribe - CECA/ICOM,4, 2003.
- VASCONCELLOS, Camilo de Mello. A função educativa de um museu universitário e antropológico: o caso do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. In: Cadernos do CEOM, Campus de Chapecó-SC, nº 21, p. 289-299, 2005.
- VASCONCELLOS, Camilo de Mello. Kit multissensorial: O Museu de Arqueologia e Etnologia da USP e o público especial. São Paulo, MAE-USP, 2009, 81p.
- VASCONCELLOS, Camilo de Mello. O papel social e educacional dos museus: um estudo de caso do projeto Girassol do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. In: NASCIMENTO, Silvana Sousa de, BOSSIER, Ana Paula (Orgs). Museu e escola, Belo Horizonte: UFMG/FaE/LEME, 2010, p.1-13.
- VASCONCELLOS, Camilo de Mello. Recursos Pedagógicos no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2014.
- VASCONCELLOS, Camilo de Mello. CARNEIRO, Carla Gibertoni. ELAZARI, Judith Mader. A questão indígena e a ação educativa do MAE/USP. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. Suplemento 07. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, 2008. p. 101- 108.
- VIDAL, Lux Boelitz. Kuahí. The indians of the lower Oiapoque and their museum. Vibrant, 10 (1): 387-423. 2013.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. "Diversidade Socioambiental". In: Maura Campanili; Carlos Alberto Ricardo. (Org.). *Almanaque Brasil Socioambiental*. 1ª ed. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2007.
- WILD, Bianca. "Os Ecomuseus E Museus Comunitários E Os Desafios Da Acessibilidade E Da Inclusão" In Revista do Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília. 2017.
- ZARANKIN, A. "A Persistência da Memória". Histórias Não-Lineares de Arqueólogos e Fogueiros na Antártica. Revista de Arqueologia – SAB. vol. 27, no2. 2014.

## **Anexos e Apêndices**

**ANEXOS**

Documentos referentes ao Processo IPHAN 01514.000958/2012-12

Documentos emitidos pela Prefeitura de Tapira



OFÍCIO/GAB/IPHAN/MG nº 0055/2019

Belo Horizonte, 17 de maio de 2019

Mosaic Fertilizantes – Complexo de Mineração de TapiraS/A.  
Gerência de Saúde, Segurança e Meio Ambiente  
Rod. MGC-146, km 196,25  
338185 000 – Tapira, MG

Ref.: Proc. IPHAN nº 01514.000958/2012-12 –

**Relatório Final - Programa de Gestão Arqueológica para o Sítio Valter Dentista. Complexo de Mineração de Tapira**

Cumpre-nos comunicar que o Relatório Final - Programa de Gestão Arqueológica para o Sítio 'Valter Dentista', no âmbito do licenciamento do Complexo de Mineração de Tapira, empreendimento no município de Tapira, Minas Gerais, anexado ao Processo Administrativo referenciado no cabeçalho, foi examinado nesta Superintendência. Procedente da empresa Arqueologika – Consultoria em Arqueologia e Negócios Socioculturais, e tendo como interessado a empresa Mosaic Fertilizantes, atende as indicações da Instrução Normativa IPHAN nº 001/2015 e, por este motivo, foi considerado suficiente.

É nosso entendimento que o Relatório ora em tela, que aborda a pesquisa de campo realizada nas áreas do empreendimento é completo e apresenta resultados consistentes. Não se apresentam, pois, motivos para que não seja concedida ao empreendimento anuência para a Revalidação de Licença de Operação para o mesmo.

Isto posto, resolve o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, por intermédio de sua Superintendência em Minas Gerais, conceder a anuência para o Patrimônio Cultural, com vistas à obtenção, junto aos órgãos competentes, para o empreendimento.

A referida **anuência** é concedida contra compensações ambientais, em função das intervenções realizadas no Sítio Arqueológico Valter Dentista. Deverão as compensações ser cumpridas nos prazos estipulados. Fique claro que se aplicam as mesmas apenas ao empreendimento relacionado neste Ofício.

A referida anuência passa a ter validade na data deste Ofício.

Sem mais pelo momento, colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos que se façam necessários.

Atenciosamente,

CÉLIA MARIA CORSINO

**Superintendente do IPHAN-MG**

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional  
Ministério da Cidadania

Processo IPHAN nº 01514.000958/2012-12

Complexo de Mineração de Tapira/Sítio Arqueológico Valter Dentista

Compensações ambientais interpostas à Anuência

Compensação 1

1.a – O Relatório aprovado pelo IPHAN-MG deverá ser editado pelos autores, em comum acordo com a empresa promotora do trabalho de pesquisa, de modo a gerar edição publicação, que apresente, de forma agradável, mas sem perder a precisão científica, os resultados da pesquisa;

1.b – O número de páginas e o formato de edição fica a critério da equipe de edição;

1.c – A capa deverá conter o título da pesquisa e os logotipos da empresa de consultoria, da empresa interessada e do IPHAN;

1.d – A referida edição de gráfica rápida poderá gerar tantas cópias quanto ache razoável a equipe de edição, desde que o número não seja inferior a 1000 (hum mil) exemplares;

1.e – A equipe de edição deverá gerar uma lista de instituições para onde será enviada a edição – a lista deve conter instituições universitárias que formem arqueólogos, museus, reservas técnicas, bibliotecas públicas, instituições de proteção ao Patrimônio Cultural e todas quanto considere a equipe de edição, bem como distribuída a critério dos empreendedores e da consultoria científica.

1.f – O prazo para realização da Compensação ambiental nº 1 é de 24 (vinte e quatro) meses, a contar da data de expedição deste Ofício.

Compensação 2

2.a – Em função da importância do **Sítio Arqueológico Valter Dentista**, deverá ser discutida, entre empreendedores, consultoria científica, Prefeitura Municipal de Tapira e IPHAN, a instalação de um Museu Arqueológico;

2.b – O referido Museu deverá reunir condições físicas e técnicas para receber os acervos arqueológicos reunidos ao longo das ações de resgate, pelo momento depositados em instituição fora do município de Tapira;

2.b.1 – Poderá, eventualmente, o referido Museu, oferecer apoio científico a pesquisas realizadas em Minas Gerais;

2c – O prazo para conclusão da execução da Compensação ambiental nº 2 não deverá exceder 48 (quarenta e oito) meses.





## Compensação 3

3. a – Deverão prosseguir os estudos relativos ao **Sítio Arqueológico Valter Dentista**, uma vez que as ações de resgate lá realizadas indicaram o alto potencial arqueológico da região onde se situa o empreendimento;
- 3.b – Os estudos propostos deverão ter como base o futuro Museu a ser estabelecido no município de Tapira;
- 3.b.1 – Eventualmente poderão ser propostos estudos em outros sítios arqueológicos localizados no município de Tapira ou em municípios da microrregião;
- 3.b.2 – Reverterão para o acervo do Museu todos os produtos gerados pelos estudos realizados a partir dele, sejam eles o conteúdo dos estudos ou os vestígios materiais exumados durante tais estudos;
- 3.c – O prazo para execução da Compensação ambiental n° 3 se iniciará após 24 (vinte e quatro) meses da data desta anuência.

## Compensação 4

3. a – Deverá ser criada, em comum acordo entre a Prefeitura Municipal e os interessados, uma Fundação destinada a gerir o Museu a ser criado;
- 3.b – O regulamento da citada Fundação será criado pela Prefeitura Municipal;
- 3.c – O prazo para conclusão da execução da Compensação ambiental n° 2 não deverá exceder 48 (quarenta e oito) meses a contar da data desta anuência.





# RELATÓRIO DE SOLICITAÇÃO DE ALTERAÇÃO DE COMPENSAÇÃO

Revisão das compensações do Processo IPHAN nº  
01514.000958/2012-12

MAIO 2022



RELATÓRIO DE SOLICITAÇÃO DE ALTERAÇÃO DE COMPENSAÇÃO

**Revisão das compensações do Processo IPHAN Nº  
01514.000958/2012-12**

Mosaic Fertilizantes P&K LTDA

## Índice

<b>1.</b>	<b>Introdução .....</b>	<b>2</b>
<b>2.</b>	<b>Embasamento do pedido de substituição das compensações 2 e 4 ..</b>	<b>3</b>
<b>3.</b>	<b>Proposta de substituição das compensações .....</b>	<b>4</b>
3.1.	Investimento no MAC – Pains .....	4
3.2.	Bolsa de estudos .....	5
3.2.1.	Processo de seleção .....	6
3.2.2.	Acompanhamento e entrega .....	7
3.3.	Considerações finais .....	8

## Referências Cadastrais

Localização Tapira, MG

Título Relatório de Solicitação de Alteração de Compensação - Revisão das compensações do Processo IPHAN Nº 01514.000958/2012-12

Contato Letícia Leite Goulart Ribeiro

E-mail leticia.ribeiro2@mosaicco.com

Data do documento: 13/04/2022

# Apresentação

O presente relatório tem como objetivo apresentar ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN a proposta de alteração das compensações relacionadas a implantação do Museu, definida no âmbito do Processo IPHAN nº 01514.000958/2012-12. O documento em tela apresenta a justificativa do pedido de alteração da compensação e detalha as novas sugestões propostas.

## 1. Introdução

As atividades de gestão arqueológica no sítio arqueológico Valter Dentista tiveram início a partir de uma das condicionantes da revalidação de licença de operação nº 194, renovada em 2010 pelo COPAM. A condicionante em questão, determinou que na área do sítio arqueológico deveriam ser realizadas atividades de Prospecção, Educação Patrimonial e, finalmente, de Resgate (salvamento) da área.

No decorrer dos trabalhos de gestão arqueológica, como havia sido constatado pela consultoria responsável pelos estudos preliminares, foi possível avaliar que o sítio faz parte de um local de ocupação indígena vinculada a Tradição Aratu, juntamente a uma pequena ocupação histórica marcada por vestígios de edificações. O material coletado na área é, predominantemente, cerâmico, seguido de lítico e histórico, o último em menor número.

Apesar dos estudos preliminares ressaltarem que o sítio arqueológico não sofreria impactos diretos vinculados ao empreendimento, o Parecer Técnico do IPHAN nº 022/2019 aponta que este poderia ser impactado, portanto sua anuência fora aprovada à revalidação da Licença de Operação desde que fossem realizadas 4 compensações ambientais: **a edição do relatório para a publicação de um livro, a criação de um museu em Tapira, o prosseguimento dos estudos no sítio arqueológico Valter Dentista e, por fim, a criação de uma Fundação, juntamente à Prefeitura municipal para gerir o Museu em questão.** Ainda no parecer, é mencionado que “o resgate arqueológico foi concluído, conforme acordado, e não se colocam problemas para a instalação do empreendimento, no que tange ao Patrimônio Cultural de natureza arqueológica”.

Em relação às compensações, a primeira e a terceira, já foram realizadas com o apoio da empresa de consultoria responsável, sendo elas:

- **Compensação 1: produção de edição de livro com os resultados apresentados no Relatório Final de Salvamento Arqueológico** O prazo para realização da Compensação ambiental nº 1 é de 24 (vinte e quatro) meses, a contar da data de expedição deste Ofício (maio de 2019) – 2021 – **Realizado** (Parecer do IPHAN emitido em 18/03/2022 na Minuta de Ofício nº 0235/2022/CT);
- **Compensação 3: prosseguimento de estudos ao Sítio Arqueológico Valter Dentista.** O prazo para execução da Compensação ambiental nº 3 se iniciará após 24 (vinte e quatro) meses da data desta anuência (maio de 2019) – 2021 – **Realizado** (Parecer do IPHAN emitido em 18/03/2022 na Minuta de Ofício nº 0235/2022/CT).

No que se refere as compensações atreladas à discussão envolvendo a empresa, a gestão pública municipal e o IPHAN, acerca da possível instalação da referida estrutura na cidade de Tapira, bem como da necessária criação de Fundação destinada ao futuro gerenciamento da Instituição que viesse a ser criada. A Mosaic, em conjunto com as empresas de consultorias técnicas que a assessoram, realizou nos últimos 3 (três) anos diversas reuniões com as diferentes gestões da Municipalidade, aprofundou as discussões de caráter técnico que envolvem a reforma e/ou construção de um novo Museu, estimou os recursos que seriam necessários de origem pública e privada, avaliando também os entraves normativos e geográficos, para aferir a viabilidade técnica e orçamentária da compensação inicialmente proposta.

Diante da complexidade da criação e gestão de nova estrutura no município, aliada as ações de resgate e divulgação já promovidas, além da problemática relacionada a segurança do acervo (transporte dos materiais resgatados e gestão técnica adequada), prazo, usabilidade e funcionalidade da nova estrutura, stakeholders envolvidos, normativas e circunstâncias que envolvem a criação de um novo museu, bem como a manutenção da integridade da instituição e sua gestão ao longo do tempo, chegou-se à conclusão que a melhor opção seria sugerir alterações nas sobreditas compensações, de modo a tornar viável o cumprimento das exigências impostas no Processo IPHAN nº 01514.000958/2012-12.

Considerando ainda, que o acervo de material arqueológico coletado durante as escavações do sítio Arqueológico Valter Dentista se encontra sob a guarda do Museu Arqueológico do Carste do Alto São Francisco (MAC), no município de Pains (MG), instituição esta que também possui guarda de outras pesquisas já realizadas na região, a proposta é, que em substituição a construção de um novo museu a empresa promova investimentos para melhorar a possibilidade de salvaguarda do museu já existente em Pains. Este investimento tem potencial para beneficiar toda a coleção de acervos da reserva técnica do MAC.

Em substituição a compensação que versa sobre a criação de uma fundação para a gestão do novo museu, a sugestão é a criação de uma bolsa de estudos para continuidade das pesquisas acerca dos artefatos resgatados no sítio Valter Dentista.

## 2. Embasamento do pedido de substituição das compensações 2 e 4

Em 2018 no projeto de renovação da portaria do Programa de Gestão Arqueológica para o sítio Valter Dentista, foi sinalizado que estavam em andamento as discussões junto a prefeitura sobre a possível instituição de um museu no município de Tapira (nº SEI: 0612883). Conforme as discussões foram evoluindo, devido à grande complexidade normativa, técnica, orçamentária e estrutural, nos termos sinalizados no tópico antecedente, o cumprimento dessa condicionante tornou-se inviável, sendo assim, a empresa precisou buscar por alternativas para cumprir a medida de compensação solicitada pelo IPHAN.

É importante ressaltar que as discussões que antecederam as compensações nº 2 e 4 foram fomentadas, desde o início, através de debates técnicos ocorridos entre a Mosaic e o corpo técnico e especializado do IPHAN, de modo que o Município de Tapira não solicitou formalmente no processo do

IPHAN que viesse a ser beneficiado de eventual compensação, bem como não teve participação ativa nas tratativas que envolvem a criação de um novo Museu,

Ademais, frente a preocupação com a salvaguarda da coleção arqueológica do Sítio Valter Dentista, e na possível transferência deles para um novo museu, diante de um contexto em que eles já estão em segurança na reserva técnica do MAC – Pains, a Mosaic pensou em novas possibilidades para tratar do assunto.

Sendo assim, diante de tudo o que foi exposto, apresentamos a solicitação da alteração das compensações.

### 3. Proposta de substituição das compensações

Após uma avaliação detalhada, algumas ações foram sugeridas visando substituir as compensações de forma a garantir a segurança dos artefatos do Sítio Valter Dentista. Estas ações estão detalhadas a seguir.

#### 3.1. Investimento no MAC – Pains

Partindo do conhecimento das necessidades do MAC - Pains quanto a investimento em materiais e melhorias estruturais. Há de considerar ainda a enorme despesa técnica e financeira na criação e adequação de um Museu apto a receber coleções arqueológicas, sendo que já existem na região instituições de guarda aptas que necessitam de investimentos para melhor atender a seus propósitos em salvaguardar bens da União.

Assim, para a escolha da primeira ação no MAC – Pains, foi levado em consideração que a coleção do sítio arqueológico Valter Dentista já se encontra em sua reserva técnica desde quando foi resgatada, visto que o museu foi o responsável pelo Endosso Institucional do Projeto. Ademais, considerando a realidade da reserva técnica do MAC e a equipe de arqueologia especializada na salvaguarda dos bens, considerou-se que o acervo está seguro enquanto se mantiver sob guarda dessa instituição.

Sendo assim, pensando acerca das possibilidades de melhoria para a salvaguarda dos materiais arqueológicos do sítio arqueológico Valter Dentista e, conseqüentemente, melhorando também a salvaguarda de materiais arqueológico da região de forma geral, a primeira medida proposta em substituição à criação de novo museu é a de investimento no Museu Arqueológico do Carste do Alto São Francisco (MAC) localizado em Pains/MG.

Para embasar a proposição do valor de investimento no MAC - Pains representantes da Mosaic Fertilizantes realizaram uma visita ao museu em 28/03/2022. Durante esta visita foram levantadas, juntamente com a equipe de gestão do museu, as principais necessidade estruturais e materiais, para garantir o melhor funcionamento e manutenção da reserva técnica do local. Chegou-se assim a uma proposta de investimento no valor de R\$ 200.000,00 que seriam repassados diretamente para a entidade. O investimento pretende contemplar tanto melhorias para o acondicionamento e preservação

dos bens quanto em seu processo de curadoria e registro, apontado como sugestão para utilização da verba a aquisição dos seguintes itens:

- Materiais de escritório (papéis, canetas, quadros, lápis, impressora, etc.);
- Armários, arquivos, estantes e/ou mesas;
- Materiais para acondicionamento de material arqueológico (*ziplock*, espuma de polietileno, etiquetas, caixas de acondicionamento de material, etc.);
- Equipamentos para climatização da reserva técnica (Ar-condicionado – 3 un, Desumidificadores - 2 un, Termo-higrômetro – 2 un);
- Materiais para digitalização de acervo (Máquina Fotográfica, Estúdio portátil, Tripé, Computadores, *Softwares* necessários para a atividade).

### 3.2. Bolsa de estudos

Além do investimento na instituição de salvaguarda existente também se propõe a criação e desenvolvimento de uma bolsa de estudos destinada à pesquisa acerca da coleção arqueológica exumada do Sítio Arqueológico Valter Dentista, considerando:

- Área do conhecimento: Grande área - Arqueologia brasileira; Palavras-chave - Arqueologia indígena, análise de materiais, cerâmica indígena, indústrias líticas;
- Local de execução das atividades: Reserva técnica do Museu Arqueológico do Carste do Alto São Francisco (MAC) em Pains – Minas Gerais;
- Requisitos para a participação: atender de forma abrangente à Lei nº 13.653/2018 que dispõe sobre a regulamentação da profissão do arqueólogo, adequação dos interesses e experiências com a proposta e objetivo do edital;
- Inscrição/Seleção: Análise de currículo e Avaliação de Projeto de Pesquisa;
- Tempo de duração: 24 Meses;
- Produtos Esperados: Plano de Trabalho – 1º Mês; Informativos Bimestrais de andamento da pesquisa; Relatórios Semestrais da pesquisa; Publicação de dois artigos em revistas de Arqueologia ou áreas afins; Apresentação em evento acadêmico; Relatório Final de Atividades – 24º Mês;
- Valor da bolsa: até R\$120.000,00 em até 24 meses.

A ideia da criação de uma bolsa de estudos se dá a partir da importância do sítio arqueológico Valter Dentista, destacada durante os relatórios do IPHAN. Isso se dá tanto em relação a dimensão do sítio e a quantidade de material encontrado, principalmente ao se considerar o contexto regional, em que não há sítios indígenas dessas dimensões já identificados.



Sendo assim, a bolsa será concedida a um(a) arqueólogo(a) para pesquisa da coleção de materiais arqueológicos do sítio Valter Dentista durante 24 meses (dois anos), no máximo, todo o processo de seleção e avaliação de etapas será feito por uma consultoria especializada na área de Arqueologia, para assistir a Mosaic durante todo o processo. O pagamento será realizado conforme a entrega de produtos, conforme indicado no edital, sendo 6 produtos:

- Plano de Trabalho;
- Informativos Bimestrais de andamento da pesquisa;
- Relatórios Semestrais da pesquisa;
- Publicação de dois artigos em revistas de Arqueologia ou áreas afins;
- Apresentação em evento acadêmico;
- Relatório Final de Atividades.

A seleção e acompanhamento das atividades realizadas pelo(a) bolsista durante o período de 24 meses será realizada por uma empresa de consultoria especializada, na área de Arqueologia, para que as atividades sejam realizadas conforme o esperado quando da proposição desse projeto, além de intermediar as comunicações de Mosaic e IPHAN/MG em relação ao atendimento da nova condicionante, obedecendo cronograma físico-financeiro do projeto de pesquisa.

Cumprir informar que a estrutura do edital dessa bolsa fora pensada pela Mosaic Fertilizantes, com apoio de uma empresa de consultoria, para consideração dos resultados esperados e, ao mesmo tempo, adequar à proposta à outras categorias de bolsas de pesquisas já existentes.

### 3.2.1. Processo de seleção

Sugerem-se como requisitos mínimos para participação no edital:

- Possuir acesso à internet e computador para o desenvolvimento das atividades;
- Adequação dos interesses e experiências às propostas e objetivos do edital;
- Atendimento aos requisitos do Art. 2º da Lei nº 13.653/2018, que dispõe sobre a regulamentação da profissão de arqueólogo no Brasil;
- Comprovar experiência com análise de materiais arqueológicos através de participação em Projetos.

Quanto à seleção do(a) bolsista, são sugeridas duas etapas:

- **1ª Etapa - Análise de currículo:**
  - Atendimento aos requisitos do Art. 2º da Lei nº 13.653/2018, que dispõe sobre a regulamentação da profissão de arqueólogo no Brasil
  - Experiência com análise de material arqueológico;

- Adequação dos interesses e experiências às propostas e objetivos do edital;
- **2ª Etapa - Avaliação do Projeto de Pesquisa:**
  - Análise de proposição metodológica;
  - Adequação e exequibilidade do cronograma com àquele proposto neste edital;
  - Consistência e coesão da redação;
  - Capacidade de articulação entre dados e teoria.

### 3.2.2. Acompanhamento e entrega

Em relação aos produtos esperados, após o recebimento da bolsa, tem-se:

- Plano de Trabalho – 1º mês;
- Informativos bimestrais de atividades visando a comprovação de andamento e realização das etapas de pesquisa conforme cronograma estipulado no Projeto encaminhado para este programa;
- Relatórios Semestrais de atividades, visando a apresentação de resultados parciais da pesquisa;
- Publicação de dois artigos ao longo da vigência da bolsa, em revistas de Arqueologia e/ou áreas afins;
- Divulgação dos resultados do projeto em, pelo menos, um evento acadêmico através de pôster ou comunicação oral, sendo que o certificado deverá ser enviado para os responsáveis pelo programa;
- Relatório final de ações realizadas durante os 24 meses de projeto;
- Documentos de análise: planilhas, fotos, arquivos gerados, desenhos e outros documentos acerca da coleção deverão ter cópia para os gestores do Museu onde a pesquisa será realizada. Toda documentação gerada deverá atender às disposições técnicas emitidas pela instituição de guarda.

Por fim, foi estipulada – como citado acima – uma bolsa de pesquisa no valor de R\$ 5.000,00 (Cinco mil) reais mensais, ao longo de 24 meses, resultando na quantia de R\$ 120.000,00 (Cento e vinte mil reais). Os fatores que levaram a essa precificação foram:

- Valor de trabalho do(a) profissional da área considerando editais de pesquisa específica da área;
- Necessidade de hospedagem e/ou moradia durante os períodos de análise na instituição em Pains;
- Alimentação;

- Transporte.

### 3.3. Considerações finais

Cumprir informar, portanto, que a Mosaic Fertilizantes não se abstém de suas obrigações legais em relação aos processos administrativos para anuência do IPHAN/MG às licenças requeridas, assumindo novas ações para proteção e salvaguarda da Coleção Arqueológica gerada durante a instalação do empreendimento.

É possível afirmar que as medidas substitutivas terão efeito imediato não apenas sobre a coleção do Sítio Arqueológico Valter Dentista, que terá um detalhamento técnico raro de se observar em pesquisas que envolvem análises de coleções, através do fomento da pesquisa com a bolsa proposta, mas também das demais coleções arqueológicas sob posse do MAC.



MINISTÉRIO DO TURISMO  
SECRETARIA ESPECIAL DE CULTURA  
INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL  
Coordenação Técnica do IPHAN-MG

Ofício Nº 1637/2022/COTEC IPHAN-MG/IPHAN-MG-IPHAN

À Sra.

**Débora Maria Ramos do Nascimento França**  
Superintendente do Iphan em Minas Gerais

**ASSUNTO: Licenciamento ambiental do Complexo de Mineração de Tapira/MG.**  
**Referência: Processo nº 01514.000958/2012-12.**

Senhora Superintendente,

Cumprimentando-a, encaminho para apreciação e demais providências, o processo em referência, incluso o Ofício 1611/2022/COTEC IPHAN-MG/IPHAN-MG-IPHAN (SEI nº 3528623), cujo teor ratificamos e, por meio do qual, após análise da documentação (3503583 e 3503588) apresentados pela Mosaic Fertilizantes, manifesta-se no seguinte sentido:

Após o exame de relatórios expedidos pela consultoria científica Arqueologika Ltda, visando a obtenção da anuência, estabeleceu este Instituto quatro compensações ambientais relativas às intervenções realizadas em sítio arqueológico parcialmente situado na A.D.A. do empreendimento, quais sejam:

- (1) Produção de edição de livro com os resultados apresentados no Relatório Final de Salvamento Arqueológico;
- (2) Criação de um museu arqueológico no município de Tapira, em parceria com a Prefeitura Municipal;
- (3) Prosseguimento de estudos ao Sítio Arqueológico Valter Dentista;
- (4) Criação de uma Fundação, em parceria com a Prefeitura Municipal, para gestão do Museu. Essa solução, proposta no "Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico", foi alinhada em reunião realizada na sede do IPHAN-MG e oficializada via Ofício /GAB/IPHAN/MG nº 0056/2019 (SEI 1438218).

As condicionantes (1) e (3) foram realizadas a contento e dentro do prazo proposto. Já as condicionantes (2) e (4) foram incontornavelmente obstaculizadas pela mudança da administração municipal, em 2019. A atual administração optou por não dar seguimento às ações assumidas pela administração anterior, no que diz respeito à criação e gestão do proposto museu arqueológico.

Assim sendo, os gestores da empresa propuseram ao IPHAN um novo acordo para realização das condicionantes (2) e (4), apresentado na reunião realizada em 01/04/2022 e formalizado através da protocolização de documentação propositiva (SEI 3503583; 3503588). Basicamente, as condicionantes passam a ser (2) *realização de investimentos no Museu Arqueológico do Carste do Alto São Francisco (MAC-Pains) no valor de R\$ 200.000,00 (duzentos mil reais), com aplicação dos recursos proposta pela administração do Museu e decidida em comum acordo com a empresa investidora*; (4) *bolsa de estudos com a duração de 24 (vinte e quatro) meses destinada à pesquisa acerca da coleção arqueológica exumada do Sítio Arqueológico Valter Dentista, no valor total de R\$ 120.000,00 divididos em 24 (vinte e quatro) parcelas de 5 mil reais.*

Visto que a proposta do administrado parece razoável e poderá ser facilmente realizada, em prazo igualmente razoável, sugerimos é que seja aceita, desde que executada em prazo não maior que 26 (vinte e seis meses). O prazo adicional destina-se, após a finalização dos investimentos e da bolsa, a preparação e encaminhamento de relatórios comprobatórios ao IPHAN.

Diante do exposto e caso V.S.<sup>a</sup> esteja de acordo, recomendamos o envio das informações aos interessados.

Atenciosamente,  
**MATHEUS GUERRA COTTA**  
Matr. SIAPE 1557396  
Coordenador Técnico Substituto  
Superintendência do IPHAN em Minas Gerais



Documento assinado eletronicamente por **Matheus Guerra Cotta**, Coordenador Técnico substituto do IPHAN-MG, em 26/05/2022, às 08:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <http://sei.iphan.gov.br/autenticidade>, informando o código verificador **3535037** e o código CRC **44AE8A44**.



Ofício: 275/2017

Tapira, 12 de dezembro 2017.

Assunto: Encaminhamento (Faz)

De: Gabinete

Para: Empresa Vale Fertilizantes

Prezado (a) Senhor (a),

A Prefeitura Municipal de Tapira vem, através deste, reivindicar junto a Empresa Vale Fertilizantes as continuidades em 2018 dos projetos: Educação Patrimonial e Educação Ambiental em nosso município, tendo em vista os resultados obtidos no decorrer do ano em curso, o interesse da gestão pública e a expectativa da comunidade local do nosso município.

Uma vez firmado a parceria nos propomos a discutir com a Empresa Vale Fertilizantes e as prestadoras de serviços nesta área às novas ações e o planejamento estratégico a serem contemplados no ano vindouro.

Registramos nossos cordiais agradecimentos a Empresa pela atenção às causas educacionais, sociais, culturais e ambientais em nosso município.  
Atenciosamente,



---

Liliane da Costa Machado Venâncio  
Prefeita Municipal

Ofício: 049/2018  
Assunto: Solicitação  
De: Secretaria Municipal de Educação e Cultura  
Para: Empresa Mosaic Fertilizantes

Tapira, 18 de dezembro de 2018.

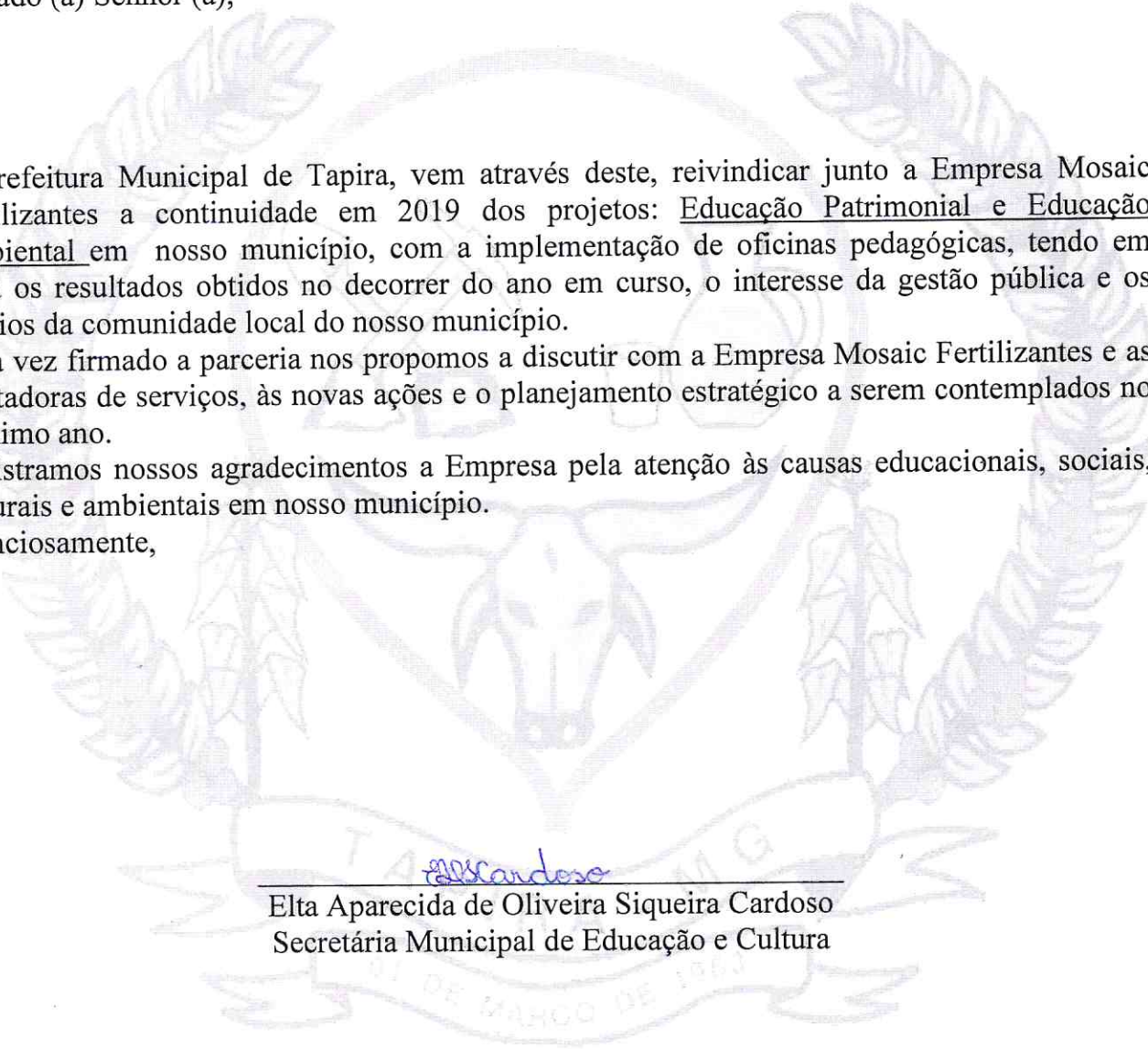
Prezado (a) Senhor (a),

A Prefeitura Municipal de Tapira, vem através deste, reivindicar junto a Empresa Mosaic Fertilizantes a continuidade em 2019 dos projetos: Educação Patrimonial e Educação Ambiental em nosso município, com a implementação de oficinas pedagógicas, tendo em vista os resultados obtidos no decorrer do ano em curso, o interesse da gestão pública e os anseios da comunidade local do nosso município.

Uma vez firmado a parceria nos propomos a discutir com a Empresa Mosaic Fertilizantes e as prestadoras de serviços, às novas ações e o planejamento estratégico a serem contemplados no próximo ano.

Registramos nossos agradecimentos a Empresa pela atenção às causas educacionais, sociais, culturais e ambientais em nosso município.

Atenciosamente,



*Elta Aparecida de Oliveira Siqueira Cardoso*  
Elta Aparecida de Oliveira Siqueira Cardoso  
Secretária Municipal de Educação e Cultura

**Sr. Alexandre Hering**

Diretor da Empresa Arqueológica

## CARTA DE INTENÇÃO

O **MUNICÍPIO DE TAPIRA-MG**, com sede localizada à Rua Cristino Ribeiro de Rezende, 32, Centro de Tapira-MG, pessoa jurídica de direito público interno, inscrito no CNPJ sob nº 18.140.805/0001-40, neste ato representado por sua **PREFEITA MUNICIPAL, MAURA ASSUNÇÃO DE MELO PONTES**, brasileira, casada, educadora, portadora do RG: MG-5.205.506 e inscrita no CPF: 718.875.206-00, residente e domiciliada à Rua Gustavo Augusto de Carvalho nº 196, Centro, Tapira-MG, conforme reunião informativa realizada em 13 de maio de 2021, no gabinete da prefeita, vem pela presente, **manifestar interesse na celebração de Termo de Cooperação para a construção do Museu na Cidade de Tapira-MG, a ser executado pela Mineradora Mosaic**, e como contrapartida o Município se compromete a arcar com as obrigações, a seguir:

Doar o terreno, onde será construído o Museu;

Criar a fundação e colaborar na gestão administrativa da fundação;

Arcar com 50% (cinquenta) por cento, das despesas operacionais, pelo período de 30 (trinta) anos prorrogável por igual período;

Desde já, aguardamos a definição de uma data para nova reunião, com a definição do Cronograma de Execução das obras e implantação do Museu.

Sem mais para o momento, elevo protestos de estima e considerações.

Tapira-MG, 13 de maio 2021.



**MUNICÍPIO DE TAPIRA - CNPJ 18.140.806/0001-40**

**MAURA ASSUNÇÃO DE MELO PONTES**

**(CPF 718.875.206-00)**



## **APÊNDICES**

Banners e Folders produzidos para a I Mostra do patrimônio Cultural de Tapira e para a II Mostra do patrimônio Cultural de Tapira



# I Mostra do Patrimônio Cultural **TAPIRA**

(MG)



**29/11 A 06/12/2017**

**LOCAL: CASARÃO (RUA A. JOSÉ BARCELOS)**

**CERIMÔNIA DE ABERTURA\*: 29/11 ÀS 19 HORAS**

**LOCAL: CÂMARA MUNICIPAL**

**\*APÓS A CERIMÔNIA DE ABERTURA SERÁ SERVIDO UM  
CAFÉ CULTURAL NO CASARÃO. ESPERAMOS VOCÊS LÁ!**

**A ARQUEOLOGIKA CONSULTORIA EM ARQUEOLOGIA, NUMA PARCERIA COM A PREFEITURA MUNICIPAL DE TAPIRA,  
ATRAVÉS DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA, TEM A HONRA DE CONVIDAR OS  
CIDADÃOS TAPIRENSSES PARA A I MOSTRA CULTURAL DE TAPIRA.**

REALIZAÇÃO

APOIO

PATROCÍNIO



**arqueologika**  
consultoria em arqueologia e ações patrimonialistas



PREFEITURA DE  
**TAPIRA**  
GESTÃO 2017 - 2020



CENTRO DE  
ATENDIMENTO  
MÚLTIPLO DOS  
TALENTOS DE  
ARAXÁ

VALE FERTILIZANTES



**VALE**

# I Mostra do Patrimônio Cultural TAPIRA (MG)



## INVENTÁRIO PARTICIPATIVO E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

A I Mostra do Patrimônio Cultural de Tapira tinha como objetivo contar uma história.

Desde que começamos a produzi-la, no entanto, percebemos que contar uma história seria fácil. Mais difícil (porém mais divertido e emocionante) seria contar várias histórias: juntar percepções, lembranças, personagens, lugares e gerações.

E assim surgiu uma linda parceria entre a Arqueologika, a Vale Fertilizantes, a Prefeitura Municipal de Tapira (através da Secretaria Municipal de Educação e Cultura), o CAMTA (Centro de Atendimento Múltiplo dos Talentos de Tapira), e a comunidade tapirense. Desde então, nossa busca foi conjunta em desenvolver um trabalho integrado que pudesse contribuir para a inserção/consolidação da temática patrimonial entre diversos grupos da comunidade local.



EXPOSIÇÃO EM SALA DE AULA REALIZADA PELOS PROFESSORES DA ESCOLA MUNICIPAL ALVINA ALVES DE REZENDE E ESCOLA ESTADUAL PROF. CECÍLIA MARIA DE REZENDE NEVES

O diálogo entre gerações não teria sido possível sem a parceria com os jovens vinculados ao CAMTA, que se esforçaram bastante na confecção do I Mapa do Cultural de Tapira. Foram diversos encontros, discussões e brincadeiras e através das quais referenciais patrimoniais foram esboçados e concretizados nesse que é um produto extremamente criativo. Nossa surpresa foi não apenas perceber que esses jovens tem futuro, mas que valorizam o passado na imortalização da memória dos seus antepassados. Recontam histórias que é uma beleza!



OS ALUNOS DO PROJÓVEM (CAMTA) PERCORRERAM, OBSERVARAM E REGISTRARAM OS BENS CULTURAIS DE TAPIRA



PESQUISA E REGISTRO PARA O INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO MATERIAL, REALIZADO EM 2011 PELA EQUIPE DA ARQUEOLÓGIKA



PROFESSORES DA CRECHE MUNICIPAL MARÍLIA ASSUNÇÃO FERNANDES E CEMEJ COMEÇINHO DE VIDA APRESENTAM PESQUISA SOBRE OS BENS CULTURAIS DE TAPIRA



Essa conversa não teria sido tão produtiva sem a contribuição dos educadores de Tapira, que se reuniram através do curso **Os Sentidos na Lembrança: Diálogos Com Educadores** para que pudéssemos aprender mais sobre os temas “arqueologia”, “patrimônio cultural”, “inventário participativo” e “educação patrimonial”. Os educadores também contaram sobre seus esforços em sala de aula para despertar nos alunos o interesse pelo patrimônio cultural tapirense. Ao mesmo tempo, os encontros estiveram recheados de histórias, propostas preservacionistas e sentimentos de que a memória tapirense seja apropriada pelas futuras gerações.



PROFESSORES DA ESCOLA VICENTE P. FERNANDES (FAZ. PALMEIRAS) APRESENTAM SUA PESQUISA SOBRE OS BENS CULTURAIS DE TAPIRA

A escolha do Casarão para abrigar a **Mostra** não foi trivial: trata-se de uma das edificações mais antigas da cidade, constituindo-se como importante marco histórico e arquitetônico do município. Em cada um de seus cômodos será possível observar os diferentes aspectos da cultura tapirense, representada através de objetos que não apenas contam histórias antigas, como suscitarão novas memórias. Não se esqueçam de apreciar as janelas, que são aberturas para as mais belas paisagens de Minas Gerais.

A **I Mostra Cultural de Tapira** caracteriza-se, portanto, como uma socialização desses trabalhos e como um convite à comunidade tapirense para compartilhar olhares sensíveis a respeito de seu rico patrimônio cultural.

# CAMINHOS PARA O REDESCOBRIMENTO

## PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS NO SÍTIO ARQUEOLÓGICO VALTER DENTISTA



No ano de 2003, em uma área de plantio situada nas proximidades do Córrego da Cachoeira, moradores de Tapira encontraram vestígios do que parecia ser um antigo cemitério indígena. Os achados (que incluíam ossadas, potes e “cacos cerâmicos”) foram analisados por um ilustre morador local conhecido como Senhor Valter Dentista.

Nos anos seguintes essa região foi estudada por novos pesquisadores, que tinham como objetivo entender o significado histórico e cultural desses vestígios, procurando as respostas para perguntas como: há quanto tempo esses vestígios estão enterrados? Qual o (os) grupo (grupos) responsável por sua produção? Como era o cotidiano dessas pessoas? Quais as tecnologias conhecidas/utilizadas na época?



ARQUEÓLOGOS REALIZANDO ESCAVAÇÕES NO SÍTIO ARQUEOLÓGICO VALTER DENTISTA

A região da bacia do rio Araguari, onde está inserido o município de Tapira e o sítio arqueológico Valter Dentista, abriga uma grande concentração de sítios arqueológicos. Ali já foram encontrados diversos sítios lito-cerâmicos a céu aberto, muitos deles situados em colinas. Na maior parte das vezes, esses vestígios estão fragmentados e/ou bastante desgastados pela ação do tempo e pelas próprias condições ambientais da região na qual estão depositados – como no caso do sítio arqueológico Valter Dentista.

Para arqueólogos isso não é um problema, já que esta ciência vem, ao longo dos anos, desenvolvendo métodos e técnicas para localizar e retirar informações desses vestígios, mesmo que estes estejam em condições de conservação aparentemente ruins. Nesse sentido, “cacos” escavados em sítios arqueológicos são tratados com muito cuidado em laboratório, de modo que novas informações possam ser descobertas.

O principal objetivo das atividades desenvolvidas em laboratório é garantir o tratamento adequado aos vestígios arqueológicos coletados, refinando as informações obtidas em campo. O material é higienizado, identificado e classificado. Todas as peças são registradas através de desenhos e fotografias, e são guardadas em locais apropriados.



CERÂMICA EXPOSTA NO SÍTIO ARQUEOLÓGICO VALTER DENTISTA

ARTEFATO CERÂMICO ENCONTRADO NO SÍTIO ARQUEOLÓGICO VALTER DENTISTA

ARTEFATO LÍTICO ENCONTRADO NO SÍTIO ARQUEOLÓGICO VALTER DENTISTA

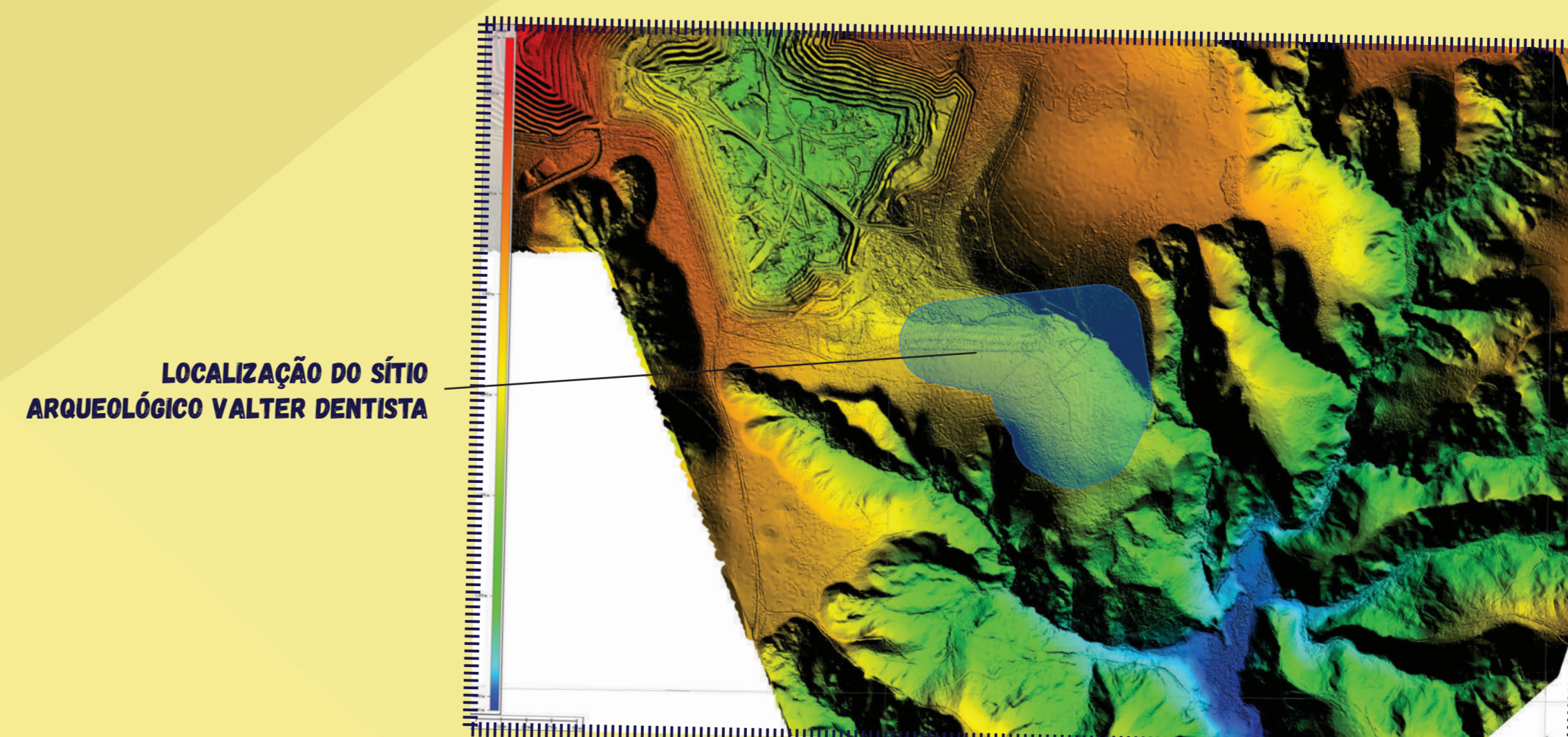
A busca por esse entendimento faz parte dos objetivos de uma ciência chamada Arqueologia, a qual procura conhecer aspectos relacionados à história e cultura de grupos humanos através da análise dos vestígios materiais por eles produzidos, utilizados e descartados ao longo do tempo.

As pesquisas que estão em curso no Sítio Arqueológico Valter Dentista vêm confirmando as hipóteses dos moradores de que aqueles vestígios estão relacionados aos grupos indígenas. Trata-se de grupos agricultores ceramistas que ocuparam a região muito antes de iniciado o processo de colonização. Além disso, nele foram encontrados vestígios relacionados à exploração mineral dos séculos XVII e XVIII, além de restos de taperas antigas. O entendimento do significado desses vestígios pode contribuir para uma melhor elucidação sobre o processo de ocupação do estado de Minas Gerais e do Brasil como um todo.



LIMPEZA DE MATERIAL ESCAVADO NO SÍTIO ARQUEOLÓGICO VALTER DENTISTA

ANÁLISE MICROSCÓPICA FEITA EM LABORATÓRIO



LOCALIZAÇÃO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO VALTER DENTISTA

# TAPIRA RURAL



Nas conversas sobre o *patrimônio cultural tapirenses* são notáveis as menções aos costumes, produtos artesanais da fazenda e às belezas naturais presentes na zona rural.

As fazendas (ou “roças” como também são conhecidas) não são apenas lugares onde se produz, mas também espaços de lazer, onde famílias e amigos se reúnem para apreciar as delícias da culinária local, para andar a cavalo ou para desfrutar da tranquilidade e do conforto proporcionados pela natureza.

“O tempo na vida rural é diferente do tempo na vida urbana. Na zona rural, levantar cedo, tratar os animais, tirar o leite que irá para a mesa do café, comer alimentos produzidos na propriedade, trabalhar em contato com a terra e seguir os horários do sol são hábitos comuns. A zona rural segue mais a lógica da natureza, enquanto, nos espaços urbanos, em virtude das condições específicas do trabalho, segue-se uma lógica artificial mais atrelada ao “tempo do relógio”.<sup>1</sup>”



MONJOLÓ FAZ. VENERANDA

RODA D'ÁGUA QUE FOI USADA NO ANTIGO ENGENHO (TAPIRA)

As paisagens e aspectos da natureza de Tapira encantam a todos, mas foi uma árvore em especial foi inspiração para poesias e contos, como esse de Waldomiro Oliveira:

O Ipê

*Saí de casa com a família, para dar um passeio pelo campo, na última quinzena de agosto.*

*Saímos a pé, porque somos pobres e não possuímos carros.*

*A caminho, logo passamos pela chácara de um amigo, onde vários animais pastavam a relva da verde campina.*

*Em uma encosta próxima estava um ipê florido. Suas flores amarelas não deixavam ver sequer um galhinho da frondosa árvore, pois a cobriam completamente.*

*Meu filho de doze anos, observando a árvore tão garbosa, quis saber o porquê da ausência total de folhas.*

*Expliquei-lhe que os ipês, durante o inverno, perdiam todas as folhas, na véspera da primavera, cobria-se de flores e que estas duravam no máximo quinze dias. Disse, mais, que após o desaparecimento das flores com a entrada da primavera, suas lindas folhagens apareciam novamente.*

*Nos finais de outubro, meu filho fez questão de visitarmos o pé do ipê, também feiamente chamado de pau d'arco.*

*Para lá seguimos, apreciando a paisagem, numa linda manhã de primavera!*

*Lá estava o ipê, todo garboso, enfeitando-se com verde brilhante de sua linda folhagem, contrastando com os diversos matizes da nossa rica e exuberante paisagem!*

*Conversando, contei-lhe que o ipê é a árvore-símbolo do Brasil!*

*Não há nesta maravilhosa terra de encostas, campinas ou cerrados que não se encontre no final do inverno, esta árvore espalhada de Norte a Sul do Brasil, ostentando o amarelo-ouro da Bandeira Nacional e outros matizes, como o roxo, completando as maravilhas visuais da natureza, colocadas por Deus nesta “Terra de Santa Cruz”.*

*Waldomiro Rosa de Oliveira, Tapira, 2 de novembro de 1989.<sup>2</sup>*

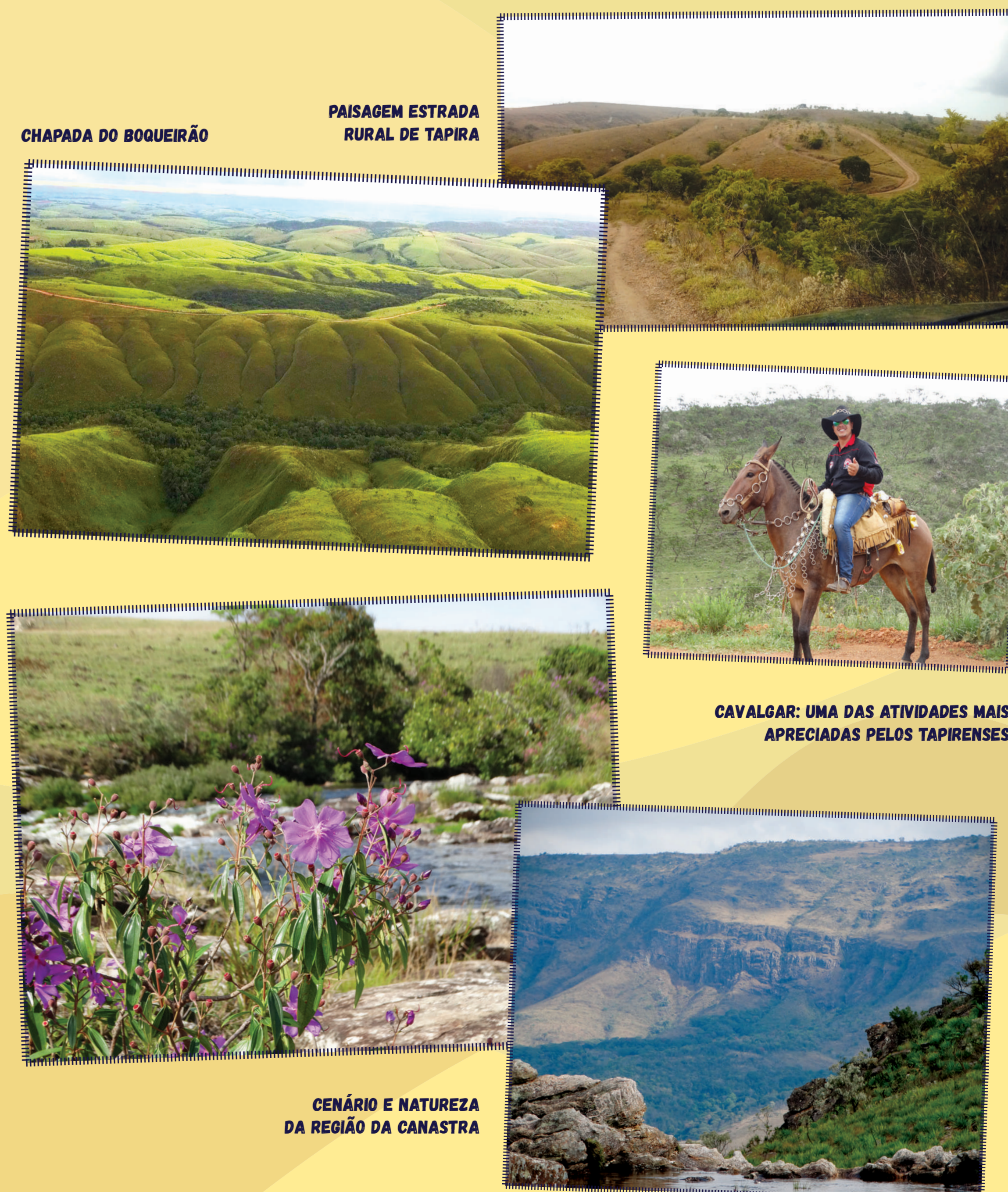


ENGENHO E VISTA DA FAZENDA VENERANDA

FAZENDA CAMPO ALEGRE

O CAMPO VAI ATÉ A CIDADE ATRAVÉS DE MANIFESTAÇÕES CULTURAIS, COMO O ENCONTRO DE CARROS DE BOI

Também é na zona rural onde se encontram um dos maiores atrativos para os moradores e turistas que conhecem Tapira: as cachoeiras. Nos finais de semana, os residentes de Tapira trocam a zona urbana pela rural, para relaxar em alguma das muitas quedas de água cristalina que estão espalhadas por todo território da cidade. Entre elas podemos citar a dos Bandeirantes, da Chiquinha, dos Evaristos, dos Perobas, do Nute... E não para por aí. O cenário da zona rural está repleto de paisagens de sua natureza exuberante. Exemplo disso é a Serra do Boqueirão, montanha de encostas verdejantes. Do “alto do Boqueirão” é possível apreciar uma das melhores vistas da cidade de Tapira.



CHAPADA DO BOQUEIRÃO

PAISAGEM ESTRADAL RURAL DE TAPIRA

CAVALGAR: UMA DAS ATIVIDADES MAIS APRECIADAS PELOS TAPIRENSES

CENÁRIO E NATUREZA DA REGIÃO DA CANASTRA

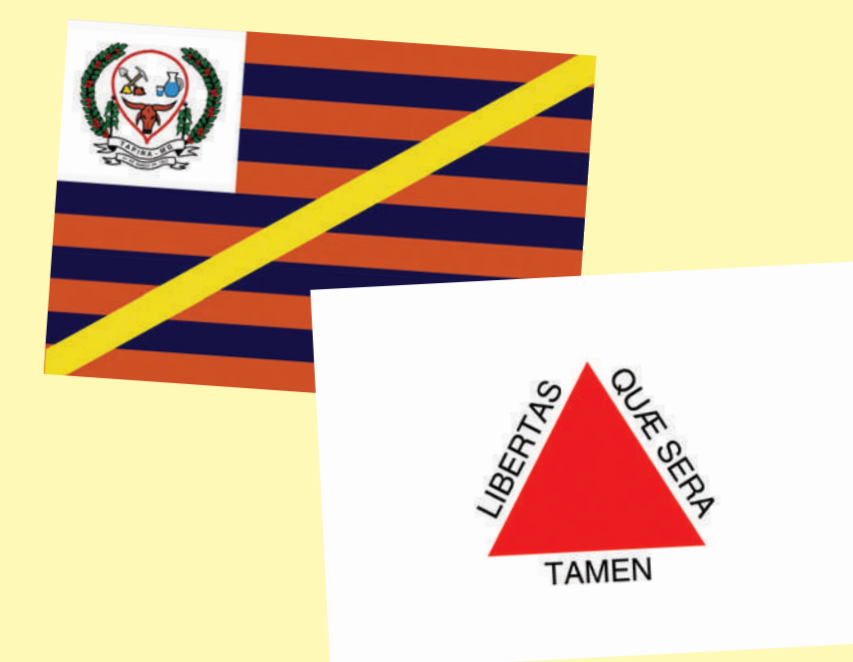
A zona rural de Tapira é cenário de diversas atividades, desde um passeio sereno como o do Sr. Waldomiro e seu filho, até eventos mais radicais como as trilhas feitas por carros e motos em eventos como *OffRoad Tapira*, apreciado principalmente pelos jovens tapirenses. Os aspectos da vida rural, portanto, estão presentes tanto no cotidiano de quem mora na fazenda, quanto de quem mora na cidade

<sup>1</sup> THIES, Vânia Grim. A escrita no cotidiano da zona rural: os diários de dois agricultores. In: Revista Roteiro, Joaçaba, v. 33, n. 1, jan./jun. 2008. Disponível em: <http://editora.unoesc.edu.br/index.php/roteiro/article/view/321/70> (Acesso em outubro de 2012).

<sup>2</sup> OLIVEIRA, Waldomiro Rosa de. História de Tapira. Uberaba: Editora Vitória Ltda, 2003. 252 p. 1ª Edição.

I Mostra do Patrimônio Cultural

**TAPIRA** (MG)



**PESSOAS QUE  
CONTRIBUÍRAM NA  
CONSTRUÇÃO DA  
HISTÓRIA DE TAPIRA.**

**DEIXARAM MARCAS  
QUE NÃO SE APAGAM!**



# OLHARES RE-CRIATIVOS



**CRIAR, RECRIAR E RECREAR: PENSEMOS NESSES TRÊS VERBOS E SEUS RESPECTIVOS SIGNIFICADOS.**

Agora, a partir deles vamos inventar uma nova palavra, cujo significado remonte à ideia de “exercitar olhares re-criativos”. Necessariamente, esse exercício deverá ser um processo divertido, inventivo, crítico e observador, como aquele feito pelos jovens vinculados à turma 2017 do CAMTA.

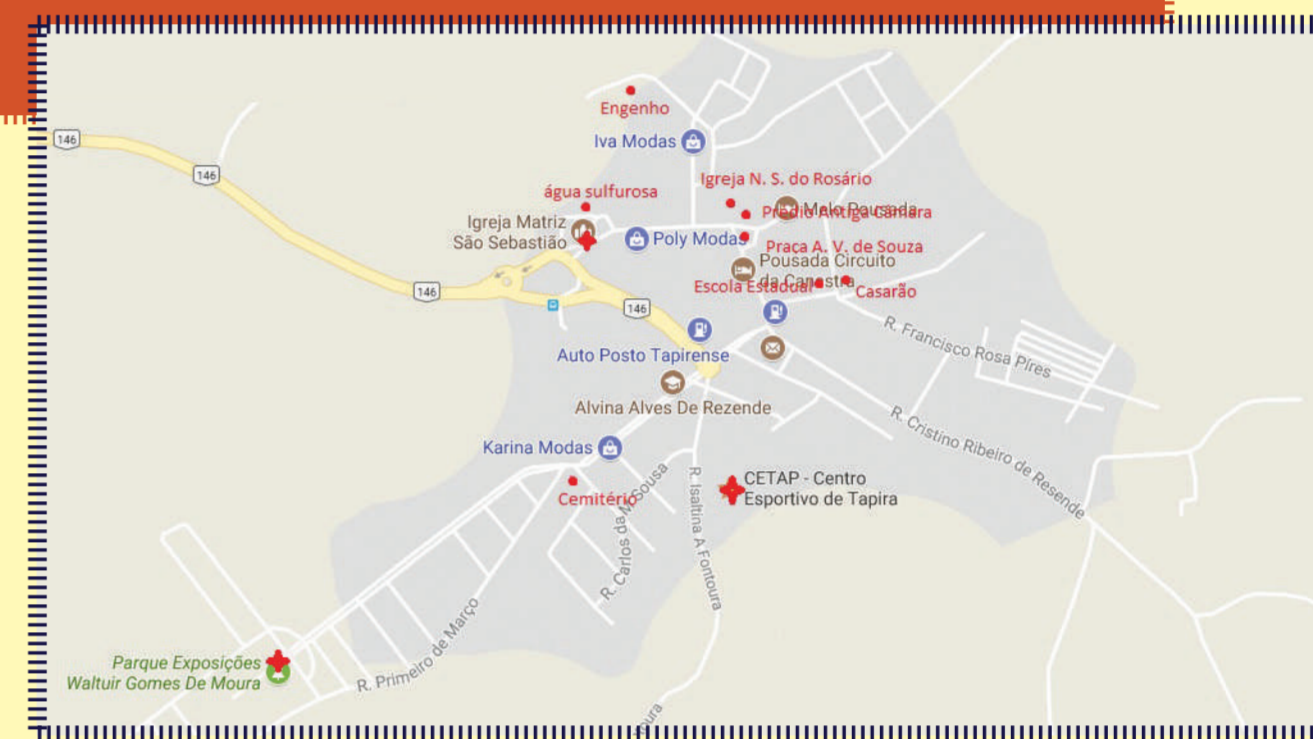
**IDENTIDADE: QUAIS SÍMBOLOS NOS REPRESENTAM?**

Para dar início à criação do Mapa Cultural, os jovens foram estimulados a pensar em **IDENTIDADE**, na medida em que pensavam e criavam os símbolos que os representava (crachás).



**IDENTIDADE CULTURAL: QUAIS SÃO E ONDE ENCONTRAMOS OS SÍMBOLOS E OBJETOS QUE REPRESENTAM TAPIRA?**

A partir do conceito de patrimônio cultural, buscamos apontar os bens culturais de Tapira.



**RE-CRIAÇÃO**

**MAPA CULTURAL TAPIRA** (MG)  
**UM PROCESSO DE RE-CRIAÇÃO**

**QUAIS OS BENS DEVEM SER INSERIDOS/EXCLUÍDOS DO MAPA?**

O processo de re-criação do Mapa se caracteriza como ação de educação patrimonial, já que consiste num exercício constante do olhar para o patrimônio cultural de Tapira, num movimento que permite que outras crianças e jovens participem do processo de escolha de como representar sua cidade.

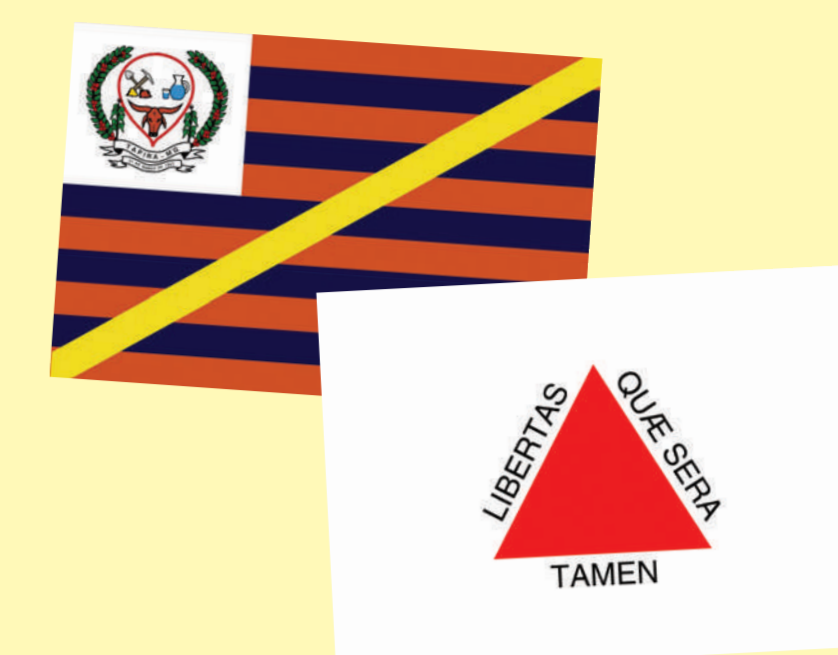
**ELABORAÇÃO DE ROTEIRO CULTURAL:** o roteiro foi criado e percorrido para realização do registro fotográfico dos bens culturais de Tapira (fotos abaixo).

**ELABORAÇÃO DO MAPA CULTURAL DE TAPIRA**

A partir dos bens citados, vários “mapas culturais” foram criados, onde os jovens deveriam expressar artisticamente suas escolhas de representação desses bens, além de sugerir soluções de simbologia e organização (mapas).



# COZINHA TAPIRENSE



A cozinha mineira tem seus sabores marcados pela diversidade cultural de matrizes indígenas, africanas e de colonos europeus, cujos temperos foram trabalhados com ingredientes e “modos de fazer” locais. A mineração também contribuiu muito para essa diversificação, já que essa atividade atraiu pessoas de todas as partes do país. Em Tapira essas afirmações ganham contornos especiais, de modo que não ha como conhecer uma casa tapirense sem antes se deliciar pelos produtos da cozinha.

A imagem de um grande fogão à lenha com panelas e tachos fumegando e exalando uma mistura deliciosa de cheiros inconfundíveis, para qualquer pessoa que já tenha experimentado a culinária mineira, é o retrato da cultura local<sup>1</sup>. A comida, para além de sua materialidade, envolve as dimensões simbólicas de uma sociedade, pois nela estão presentes as histórias, as tradições, os modos de produção e a identidade cultural de um povo:



GRÃOS DE CAFÉ – FAZ. VENERANDA



FEIRA LIVRE DE TAPIRA

O queijo minas artesanal, na região conhecido como Queijo Canastra, se destaca como bem patrimonial da região, como saber tradicional cuja técnica é passada de geração em geração. Caracterizado por ser feito a partir do leite cru ordenhado no mesmo dia e com a utilização do “pingo”, fermento lácteo natural, pode ser consumido fresco ou curado apresentando, neste último caso, “consistência mais firme e sabor mais acentuado”. O queijo de Tapira é um bem cultural de grande importância para a vida dos tapirenses, constituindo parte da identidade local, pois possui valor histórico-cultural fazendo parte da culinária tradicional mineira, desde as primeiras fazendas mineiras auto-suficientes do século XVIII.

O modo de fazer artesanal, com produtos frescos colhidos nas hortas das casas e fazendas, ou adquiridos na Feira Livre de Tapira é que dão o tempero especial para essa cozinha, que traz à memória os sabores do campo que marcam a história da região.



TÉCNICA DE PRODUÇÃO DO QUEIJO CANASTRA – PRODUÇÃO DO SR. AGENOR LUIZ SIMÕES



O QUEIJO ARTESANAL É FUNDAMENTAL NA COZINHA DO TAPIRENSE – PROPRIEDADE DO SR. AGENOR LUIZ SIMÕES



FOGÃO À LENHA – FAZ. VENERANDA



FORNO DE BARRO – FAZ. VENERANDA



TÉCNICA DE PRODUÇÃO DO QUEIJO CANASTRA – FAZ. CAMPO ALEGRE

*Como um fenômeno social, a alimentação não se restringe a ser uma resposta ao imperativo de sobrevivência, ao ‘comer para viver’, pois se os homens necessitam sobreviver (e, para isso, alimentar-se), eles sobrevivem de maneira particular, culturalmente forjada e culturalmente marcada. Ou seja, os homens criam ‘maneiras de viver’ diferentes, o que resulta em uma grande diversidade cultural.<sup>2</sup>*

O povo mineiro é dedicado conhecido por sua hospitalidade. A cozinha, portanto, se torna espaço de convivência, onde quem chega é bem recebido com os produtos típicos, como o café com grão descascado no pilão do monjolo, o pão de queijo feito com o ‘grosa’ obtida do queijo canastra, o biscoito de polvilho feito no fogão a lenha. Para um almoço, outros pratos, como o tutu de feijão com torresmo, a carne na manteiga ou a carne seca, defumada no fogão com a lenha, ou a famosa galinhada. De sobremesa, o arroz doce, pamonha, mingau de milho verde, rapadura ou doces em calda.



HORTA DA CASA DA SRA. APARECIDA FREITAS



FOGÃO DE BARRO E TACHO DE COBRE – CASA DA SRA. APARECIDA FREITAS



TÉCNICA DE PRODUÇÃO DE FARINHA DE MANDIOCA – FAZ. CAMPO ALEGRE



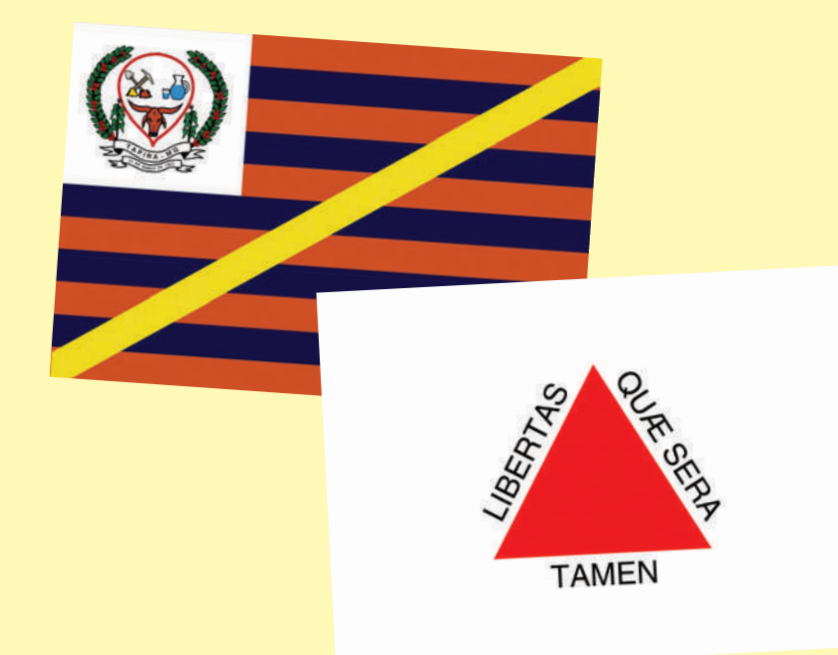
MOEDOR DE FERRO – CASA DA SRA. APARECIDA FREITAS

<sup>1</sup> TORRES, Daniela A. R., MARTINS, Bruna L. RAPOSO, Amanda A. Relação entre a culinária mineira e o desenvolvimento de minas gerais no SÉCULO XVIII. In: XVII Seminário sobre a economia mineira [recurso eletrônico]: anais. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2016.  
<sup>2</sup> MACIEL, M. E. Cultura e Alimentação. Horizontes Antropológicos - UFRGS, 2002.



# RIQUEZAS TAPIRENSES

## PATRIMÔNIO CULTURAL E MEMÓRIA EM TAPIRA/MG



Reviver memórias é, sem dúvidas, um processo que nos faz suspirar. Garantir que elas continuem a afagar os corações das futuras gerações, no entanto, é um desafio. Entende-se por patrimônio cultural o conjunto de bens de natureza material ou imaterial que fazem referência a essas memórias, à história e cultura de um povo. Possuem um valor inestimável, valor afetivo, não podendo ser “medido” financeiramente.

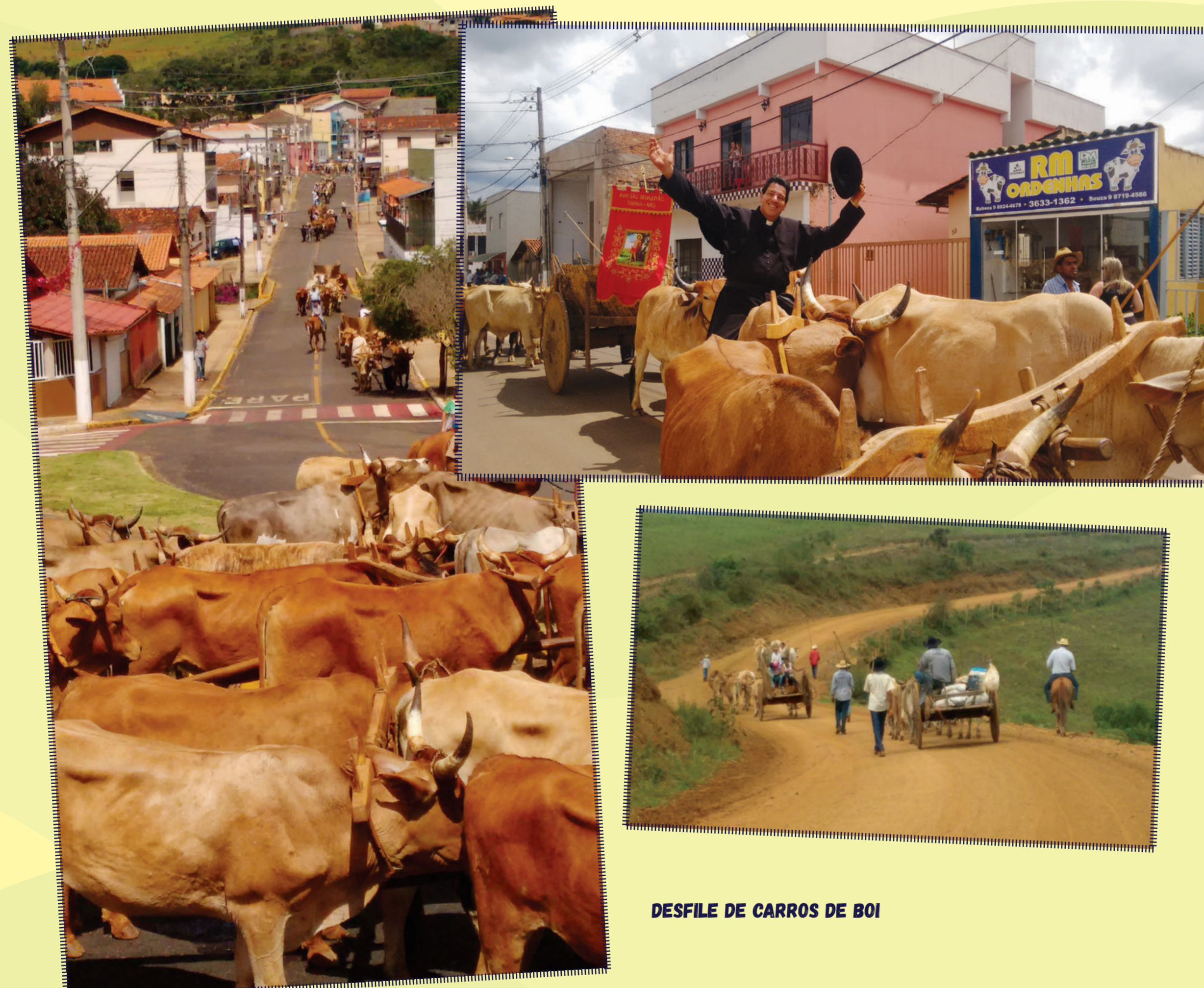
O poder público federal, através do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), é o órgão que cuida da gestão do Patrimônio Cultural Brasileiro. A instituição define como patrimônio cultural todas as formas de expressão criadas pelas sociedades que, com o tempo, são agregadas às das gerações anteriores. Esse conceito se aplica aos bens de natureza material (como os sítios arqueológicos, o patrimônio paisagístico e etnográfico, as belas artes e artes aplicadas) e imaterial (como os saberes, as celebrações, os ofícios e as formas de expressão). Já o poder público estadual, através do Instituto Estadual do Patrimônio



CARTAZ DE VALORIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL FEITO PELOS PROFESSORES DA E.M. VICENTE PEREIRA FERNANDES



CARREIROS PREPARANDO OS BOIS PARA O DESFILE



DESFILE DE CARROS DE BOI

Alguns desses bens estão em ruínas (como a bica de água sulfurosa). Outros estão bem preservados (como o casarão que abriga essa Mostra). Alguns são rememorados até os dias de hoje (como a cavalgada e a folia de Reis). Outros estão presentes somente na memória de alguns moradores locais (como a benzeção). Para garantir a preservação desses bens é importante que as comunidades participem da constante construção de inventários culturais, destacando os elementos que julgam representativos da memória local.



FESTA DE SÃO SEBASTIÃO

Histórico e Artístico de Minas Gerais – IEPHA/ MG, empenha-se na preservação e conservação dos bens que compõem o rico acervo cultural mineiro, desenvolvendo políticas específicas para sua preservação.

No município de Tapira são muitos os bens patrimoniais conhecidos e valorizados pela população. São celebrações, como a Festa de São Sebastião, a Folia de Reis e a Cavalgada; edificações como a Igreja de São Sebastião, Igreja Nossa Senhora do Rosário e o Casarão; formas de expressão como a Catira e a Congada; lugares como a bica de água sulfurosa, cachoeira Cascatinha, local conhecido como Engenho, local conhecido como Mata; ofícios como o artesanato em madeira, a benzeção, a produção e restauro de carros de boi, o cultivo de feijões, a produção de sal e lama sulfurosas, a produção do queijo canastra, a selaria e o tear manual.

DONA MARIINHA, DETENTORA DE MUITOS CONHECIMENTOS SOBRE A HISTÓRIA DE TAPIRA

ENTREVISTA COM SR. ANGELO AZARIAS



PREPARAÇÃO DO QUEIJO CANASTRA

FAZENDA PALMEIRAS





# MAPA CULTURAL TAPIRA (MG)

1. ENGENHO
2. BICA DE ÁGUA SULFOROSA
3. FESTA DE SÃO SEBASTIÃO
4. IGREJA MATRIZ DE SÃO SEBASTIÃO
5. IGREJA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO
6. PRAÇA ANTONIO VENÂNCIO DE SOUZA
7. ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA CECILIA MARIA DE REZENDE NEVES
8. CASARÃO
9. FEIRA LIVRE DE TAPIRA
10. CETAP – CENTRO ESPORTIVO DE TAPIRA
11. CEMITÉRIO MUNICIPAL
12. PARQUE DE EXPOSIÇÕES WALTUIR GOMES DE MOURA



# II Mostra do Patrimônio Cultural **TAPIRA** (MG)



**23/10 A 23/11/2018**

**LOCAL: CASARÃO MARINHA BARCELOS**  
(RUA FRANCISCO ROSA PIRES, 139)

**CERIMÔNIA DE ABERTURA: 23/10 ÀS 19 HORAS**  
**LOCAL: CÂMARA MUNICIPAL**

A ARQUEOLOGIA CONSULTORA EM ARQUEOLOGIA E NEGÓCIOS SOCIOCULTURAIS E A MOSAIC FERTILIZANTES, EM PARCERIA COM A PREFEITURA MUNICIPAL DE TAPIRA, ATRAVÉS DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA, TÊM A HONRA DE CONVIDAR OS CIDADÃOS TAPIRENSES PARA A II MOSTRA DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE TAPIRA.

REALIZAÇÃO

APOIO



# MINHAS MEMÓRIAS, NOSSA TAPIRA

**“A VIDA NÃO É A QUE A GENTE VIVEU, E SIM A QUE A GENTE RECORDA, E COMO RECORDA PARA CONTÁ-LA.” (GABRIEL GARCIA MARQUES, 2003)**

Sabe quando você para pra contar causos engraçados, quando lembra do “jeito” que alguém faz (ou fazia) uma receita, quando se espanta ao ver uma foto dos seus familiares ou mesmo da sua cidade “anos atrás”? Que sensação boa, não é?

Certamente nesses momentos seu coração palpita, trazendo personagens e lugares que são marcantes na sua trajetória. Melhor ainda: essas lembranças preenchem um novo espaço no seu cotidiano, podendo virar lindíssimas histórias para as novas gerações.

Valorizar os saberes, os fazeres, os lugares e os espaços de memórias são desafios diários, que alimentam pessoas de todas as idades.



Com isso em mente desenvolvemos a oficina **Minhas Memórias Nossa Tapira**, que teve como princípio motivar o grupo da melhor idade a rememorar histórias, tendo objetos e fotografias como estímulo ao seu compartilhamento com a juventude.

Foram colchas feitas no tear manual, rendas, fotografias, pilões, bingas, notas promissórias, cadernetas de vendinhas, tachos de cobre, cardas, matracas, berrantes e diversos outros objetos. Cada um deles nos levou para histórias e lugares especiais na história tapirense: aos bailes no Casarão Mariinha Barcelos, às plantações de algodão espalhadas pelas fazendas, às rodas de conversa entre familiares e vizinhos, conectadas por copos de café, pedacinhos de queijo e lascas de rapadura...

Por entre as risadas dos contadores de histórias era quase possível ouvir os violeiros animando as serestas na pracinha, ou os murmurinhos das moças com os cabelos divinamente penteados aguardando pelo cortejo respeitoso dos moços...

É por essas e outras que valorizamos cada um dos atos de “remeximento” das memórias. Seja ao conversar com um conhecido, ou ao vasculhar gavetas e cada cantinho de sua casa, garantimos que a palpitação no coração estará garantida!

E você, que histórias tem pra contar?



# RECRIANDO NOSSO PATRIMÔNIO

O “despertar” dos nossos sentidos para as artes e para o patrimônio cultural promovem a abertura de muitas novas janelas de habilidade e conhecimentos, possibilitando um universo de autoconhecimento e valorização de referenciais históricos.

Por meio das artes é possível desenvolver projetos que abrem as portas da imaginação e da reflexão crítica, especialmente quando estão conectadas com o patrimônio cultural.

Afinal, existe forma mais envolvente de vivenciar histórias do que poder recriá-las através das artes? Pinturas, colagens, teatro, desenhos, músicas, fotografias são algumas das linguagens que, quando utilizadas com objetivos pedagógicos claros, podem ter efeitos que duram a vida toda.



Foi com esse intuito que professores tapirenses desenvolveram atividades com seus alunos, propiciando a oportunidade de conhecer, registrar e documentar bens patrimoniais a partir do diálogo com a família e outros membros da comunidade, fortalecendo laços de identidade e cidadania.

Não espere para estimular o artista que há em você!



# POR DENTRO DO SÍTIO VALTER DENTISTA

Nas sociedades indígenas que praticam agricultura, são comuns as ferramentas elaboradas pelo polimento do granito ou do basalto, utilizadas nos trabalhos agrícolas. Exemplo melhor são as lâminas de machado, utilizadas para derrubada de árvores, e limpeza de terreno. Para se ter uma ideia da importância das ferramentas polidas nessas sociedades, muitas vezes elas são encontradas como acompanhamentos funerários nos sepultamentos. É o caso da peça retratada ao lado, encontrada dentro de uma urna funerária retirada da estrada rural que corta o sítio Valter Dentista.



A urna funerária compõe um contexto no qual uma série de objetos estão ligados ao sepultamento de uma pessoa. A escavação da urna (feita em laboratório) mostrou que os vestígios ósseos já estavam em avançado estado de decomposição restando apenas alguns ossos longos (das pernas ou braços), possivelmente algumas vértebras e vários dentes. Análises mais aprofundadas estão em andamento.

O material cerâmico foi o mais abundante encontrado no sítio. Algumas marcas encontradas nas análises cerâmicas do material do sítio Valter Dentista podem indicar como os objetos foram fabricados e os usos que as peças poderiam ter.

Por exemplo: as bolotas de argila indicam que as vasilhas estavam sendo produzidas no próprio local; a técnica de confecção (roleteamento) pode ser observada nas fraturas dos fragmentos; a presença de fuligem, uma espécie de cinzas que se conservam no material arqueológico, indica que as vasilhas foram utilizadas diretamente sobre o fogo.

Nas peças do sítio Valter Dentista foram identificados dois tipos de engobo na pasta cerâmica um com cor similar a grafite e outro de cor vermelha. A aplicação de engobo, que é uma espécie de revestimento colocado sobre a superfície das vasilhas, está relacionada a função de tornar a peça mais impermeável ou mais bonita. Além dos engobos, outros traços encontrados na cerâmica do sítio Valter Dentista parecem ter sido realizados para deixar a cerâmica mais bonita sendo esses incisões próximas a borda e apliques zoomorfos (pedaços de argila modelada na forma de animais colocados junto a borda das vasilhas).

As pesquisas laboratoriais estão em andamento, e sua continuidade irá trazer mais informações sobre o histórico de ocupação do sítio Valter Dentista. Os estudos realizados até o momento indicam que o sítio pode ter mais de 500 anos (ou seja, remonta a um período anterior à colonização europeia das Américas), e está relacionado a uma produção de cerâmica conhecida na arqueologia como “Tradição Aratu-Sapucai”. Essa tradição é ligada aos antigos povos falantes de línguas do tronco Macro-Jê, que habitavam as áreas de planalto dos estados de São Paulo e Minas Gerais; quase todo o sertão nordestino (principalmente Bahia e Sergipe); além de ocuparem praticamente todo o planalto central (região centro-oeste).



FRAGMENTOS CERÂMICOS  
COLETADOS NO SÍTIO  
VALTER DENTISTA



O MATERIAL DE COR CINZA BRILHANTE,  
QUE LEMBRA A COR GRAFITE, É UM  
ENGOBO PRODUZIDO COM MINERAIS.



A CAMADA ESCURA SOBRE A SUPERFÍCIE  
CERÂMICA É UMA CAMADA DE FULIGEM.



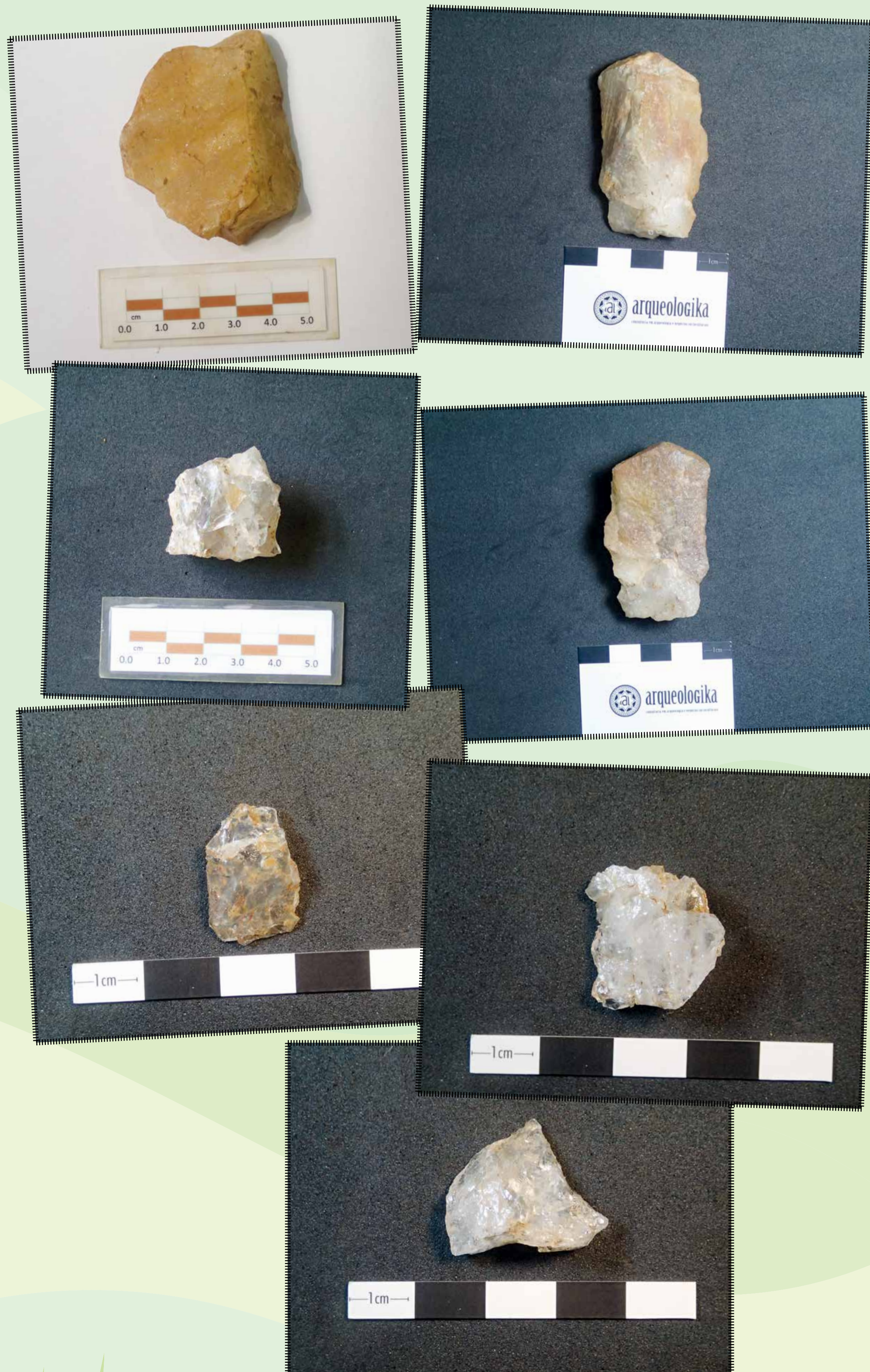
MARCA DOS ROLETES DE CERÂMICA SOBREPOSTOS, MAS  
NÃO CONECTADOS NA SUPERFÍCIE EXTERNA DA VASILHA.

# POR DENTRO DO SÍTIO VALTER DENTISTA

**O ANO DE 2018 FOI MARCADO PELO REFINAMENTO DAS PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS NO SÍTIO VALTER DENTISTA.**

Durante as atividades de campo, por exemplo, foram coletados mais de 11.500 artefatos cerâmicos e líticos. Já em laboratório todo o material foi higienizado, separado em categorias específicas, recebeu um número de registro e depois foi analisado, desenhado e fotografado. Todo esse processo tem como objetivo conhecer um pouco mais do cotidiano dos povos que ocuparam aquele espaço.

Dentre os achados destaca-se uma estrutura construída por pedras disponíveis no entorno. A partir desse aparente amontoado de pedras é possível atribuir aos seus construtores uma série de conhecimentos, técnicas e comportamentos sociais. Entre eles: o conhecimento profundo, e conseqüente domínio, do território, indicado pela exploração de diversas fontes de rochas, cada qual apropriada a uma determinada atividade; domínio de técnicas avançadas de obtenção e manutenção de fogo, e também de preparação e consumo de alimentos; o trabalho coletivo, e também o compartilhamento dos bens produzidos, entre os diversos membros da comunidade; a existência de eventos com grande consumo de comida e bebida, que pode ser por motivos ritualísticos, religiosos – ou simplesmente comemorativos, familiares, lúdicos.



Foram encontradas também pedras utilizadas como matéria-prima para a confecção de ferramentas. Diversas rochas são intencionalmente trabalhadas por lascamento, para produção de ferramentas duras, densas, que serviam a uma infinidade de atividades cotidianas: cortar, raspar, perfurar, atritar, bater, esmagar, projetar, etc. Muitas vezes, essas ferramentas eram utilizadas para fabricação de outras ferramentas, elaboradas em osso e madeira.

Mas nem todas as rochas são adequadas ao trabalho de lascamento. Muitas vezes, elas sequer estão disponíveis nas proximidades dos locais de moradia. Entretanto, são de importância fundamental para a economia das populações antigas. Por isso, muitas vezes as ferramentas encontradas nos sítios arqueológicos são elaboradas em matérias-primas trazidas de locais distantes, e por isso aparecem em pequena quantidade. Além de sugerir a circulação das populações indígenas por vastos territórios, isso implica em relações entre diversos povos, em uma rede de trocas de proporção continental.

Abaixo, lascas em quartzo, referentes à produção de ferramentas. O quartzo, principalmente em sua forma translúcida, foi a matéria-prima mais utilizada para o lascamento no sítio Valter Dentista.

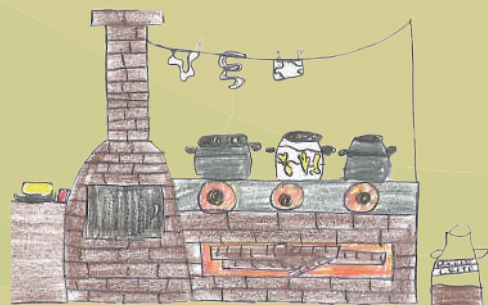


Ao organizar a **II Mostra do Patrimônio Cultural de Tapira** nosso objetivo principal foi expor os processos de recriação do patrimônio cultural feito pelos jovens tapirenses no ano de 2018. Essas recriações são a prova de que as lembranças históricas presentes na vida dos cidadãos locais estão vivas, e que ao lembrá-las estamos fortalecendo laços de identidade e garantindo às gerações futuras o direito à memória.

Ao longo do ano foram desenvolvidas diversas oficinas de modo a consolidar os vínculos da comunidade com o patrimônio cultural local, contribuindo para a construção de caminhos autônomos de preservação. Os jovens com os quais trabalhamos vieram da *E.M. Alvina Alves de Rezende*, *CEMEI Comecinho de Vida*, *E.M. Vicente Pereira Fernandes*, *E.E. Prof. Cecília Maria de Rezende Neves* e *CAMTA Tapira (Jovens Aprendizes)*.

Tão importante quanto conversar com esses jovens foi ouvir as histórias contadas pelo grupo da *Melhor Idade*, que trouxe outros pontos de vista sobre os bens patrimoniais elencados pelos jovens. Os encontros com os mais velhos mostraram que “vasculhar a memória” é um exercício que rejuvenesce os mais velhos e que enche de experiências os mais novos.

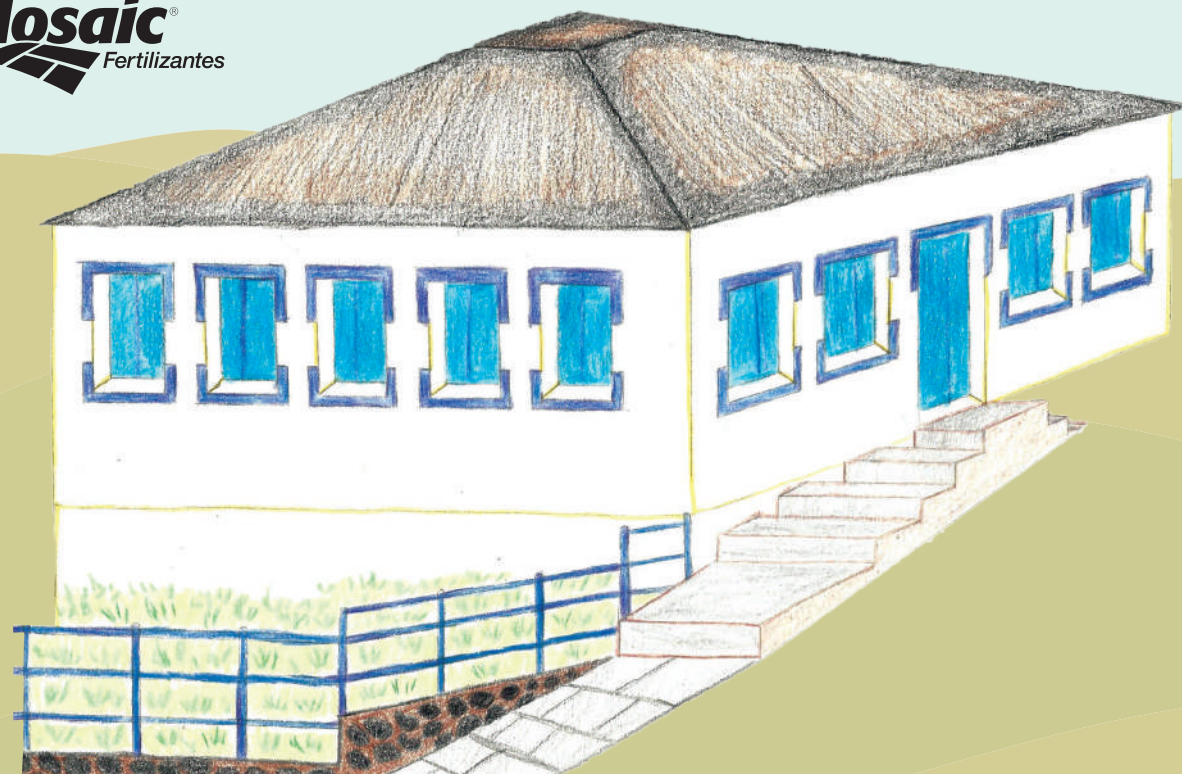
Histórias fazem brilhar os olhos de todas as gerações. Por isso, nunca deixe de remexer as gavetas da sua memória e de compartilhar as descobertas com seus parentes e vizinhos.



## REALIZAÇÃO



# II Mostra do Patrimônio Cultural TAPIRA (MG)







# MAPA CULTURAL TAPIRA (MG)

1. ENGENHO
2. BICA DE ÁGUA SULFOROSA
3. FESTA DE SÃO SEBASTIÃO
4. IGREJA MATRIZ DE SÃO SEBASTIÃO
5. IGREJA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO
6. PRAÇA ANTONIO VENÂNCIO DE SOUZA
7. ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA CECILIA MARIA DE REZENDE NEVES
8. CASARÃO
9. FEIRA LIVRE DE TAPIRA
10. CETAP – CENTRO ESPORTIVO DE TAPIRA
11. CEMITÉRIO MUNICIPAL
12. PARQUE DE EXPOSIÇÕES WALTUIR GOMES DE MOURA

